

O povoado islâmico dos alcariais de Odeleite. Uma *Qarya* no Algarve Oriental. Primeiros resultados arqueológicos

Filipe João Carvalho dos Santos
Arqueohoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.

1. Introdução

A estação arqueológica conhecida por alcariais de Odeleite localiza-se na freguesia de Odeleite, concelho de Castro Marim e distrito de Faro – coordenadas GAUSS: X-6.34.2, Y-41.33.7, CMP 1:25.000, fl. 583, ed. 1978 (Fig. 2).

Não se trata de um sítio arqueológico de todo desconhecido, tendo sido identificado por Helena Catarino em prospecções arqueológicas desenvolvidas nesta parte do Algarve Oriental, fazendo-o corresponder na periodização que elaborou sobre o povoamento rural islâmico nesta região à fase II – islâmico pleno e tardio (Catarino, 1997/98, p. 556).

Trata-se de um grande povoado rural (*Qarya*) composto por mais de uma dezena de casas e localizado, estrategicamente, próximo da ribeira de Odeleite. Desenvolve-se ao longo do topo de cabeços relativamente elevados e ligeiramente aplanados, tendo-se confirmado a presença de núcleos habitacionais em pequenas plataformas nas encostas desses mesmos cabeços.

Estas primeiras escavações arqueológicas realizaram-se no âmbito do projecto rodoviário relativo ao IC27 (Odeleite/Alcoutim), tendo o Instituto de Estradas de Portugal sido confrontado com a necessidade de promover a realização do estudo integral deste arqueossítio nos pontos interceptados pela construção do Restabelecimento 7B, nomeadamente através da determinação da dimensão da área arqueológica, estado de conservação e valor científico/patrimonial das estruturas/vestigios móveis eventualmente existentes.

Pela implementação do Restabelecimento 7B, esta estação arqueológica iria ser afectada em vertentes de três morros distintos, designados por SÍTIOS 1, 2 e 3, com pontos quilométricos centrais localizados aos Pks 1+740, 1+860 e 1+960 do projecto rodoviário.

Basicamente, pela presente intervenção pretendia-se a realização de uma escavação arqueológica a qual incidiria sobre os três sítios supramencionados, perfazendo um total aproximado de 3,536 m², por forma a estudarem-se todas as zonas objecto de expropriação e de escavação no âmbito da empreitada em curso.

Nesse sentido, e após os procedimentos legais através da adjudicação por parte do Instituto de Estradas de Portugal ao consórcio Arqueohoje/Geoarque, assim como a

devida autorização do Instituto Português de Arqueologia¹, os trabalhos tiveram início a 10 de Maio de 2004, prolongando-se até 02 de Setembro do mesmo ano.

O relatório final destes trabalhos foi aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia.

2. Constituição da equipa técnica

A intervenção arqueológica foi dirigida por Filipe João Carvalho dos Santos e João Miguel André Perpétuo, contando ainda com a colaboração dos seguintes investigadores: Pedro Sobral de Carvalho, António Manuel Gonçalves Chéney e Luís Filipe Coutinho Gomes (técnicos superiores da Arqueohoje), Luís Miguel Arez do Carmo, Daniel Gomes Rodrigues de Sousa, Rui Filipe Mendes Barbosa, Susana José Gomes Dias, Artur Jorge Rodrigues Fontinha, e Jorge Manuel Araújo Pinho (técnicos superiores em regime de recibo verde), Bruno Silva (finalista da licenciatura de arqueologia), Cláudio Filipe Miguel Jorge e Jorge Almeida (técnicos auxiliares de arqueologia), assim como Carlos Manuel Santos Rocha (técnico da Arqueohoje) e Sílvia Renata Roberta (directora do consórcio / técnica superior da Geoarque).

A coordenação científica foi da responsabilidade da Professora Doutora Helena Catarino.

3. A escavação arqueológica

3.1. Metodologia adoptada

As áreas intervencionadas foram designadas por SÍTIOS 1, 2 e 3. A escavação fez-se por sequências de estratos artificiais – camadas arqueológicas –, seleccionando-se e fazendo corresponder todos os materiais exumados a cada uma delas, bem como à sondagem ou quadrícula respectiva, contextualizando-se sempre e todo o tipo de material.

Privilegiou-se a escavação em *open area* nos SÍTIOS 2 e 3, tendo-se apenas escavado exclusivamente por valas de sondagem, num total de sete, o SÍTIO 1.

Após a limpeza do terreno pôde dar-se início à quadriculagem das áreas a intervir. No SÍTIO 2 quadriculou-se uma vasta área, subdividida em quadrículas de 2 metros de lado, com uma orientação NO/SE, tendo-se atribuído no eixo maior, das ordenadas (Y) números de 5' a 16; no eixo menor, das abcissas (X) atribuíram-se letras de A a P. O eixo principal da quadriculagem foi implantado a 297° N.

Após a finalização dos trabalhos de escavação no SÍTIO 2 pôde dar-se início à qua-

¹ Proc.º S-18395, of.º 06127, datado de 21.05.2004.

driculagem do SÍTIO 3. Orientada a 260° N, a quadriculagem regeu-se pela seguinte distribuição alfanumérica: foram dadas ao eixo menor, das abcissas (X) letras de B' a H; ao eixo maior, das ordenadas (Y) números, de 7' a 17.

Todas as fases da intervenção arqueológica foram alvo de registos por intermédio de desenho arqueológico, fotografia e vídeo.

Foi ainda feita a implantação da área escavada, por técnico especializado em topografia, na cartografia do projecto do restabelecimento 7B do IC27, tendo o levantamento exaustivo das estruturas sido feito pela equipa de arqueologia afectada aos trabalhos de campo.

A última fase dos trabalhos arqueológicos consistiu na desmontagem, de forma controlada, de grande parte das estruturas arqueológicas postas a descoberto. Algumas dessas estruturas, por se encontrarem fora do vértice de escavação do eixo rodoviário em construção puderam ser preservadas, correspondendo neste sítio a uma pequena franja, com uma largura média de seis metros, na extremidade norte da área por nós intervencionada.

A totalidade da área escavada nos três sítios foi de 1683 m².

Trabalhou-se, já em gabinete, uma área considerável da carta militar n.º 583 do serviço cartográfico do exército à escala 1:25.000, de modo a permitir a apresentação de uma reconstituição virtual em 3D² dos sítios arqueológicos, bem como de outras estações, referidas ao longo deste texto.

Todo o material recolhido em escavação foi posteriormente lavado, marcado e inventariado, encontrando-se em sacos e caixas dentro de contentores próprios para o efeito. Procedeu-se neste momento à colagem de alguns materiais por forma a serem desenhados e apresentados em futura publicação. O espólio arqueológico encontra-se em instalações próprias da empresa Arqueohoje.

Os desenhos de campo foram realizados por Filipe João C. Santos (planta geral do Sítio 2 e Sítio 3); João Perpétuo e Pedro Sobral de Carvalho (cortes estratigráficos); Susana Dias (planta geral do Sítio 2); Jorge Almeida e Luís Filipe Coutinho Gomes (planta geral do Sítio 3). Todos os desenhos e demais arranjos gráficos foram posteriormente tratados em gabinete pelo autor.

4. SÍTIO 1

Localizado entre o Pk 1+918 e o Pk 1+988 do traçado rodoviário, compreendia uma vasta encosta com cerca de 1802 m², de pendor bastante acentuado, sendo a cota superior de 42 m e a inferior de 30 m.

² Socorremo-nos para o efeito do programa SURFER, versão 8.0.

4.1. Resultados arqueológicos

Não foram identificadas na escavação das sete valas de sondagem quaisquer estruturas arqueológicas. No topo do cerro localizado a escassos metros deste local, para sudeste, verificámos a existência de alinhamentos pétreos com muito material cerâmico, sobretudo de construção, associado. É nesta zona mais elevada, numa plataforma com uma orientação SE/NO, que se encontra parte das ruínas de um povoado islâmico de grandes dimensões, não sofrendo nenhuma destas estruturas o impacte da construção do novo eixo rodoviário, uma vez que todas elas se encontram para lá dos limites da área de expropriação.

4.2. Espólio arqueológico

Pautado pela sua escassez e pouca expressividade, os materiais compulsados na abertura destas sete sondagens podem ser incluídos em quatro grandes grupos. Um primeiro grupo constituído pelas cerâmicas de construção, um segundo grupo pelas cerâmicas comuns de pastas vermelhas, um terceiro pelas cerâmicas vidradas e por fim um quarto grupo, dos vidros, constituído por um fragmento de vidro verde.

É importante referir que o achado destes materiais nesta zona, de pendor bastante acentuado em direcção à zona de vale, terão certamente origem no topo do cerro localizado a sudeste da área escavada, pelo que deverão tratar-se de materiais resultantes de escorrências.

Aparentemente, e exceptuando-se o vidro verde, que nos parece ser mais recente, todos os materiais se podem enquadrar dentro do período medieval/islâmico. Todo o conjunto apresenta pastas homogêneas e compactas com desengordurantes de pequeno e médio calibre constituídos, na sua maior parte, por elementos micáceos e quartzosos bem como por pequenas partículas de cerâmica. Evidenciam cozeduras a ambiente oxidante.

4.3. Conclusão

Ainda que os resultados tenham ficado aquém das nossas expectativas, foi importante a realização das sondagens em apreço de modo a clarificar a situação real deste povoado nesta zona. Tornou-se evidente que as estruturas, visíveis claramente no topo desta elevação, não se prolongavam em direcção à vertente norte da mesma, caracterizada por um pendor bastante acentuado.

Apenas a escavação do topo deste cerro, onde de facto existem abundantes vestígios materiais do período islâmico, bem como de estruturas que afloram à superfície, poderá averiguar com maior clareza a realidade arqueológica deste local.

Ainda assim, parece-nos óbvia a relação destas estruturas no topo desta elevação, com as estruturas por nós identificadas nos SÍTIOS 2 e 3.

5. SÍTIO 2

Compreendido entre o Pk 1+836 e o Pk 1+874, com a cota superior de 36 m e a inferior de 30 m.

5.1. Resultados arqueológicos

5.1.1. As estruturas

5.1.1.1. Técnicas de construção

A escavação arqueológica do SÍTIO 2 pôs a descoberto um importante conjunto de estruturas arqueológicas, na sua maior parte relacionadas com contextos habitacionais. Ainda que a escavação tenha sido limitada às zonas afectas pela construção do Restabelecimento 7B do IC27, acreditamos que foi possível colher dados suficientes para se poder traçar parte da evolução deste povoado medieval/islâmico.

No que concerne às técnicas de construção pudemos observar que todas as estruturas foram construídas em alvenaria, tendo-se utilizado para o efeito a matéria-prima abundante no local – xistos e grauaques. Era nítida a linha de corte vertical nalguns afloramentos, estes terão funcionado como verdadeiras pedreiras locais. Em Alcaria Longa³, povoado islâmico com paralelos evidentes com esta estação arqueológica, também foi observada esta realidade (Boone, 1993, p. 112).

Verificámos que todos os muros foram levantados sem qualquer vala de fundação, arrancando directamente sobre o afloramento xistoso ou por cima do solão, que mais não é que a desagregação da rocha de base, transformada em pequenas lascas de tamanhos e espessuras variáveis.

Nota-se, na base das estruturas, um maior cuidado na utilização de elementos de maiores dimensões, sobrepondo-se sempre as restantes fiadas com lajes, dispostas de forma horizontal de menores dimensões, ligadas com um elemento fixador – o barro. As faces mais regulares destas lajes eram utilizadas nos paramentos, com os interstícios preenchidos por pequenas pedras e alguma cerâmica de construção, argamassadas com terra.

Foi observado apenas num dos muros deste sítio a colocação dos elementos pétreos a formar espinha. Trata-se do que é comum designar-se por *pseudo opus spicatum*, que encontra paralelos na região no Castelo Velho de Alcoutim.

A generalidade das paredes exteriores apresenta em média 0,55 m de espessura, salvo raríssimas excepções.

O esqueleto pétreo destes muros em alvenaria era, nalguns casos, coberto por um reboco de barro, posteriormente revestido a fina argamassa de areia e cal, quer no inte-

³ Povoado rural islâmico datado dos finais dos séculos X / XI, a cerca de 24 Km a Oeste de Mértola.

rior quer no exterior destes edifícios. Encontrámos provas inequívocas desse aspecto técnico, comum também a outros sítios islâmicos de cronologias e funcionalidades distintas. Apenas a título de exemplo, veja-se o caso do castelo velho de Alcoutim (Catarino, 1997/1998), ou do recém publicado *Ribat* da Arrifana (Gomes e Gomes, 2004, p. 492).

Atente-se que não seria apenas pelo efeito estético que se caiariam os muros destas estruturas. Esta película branca, revestindo o reboco grosseiro de barro, actuava como elemento protector da estrutura contra a acção dos agentes erosivos, conservando-a.

Para além do reboco de barro foram encontradas ainda, adossadas às paredes de alvenaria, alguns nódulos, bastante espessos, de uma argamassa esbranquiçada⁴. Esta argamassa era aplicada directamente sobre a parede nua, sem reboco de barro.

Não acreditamos que nas construções se tenha utilizado taipa. Não existe no registo arqueológico nada que nos leve a pensar nessa possibilidade, e a grande camada de derrube pétreo aponta sim para construção em altura onde apenas se tenha utilizado a construção em pedra.

Na sua grande maioria os muros encontravam-se relativamente bem preservados, podendo nalgumas zonas apresentar alturas superiores a um metro. Embora grande parte destas estruturas apresentasse grandes inclinações, e um pequeno número se reduzisse apenas a uma única e última fiada, permitiu-se, a partir delas, a obtenção de uma planta fiável, ainda que por vezes incompleta, do conjunto dos diversos espaços edificados.

Ainda dentro deste capítulo, e antes de passarmos à descrição das estruturas propriamente ditas, queríamos tecer algumas considerações sobre as áreas de circulação/utilização internas e externas dos vários espaços. Assim, encontrámos especial incidência, nos espaços internos dos compartimentos mais cuidados, pelos pisos em terra batida, onde pontualmente poderá aparecer uma ou outra laje plana e muito pouco espessa. Estes pisos, compostos por uma pequena camada de terra compacta, articulam-se por vezes, e nalguns locais, com o topo desbastado do próprio afloramento. Convém salientar que é perfeitamente visível o desbaste de algumas zonas do afloramento para se criarem superfícies regulares. Por outro lado, e sempre que fosse necessária, as irregularidades, ou depressões profundas de alguns locais eram preenchidas por uma camada de regularização, constituída sobretudo por pedra talisca e alguma cerâmica, conseguindo-se assim regularizar o terreno à cota de utilização pretendida.

Ainda dentro dos espaços de circulação encontramos, para além dos pisos em terra batida, alguns espaços lajeados. Estes lajeados, ainda que não constituam a regra no interior dos compartimentos, aparecem sobretudo nas áreas de circulação externas, pátios e acessos às entradas principais das habitações.

⁴ Trata-se de uma argamassa de cal e areia. Apenas com análises laboratoriais se ficariam a conhecer melhor os seus constituintes.

Todos os lajeados são pétreos, não se evidenciando a utilização de tijoleiras nos mesmos.

No que diz respeito à cobertura dos edifícios, que pelas suas dimensões seriam de apenas uma só água e inclinados em direcção ao pátio da casa, eram utilizadas telhas de meia-cana. Estas encontravam-se quase sempre decoradas com motivos ondulados no topo, feitos a partir de marcas digitadas ou, as linhas mais finas, através de incisões com objecto de ponta fina. Encontram-se, em grande parte dos casos decoradas por impressões denteadas nos rebordos longitudinais.

Um dado curioso, e que nos aparece relevante, é o facto de alguns dos nódulos esbranquiçados de argamassa de cal e areia estarem, muito provavelmente, associados à fixação dessas mesmas telhas no arranque do topo dos muros. Foram encontradas várias telhas com essa argamassa agarrada às suas paredes, bem como se identificaram quantidades consideráveis dessa argamassa nas camadas de derrube dos telhados. Alguns desses nódulos tinham mesmo impresso o negativo da superfície convexa da telha.

5.1.1.2. As estruturas arqueológicas

Neste capítulo e para um melhor entendimento por parte do leitor, e maior facilidade de exposição da nossa parte, resolvemos atribuir na descrição das estruturas, uma ordem numérica às diversas áreas habitacionais – casas – bem como a todos os outros espaços edificados que não se relacionam directamente com zonas de habitação propriamente ditas.

Na identificação das várias casas foi atribuída uma numeração romana e, dentro destes conjuntos espaciais, os diferentes compartimentos foram numerados em numeração árabe.

A escavação deste sítio pôs a descoberto as ruínas de seis vivendas islâmicas, casas IV, V, VI, VII, VIII e IX, sendo que as casas I, II e III se reportam ao SÍTIO 3.

Evidenciam-se alterações do espaço edificado espaçadas no tempo, existindo, por vezes, uma nítida sobreposição de estruturas, bem como a mutilação de outras. Foram abertas e obstruídas passagens que alteraram, por si, a circulação e a divisão espacial de algumas casas. Como tal, e ainda que as diferentes fases construtivas possam ter ocorrido num intervalo temporal relativamente curto, serão analisadas de forma independente, correlacionando-se sempre estruturas que possam ter coexistido entre elas.

É de referir ainda que, de um modo geral, todas as estruturas postas a descoberto se relacionam com contextos habitacionais. Para além das superfícies ocupadas no terreno por toda uma série de habitações, foram ainda identificadas outras construções que não se relacionam directamente com espaços habitacionais mas que ocupam perto desses outras funções, quer sejam áreas de armazenagem, cercados para animais ou even-

tualmente lugares onde se poderia fazer o cultivo de pequenas parcelas de terreno, provavelmente relacionados com pequenas hortas.

Diríamos que o modelo arquitectónico de base destas vivendas assume já contornos clássicos na arquitectura civil islâmica, pela configuração da planta geral da habitação e pela disposição geral das diversas dependências que se articulam, sempre, em redor de uma área central aberta – pátio. Partindo de um modelo organizativo e arquitectónico comum – a casa de pátio –, verificamos que estas habitações são remodeladas, inevitavelmente, com o decorrer do tempo pelo que, e nalguns casos, a planta da sua fase final muito pouco tem a ver com o projecto inicial.

CASA IV

Torna-se difícil tecermos grandes considerações em relação ao conjunto de ruínas arqueológicas designadas por CASA IV, uma vez que parte delas se encontravam mutiladas pela construção de duas novas casas a SO, e porque parte dos seus limites se estendiam para lá da nossa área de intervenção, invalidando um conhecimento preciso da sua planta original.

Ainda assim foi possível a escavação de uma área considerável desta unidade habitacional, tendo sido identificado um dos compartimentos que a compunham – compartimento 1 –, e dois espaços (n.^{os} 2 e 3) a céu aberto, provavelmente um pátio principal e um pátio secundário.

1) Compartimento 1

Apresenta uma configuração sub-rectangular, com 6,06 m de comprimento por 2,06 m de largura, ocupando uma área total de 12,48 m². Os muros que definem este compartimento apresentavam-se de um modo geral muito destruídos. Com uma largura que ronda os 0,56 m, foram nalguns casos dispostos sobre cristas de afloramento xistoso. Acreditamos que estas cristas rochosas têm origem na preparação do terreno natural para implantação das várias estruturas, tendo-se aproveitado deste trabalho a matéria-prima utilizada nas construções.

Localiza-se entre duas áreas a céu aberto, ambas conservando partes do piso lajeado.

Foram identificadas duas portas no interior deste compartimento – uma na fachada a noroeste e a outra no lado oposto, na fachada sudeste. A primeira entrada era muito bem estruturada, dando acesso a uma área intra-muros mas a céu aberto. O seu vão tinha uma largura de 0,84 m e o acesso à zona noroeste era feito mediante dois degraus construídos pela sobreposição de algumas lajes de xisto planas em dois pequenos pata-

mares. Identificou-se numa das lajes da soleira, composta por finas lajes de xisto, um orifício para assentamento do gonzo da porta, abrindo esta para o exterior.

A outra porta dava acesso a um terceiro espaço, também ele lajeado. Aberta na fachada voltada a sudeste apresentava uma largura de 0,60 m. No lado esquerdo do interior do compartimento era visível no início do vão desta abertura uma laje de grandes dimensões disposta verticalmente. Certamente constituía um dos umbrais da porta, situação algo invulgar uma vez que mais nenhuma se definiu através da presença destes elementos. As portas definiam-se não pela presença de umbrais ou jambas, mas pela simples interrupção dos muros das fachadas onde estas se abriam.

Pouco restou do piso de circulação no interior deste compartimento. Acreditamos ainda assim que este pudesse ter sido em terra batida colocado quase que de imediato sobre o substrato rochoso, que se encontrava nesta zona a uma cota mais elevada.

2) Pátio interno (?)

Para este espaço a designação de pátio interno, eventualmente com área de logradouro, parece-nos perfeitamente aceitável. Sabemos que estes pátios existiam nalgumas casas islâmicas, embora as evidências em todas as outras casas escavadas neste povoado não apontem nesse sentido.

Trata-se de um espaço tendencialmente rectangular medindo 6,78 m de comprimento por 3,5 m de largura, abarcando uma área de 21,357 m². Este lugar da casa era fechado por quatro muros em mau estado de conservação, encontrando-se a extremidade norte bastante destruída. Acreditamos que o único acesso a esta zona fosse feito pelo compartimento 1, encontrando-se essa passagem, como já referimos, bastante bem estruturada existindo mesmo um muro que a marcava e fazia a parede de encosto dos dois degraus que davam acesso ao interior.

Podemos dividir este espaço em três áreas distintas, a extremidade sudoeste ocupada por uma zona de afloramento com pendor inclinado para o interior, a zona central que se encontrava lajeada fazendo a ponte para uma terceira área sem lajes, em terra. Por cima do lajeado foi encontrada uma grande bolsa de telhas muito fragmentadas, que indiciavam mais uma zona de aterro do que propriamente um derrube de uma provável cobertura.

O lajeado era composto por lajes de xisto de espessuras variáveis, que foram dispostas de forma bastante regular, quer em cota quer em planimetria, sobre o topo do afloramento.

A zona mais oriental deste lugar poderia ter funcionado, por exemplo, como pequeno lugar de cultivo de algumas plantas e ervas aromáticas. Devemos referir ainda que nesta zona foram recolhidos vários fragmentos de recipientes cerâmicos, levando-nos a pensar que poderá ter funcionado, a dada altura, como lixeira.

3) Pátio principal da casa

A área situada a sudeste do compartimento 1 apresenta-se como um grande espaço a céu aberto, pelo que poderá tratar-se do pátio principal da casa.

Esta zona encontrava-se bastante alterada por revolvimentos de terras algo profundos que destruíram em parte algumas destas estruturas, chegando mesmo atingir a cota deste lajeado.

Ainda assim foi possível observar que este lugar era fechado, pelo menos, em três dos seus lados. Encontrava-se encerrado pela fachada sudeste do compartimento 1, por um muro identificado na extremidade da nossa zona escavada (quadrícula D16), e de uma forma natural pela linha de afloramento que lhe corria pelo lado sudoeste.

Encostadas junto à extremidade sudoeste deste espaço identificaram-se duas fossas escavadas no afloramento, evidenciando alguma preocupação na sua construção. De facto, alguns lados encontravam-se estruturados por um pequeno murete, sendo o rebordo rematado com pequenas lajes de xisto planas. As aberturas destas fossas encontram-se à cota do piso de utilização do pátio. Colocadas no mesmo alinhamento, e distanciadas uma da outra apenas 0,70 m, apresentavam configurações algo diferentes. A mais extensa, localizada à esquina oeste do pátio, media 1,57 m, por 0,72 m de largura, tendo uma profundidade de 0,30 m, a segunda, localizada mais a Sudeste, apresentava uma configuração mais regular, medindo o seu lado maior 1,20 m, por 0,84 m de largura com 0,35 m de profundidade.

Não sabemos ao certo para que fins se destinariam estas fossas. Acreditamos que possam ter servido como contentores para alguns produtos que pudessem ser guardados em áreas bastante expostas, como é o caso.

O interior destas fossas encontrava-se preenchido por alguma terra, lajes xisto de dimensões e espessuras várias bem como de muitos materiais cerâmicos bastante fragmentados. Todo o enchimento destas fossas terá origem já no período de abandono deste povoado, onde se terá dado a paulatina ruína das estruturas que lhe ficam próximas. Quer as lajes de xisto quer os materiais cerâmicos poderão provir da casa contígua, mais concretamente do derrube dos muros do compartimento 2 da casa VI.

Resta-nos apenas referir a identificação de parte de um muro em D16 e que apenas sabemos que delimitaria por aquele lado o lajeado. Não sabemos se eventualmente poderia estar relacionado com outro compartimento localizado a oeste do pátio.

CASA V

Foi possível reconstitui-la em planta quase na sua totalidade, tendo apenas ficado por definir convenientemente o acesso ao seu interior.

Não descuramos totalmente a possibilidade de numa primeira fase a casa V ter

sido uma grande casa de pátio, à semelhança de todas as outras, com planta em U posteriormente subdividida para dar lugar a duas casas. Por outro lado, poderemos pensar que estas duas unidades habitacionais sempre foram autónomas, obedecendo de início a projectos semelhantes, com áreas semelhantes e construídas para serem como estão, geminadas.

A diferença de cotas entre as zona do pátio, do compartimento 3 da casa V (cozinha) e do compartimento 2 da casa VI sugerem a existência de espaços desde sempre autónomos, estabelecidos em planos altimétricos distintos, com a casa V construída num patamar ligeiramente inferior.

Assim, a casa V dos alcariaais de Odeleite apresenta uma planta em L, formada pela composição de dois compartimentos perpendiculares entre si e dispostos sobre os lados nordeste e noroeste do pátio.

A zona de logradouro, que se desenvolve em frente das extremidades sudoeste do pátio e do compartimento 2, poderá ter origem numa segunda fase construtiva.

1) Pátio

De configuração rectangular com 5,45 m de comprimento por 2,90 m de largura, ocupa um espaço total de 15,80 m². Era lajeado, sobrepondo-se estas lajes imediatamente ao afloramento rochoso. Acresce referir que as lajes não foram colocadas sobre uma superfície plana mas antes sobre um plano inclinado direccionado à zona de logradouro. Esta situação poderá ter uma explicação prática. Desta forma, não se acumulariam águas pluviais nesta zona, provocadoras de eventuais inundações no interior dos compartimentos.

É delimitado a nordeste pela cozinha, a noroeste pela sala principal da casa e a sudoeste pela zona de logradouro.

Na extremidade sul deste espaço, no interior de uma depressão natural do afloramento, cheia por terra e algum material arqueológico, foi recolhida uma moeda em cobre⁵.

É nesta zona que se construiu um pequeno patamar de configuração rectangular que dava acesso à entrada para o compartimento 3 – cozinha. Foi construído em pedra seca pela sobreposição de duas fiadas regulares de xisto, apresentando o topo desta estrutura lajes planas. As medidas desta estrutura são as seguintes: 1,45 m de comprimento, por 0,84 m de largura, sobrelevada em relação à cota do lajeado do pátio nesta zona, em 0,25 m.

2) Sala principal

Ocupando o lado noroeste do pátio encontramos a sala principal desta casa.

Foi possível a reconstituição total deste compartimento, embora a parede que o fecha-

⁵ Esta moeda ainda não se encontra datada, pelo que não apresentamos aqui esse elemento.

va a noroeste se encontrasse muito destruída. Apresenta-se em planta como uma sala rectangular, com 5,45 m de comprimento por 2,06 m de largura, ocupando em área 11,23 m².

No interior deste compartimento identificou-se uma lareira, situada junto aos muros da esquina este, sobre o piso de circulação e ladeada por algumas lajes de xisto planas.

Foram preservadas até ao final algumas lajes de xisto que pensamos também terem feito parte, em conjunto com um piso de terra batida, mal preservado, do piso de circulação interno deste compartimento.

A ocupar parte substancial da extremidade sudoeste deste compartimento foi identificado um empedrado ligeiramente sobrelevado em relação ao piso de circulação, constituído à base de vários fragmentos de mós giratórias e lajes de xisto planas. Recuperaram-se algumas cerâmicas desta zona, fragmentos de vasos destinados quer ao consumo de alimentos quer à sua confecção. Dois dos recipientes são, muito provavelmente, contentores de líquidos. De dimensões reduzidas, um apresenta-se vidrado na superfície externa, melada, e conta com corpo globular com caneluras, base plana e colo cónico bastante desenvolvido. Apresenta vestígios de arranque de asa no bojo. O outro, trata-se de um recipiente de pastas muito claras, esbranquiçadas, com corpo globular achatado, com linha excisa na ligação com a parte do fundo que é plano. Colo diferenciado, de perfil côncavo, e bordo ligeiramente exvertido com lábio boleado. Apresenta igualmente o arranque de uma asa que ligava o bojo ao bordo.

Foram ainda encontrados próximos a esta estrutura, na quadrícula J9, dois púcaros fragmentados de pastas castanho-alaranjadas. Apresentavam corpo ligeiramente carenado com colos desenvolvidos, ambos os recipientes apresentam vestígios de, pelo menos, uma asa a arrancar do bojo. O fundo de ambos os recipientes é plano. Foram utilizados ao lume, notando-se essa evidência na superfície externa, queimada.

Serviria esta estrutura de base onde se colocariam estes recipientes? Ou será esta estrutura apenas a base de uma outra maior onde estes elementos pudessem ficar guardados? Não sabemos.

A única passagem para este compartimento faz-se a partir de uma porta com 0,72 m de largura, descentrada em relação à fachada, aberta na parede voltada ao pátio. A porta era definida por dois umbrais em xisto, de configuração rectangular dispostos a cada extremidade do muro interrompido, um dos quais encontrámo-lo derrubado sobre o vão da passagem.

Identificou-se no seu interior um nível de derrube homogéneo de telhas de meia-cana, utilizadas na cobertura deste compartimento.

3) Cozinha

Desenvolve-se perpendicularmente sobre os lados nordeste do pátio e do compartimento 2. O seu acesso fazia-se pela área do pátio, com pequeno patamar criado nesta

zona e que conduzia à entrada para este compartimento, apresentando esta um vão de 0,70 m de largura. Da soleira conservou-se uma laje plana de xisto colocada sobre o lado esquerdo da entrada, apresentando orifício para encaixe de gonzo da porta. Esta abria em direcção ao interior do compartimento.

Apresenta-se em planta como uma dependência sub-rectangular medindo o espaço interno nos lados maiores, 4,96 m de comprimento por 3,03 m de largura, ocupando uma área total de 15,02 m².

Na extremidade noroeste foi identificada uma estrutura de configuração rectangular, construída em alvenaria de xisto que ocupava toda a extremidade deste espaço. Construída a partir de três muros distintos, adossados a cada uma das três paredes que o delimitavam por este lado, apresentava uma largura total de 1,45 m. O muro perpendicular ao maior, com apenas 0,30 m, dividia simetricamente dois espaços internos diferenciados desta construção. O muro de fachada desta estrutura era mais largo, medindo 0,60 m.

As dimensões internas destes espaços são de 1,45 m de comprimento, por 0,84 m de largura, para o que se localiza a sudoeste. O outro, dividido por pequeno murete, na extremidade nordeste apresenta uma configuração quadrangular, com um dos lados ligeiramente maiores e medindo 1,45 m por 0,84 m de largura.

Esta estrutura apresentava uma altura total preservada de 0,50 m.

Acreditamos que, pelo próprio espaço onde se encontra, possa ser entendida como uma dispensa ou armário de parede, do qual apenas restou a estrutura pétreo de base. Seria um local preferencial para se guardar alguns produtos alimentares e/ou alguns objectos do mobiliário cerâmico da casa. No seu interior foi encontrado, para além de alguma cerâmica em contexto de derrube, um pequeno martelo em ferro.

No lado oposto, na extremidade sudeste desta dependência encontrámos vestígios de duas lareiras colocadas sobre cada um dos ângulos internos deste espaço. Uma grande mancha de cinzas, com restos de carvões pôde ser observada entre estas duas lareiras, junto à parede sudeste. A primeira lareira, localizada perto da entrada deste compartimento, descrevia uma pequena área de contornos circulares. Esta lareira estruturava-se sobre uma base pouco espessa de argila com algumas telhas à mistura, colocada sobre o piso de circulação, em terra batida.

A outra lareira, na extremidade oposta, era menos evidente, tendo-se apenas constatado uma mancha maior de cinzas e carvões assentes directamente sobre o piso de circulação. Nesta zona tivemos oportunidade de recolher alguns recipientes cerâmicos bastante completos, encontrados *in situ* sobre estas estruturas de combustão.

O piso deste compartimento era, como já referimos, em terra batida, assentando este imediatamente sobre o afloramento rochoso, bastante regularizado no interior deste compartimento.

Na cobertura deste compartimento foram utilizadas telhas de meia-cana, decoradas.

4) Logradouro

Acreditamos que esta parte, aberta sobre os lados sudoeste da sala e do pátio, tenha sido uma das últimas partes da casa a ser construída. Primitivamente o acesso à casa pelo exterior deveria fazer-se imediatamente pelo lado sudoeste do pátio, onde se encontra uma passagem aberta nas paredes que o delimitam por este lado.

Posteriormente, ter-se-á construído esta área de logradouro, ou pequeno quintal, adossando-se um muro novo que arranca desde o início da fachada sudoeste do compartimento 2, de contorno subcircular, definindo toda a extremidade ocidental deste espaço. A nova passagem do exterior não dava acesso imediato ao pátio mas antes a esta zona de logradouro, comunicante com o pátio pelo primitivo acesso exterior.

O interior desta área poderia ter sido minimamente compartimentada. Encontrámos restos de um pequeno muro com 1,57 m de extensão arrancando este perpendicular ao que fechava este espaço a sudeste. Esse pequeno muro, ocupando o espaço da quadrícula L11 e parte da L10, encontrava-se muito destruído, reduzindo-se os seus elementos à última fiada.

Foram encontradas na extremidade ocidental deste espaço, junto à parede que o delimita pelo lado interno, grandes quantidades de cerâmica muito fragmentada bem como restos alimentares, num nível de terras onde abundavam elementos carbonosos, conferindo às terras deste nível uma cor castanha escura, solta, e tal como já referimos, com muitos materiais arqueológicos. Esta zona mais ocidental poderá ter funcionado como uma grande lixeira, onde se acumulariam os restos de cerâmica entretanto partida e onde se despejariam os restos alimentares das refeições bem como da limpeza das lareiras da casa.

Na quadrícula K10, pôde identificar-se parte de um pequeno lajeado, constituído por elementos de xisto planos e pouco espessos, provavelmente relacionado com um corredor lajeado que se desenvolvia desde a entrada com ligação ao exterior e a passagem comunicante com o pátio.

O único e principal acesso a esta casa deverá estar localizado no ângulo sul deste espaço. Provavelmente seria uma passagem delimitada por dois muros, a fazer corredor. Infelizmente não pudemos identificar esta entrada, ainda que pensamos poder localizar-se na quadrícula M11, não escavada.

CASA VI

Acreditamos que esta casa faça parte de um projecto comum, em geminação, com a casa V. Esse projecto obedece inicialmente ao modelo da casa de pátio, distribuindo-se todos os elementos de forma organizada em torno desta zona a descoberto. A transformação posterior em duas unidades habitacionais verifica-se quer pela construção de um muro, que divide em dois uma mesma área a céu aberto, quer pela segmentação do módulo

sudeste desta vivenda, uma vez que o corpo do edifício é estruturalmente comum às duas.

Ainda que não nos tenha sido possível escavar esta casa integralmente acreditamos que esta tivesse dimensões muito próximas às da CASA V.

Observámos que era composta por duas divisões rectangulares colocadas perpendicularmente entre si sobre os lados sudeste e nordeste do pátio, definindo uma planta em L.

O acesso ao interior destes compartimentos seria feito apenas pela zona do pátio, não tendo sido observada nenhuma porta de comunicação entre eles.

A entrada principal desta casa não foi identificada, à semelhança do que já tinha ocorrido com a da casa V, no entanto acreditamos que o acesso principal fosse feito pelo lado sudoeste do pátio.

Para sudeste, fora da nossa área de intervenção, desenvolviam-se certamente outros núcleos habitacionais. Eram visíveis à superfície grandes amontoados de pedra solta e cerâmica de construção.

1) Pátio

Embora a área total deste espaço não tenha sido escavada, pensamos que poderá apresentar valores muito semelhantes à área ocupada pelo pátio da casa V, 15,80 m².

Apresenta uma configuração rectangular, definindo-se os seus limites pelo muro que a noroeste o separa da casa V, a nordeste pela fachada interna do compartimento 2 e a sudeste pela fachada do compartimento 3. Seria fechado a sudoeste por um muro semelhante ao que fecha por este lado o pátio da casa V.

O piso de circulação deste espaço era feito sobre uma superfície lajeada posta imediatamente sobre o afloramento rochoso. Existia uma diferença considerável nas cotas do piso de circulação do pátio desta casa, com o da casa V, encontrando-se o desta a uma cota superior.

Lajes de maiores dimensões, dispostas de uma forma regular junto à fachada que dá acesso à entrada para o compartimento 2 definiam um espaço lajeado rectangular com cerca de 1 m de largura, delimitado entre o muro divisório do pátio e a fachada interna do compartimento 3. Pensamos que estas lajes possam ter sido colocadas a fazer patamar, tendo-se verificado a existência destes elementos também noutras casas.

O lajeado do pátio propriamente dito encontrava-se em mau estado de conservação. Compunha-se por elementos de xisto, alguns bastante espessos, colocados sobre a superfície pouco regularizada do afloramento e inclinada para o exterior.

Perto da que seria a extremidade oeste deste espaço, correspondendo esta zona à quadrícula J12, foi identificada uma zona lajeada muito mais regular, com lajes de xisto, dispostas a descrever um pequeno espaço com contornos circulares. Não sabemos ao certo para que serviria esta estrutura, poderia eventualmente tratar-se de um pequeno canteiro. No entanto, a potência estratigráfica neste local era bastante diminuta, aparecen-

do quase que de imediato o afloramento rochoso na base destas lajes, o que pode invalidar esta nossa suposição.

Na quadrícula H13, correspondendo ainda à zona do pátio desta casa, foi encontrado um pequeno recipiente cerâmico de pastas alaranjadas e vidrado melado com algumas manchas verdes em ambas as superfícies. Apresenta um bordo boleado, ligeiramente exvertido, corpo troncocónico invertido com carena baixa e acusada, terminando numa base plana. Foi encontrado em contexto de derrube, muito fragmentado mas conseguimos reconstitui-lo quase integralmente. Encontrámos apenas paralelos com esta peça numa outra proveniente da zona da Arrochela, em Silves, onde é descrito como tinteiro (Gomes e Gomes, 2001, p. 129, peça n.º 208).

2) Compartimento 2

Ainda que não nos tenha sido possível escavá-lo integralmente pudemos verificar que se tratava de uma divisão de contornos rectangulares, medindo o seu lado maior 5,45 m por 2,78 m de largura, ocupando uma área total em torno dos 15,19 m².

Sobre o lado nordeste do pátio encontrámos a entrada de acesso, ligeiramente des centrada em relação à sua fachada. Entre a base da interrupção dos muros que definem esta entrada, resistiram algumas lajes de xisto, que terão feito parte juntamente com a laje deposta à entrada do interior, da soleira da casa.

Tal como já referimos, este compartimento encerra-se dentro do mesmo módulo onde se implantou a cozinha da casa V, encontrando-se separados apenas por um muro interno.

Este compartimento encontrava-se em muito mau estado de conservação. Da parede nordeste praticamente nada restou embora se pudesse ver, pela permanência de alguns elementos, o seu alinhamento até à esquina da parede que o fechava pelo lado sudeste, apresentando-se esta melhor conservada.

As perturbações destas estruturas, atendendo a que o afloramento nesta zona se encontrava mais à superfície, foram bastante profundas, tendo mesmo atingido a cota de circulação interna deste espaço. Assim torna-se difícil relacioná-lo com qualquer dos espaços ocupados por esta casa. Seria a cozinha, seria a sala principal? Não sabemos, e as poucas cerâmicas que se recolheram apareceram em níveis remexidos e de derrube, pelo que não serão bons indiciadores de qualquer actividade realizada neste local.

Poucas evidências encontrámos da cobertura deste compartimento, mas acreditamos que esta situação esteja também directamente relacionada com o grau de destruição verificado no seu interior.

3) Compartimento 3

Nada, ou quase nada se poderá adiantar em relação a este compartimento, uma vez que não tivemos oportunidade de o escavar na totalidade. Sabemos que se desenvol-

via perpendicular ao compartimento 2 e fecharia o pátio pelo seu lado sudeste. Seria, à semelhança dos outros, rectangular, com dimensões muito aproximadas ao compartimento 2 da casa V.

Fechava a sudeste a planta em L desta casa.

CASA VII

Esta casa implanta-se numa plataforma relativamente regular, entre uma zona de cota mais alta, onde se estabeleceram as casas V e VI, e a zona consideravelmente mais baixa ocupada pela casa VIII.

Tivemos oportunidade de escavar integralmente esta habitação que se desenvolve paralela ao longo dos limites mais ocidentais da casa V. Constatámos pelo menos uma remodelação importante à sua planta inicial, pelo que cada uma dessas fases será tratada de forma diferenciada.

Organizou-se desde o início segundo o modelo de casa de pátio, compondo-se muito provavelmente logo numa fase inicial de três dependências, dispostas em redor de pátio central, formando com os compartimentos 2, 3 e 4 uma planta em U muito semelhante às evidenciadas nas casas II e III, do SÍTIO 3.

Constatámos que esta casa sofreu alterações à sua configuração inicial pela construção, já na segunda fase, de uma nova dependência – cozinha.

Fase I (fundacional)

1) Pátio

O pátio desta casa apresenta em planta uma configuração trapezoidal. Acreditamos que esses contornos se relacionem muito provavelmente, mais com condicionalismos geomorfológicos e urbanísticos, do que por uma intenção propositada.

Encontra-se totalmente fechado por cada um dos seus lados, a sudeste por uma crista de afloramento onde se implantou a fachada ocidental da casa V, a noroeste pelo compartimento 3, a nordeste pelo compartimento 2 e por fim, a sudoeste, pelo compartimento 4, corredor de passagem do exterior para a zona do pátio.

Não sabemos ao certo se o pátio nesta fase seria lajeado, provavelmente sim.

Apresentava-se lajeado por pedras de xisto de espessuras e dimensões variáveis tendo-se optado pela escolha de lajes preferencialmente planas e pouco espessas, constituídas na sua maior parte por elementos xistosos de tonalidade azul, assentes sobre o que mais não era que a rocha decomposta de base – solão. Encontrava-se em razoável estado de conservação, embora muitos dos seus elementos se encontrassem já em falta. Verificámos ainda que houve uma preferência pela colocação destas lajes ao longo das

fachadas do compartimento 2 e 3. Esta situação leva-nos a supor que nem toda a área do pátio fosse lajeada. Apenas seriam lajeadas áreas preferenciais, de circulação entre compartimentos. Em condições climatéricas adversas, com chuvas intensas, facilmente os espaços sem lajes se transformariam em zonas lamacentas, pelo que se tornaria útil recorrer a estes “passeadores” de modo a que a circulação nessas zonas fosse evitada.

Não foram identificados na área deste pátio, nem em nenhuma das casas que escavámos, evidências da presença de um tanque central.

Identificámos no entanto em dois deles uma pequena estrutura, situada num dos ângulos do pátio. Esta estrutura localiza-se nesta casa no ângulo sul do pátio, compõe-se por um pequeno alinhamento pétreo, de contornos sub-rectangulares adossados às duas paredes que formam o ângulo do pátio por este lado. Não sabemos ao certo para que fim se destinaria. Delimita uma pequena área de cerca de 1,30 m², que terá porventura funcionado como uma espécie de canteiro localizado nesta extremidade do pátio.

Pensamos que a esta estrutura se possa associar os restos de um pequeno lajeado, definido entre o seu lado nordeste e as linhas de base de um grande afloramento a sudeste. Encontrava-se muito destruído, pelo que só pôde ser identificado muito parcialmente.

Não havendo qualquer ligação entre nenhum dos compartimentos pelo interior, era pela zona do pátio que esse acesso era feito.

2) Sala principal

Este compartimento, logo a seguir ao pátio, ocupa a maior área da casa.

Apresenta-se na planta como um módulo autónomo que se adossou a sudeste a um muro pré-existente, dum corpo provavelmente em ruínas da casa IV. Desenvolveu-se daqui em extensão até aos limites naturais a noroeste, impostos pela linha de quebra desta plataforma e uma depressão natural do afloramento a sul, onde numa segunda fase se haveria de implantar a cozinha.

Os condicionalismos topográficos deste sítio foram factor decisivo para a opção de orientação de algumas estruturas, ainda que a nível técnico tenhamos constatado que mesmo as grandes diferenças topográficas podiam ser vencidas.

Tem 8,72 m de comprimento por 2,78 m de largura, ocupando uma área total de 24,31 m², não acreditamos que qualquer cozinha ou sala secundária pudessem apresentar estas dimensões. Verificamos que por norma as cozinhas apresentam áreas bastante menores, deixando indícios concretos da sua localização.

No interior deste compartimento foram encontradas duas estruturas: uma em negativo e outra em altura. Uma com possibilidades de ter funcionado como local de armazenagem, a outra pode eventualmente relacionar-se com um armário de parede.

Cada uma destas estruturas localiza-se numa das duas extremidades deste com-

partimento. A estrutura em negativo ocupava o ângulo da extremidade norte. Trata-se de uma fossa com contornos quadrangulares, apresentando o seu lado maior 1,50 m de comprimento. É escavada no afloramento em dois dos seus lados, rematando-se os outros por pequenos muretes em alvenaria, definindo-lhe o contorno pelo interior do compartimento.

Esta fossa apresentava uma profundidade máxima de 0,70 m, encontrando-se a sua base bastante regularizada por fina camada de terra deposta sobre uma superfície rochosa muito bem aplanada.

A escavação do seu interior revelou que tinha sido completamente preenchida por uma única camada de entulho, constituído por terras soltas, muitos fragmentos de telha e nódulos de uma argamassa de cal e areia, alguma pedra miúda e fragmentos de recipientes cerâmicos, bem como alguns carvões e restos alimentares. Provavelmente esta estrutura, que acreditamos que possa relacionar-se com um local de armazenagem, terá sido utilizada logo na fase primitiva desta casa. O seu enchimento poderá estar relacionado com a construção, numa segunda fase, da nova cozinha construída a noroeste.

A estrutura que ocupa o lado sudeste deste compartimento é composta por três muros, construídos em alvenaria de xisto, dispostos de forma paralela a espaços regulares, espaçados entre si em 0,60 m. Estes muros seriam apenas a base do que pensamos tratar-se de uma estrutura mais desenvolvida, onde se poderiam incluir na sua composição elementos vegetais, entretanto desaparecidos.

O seu lado maior corresponde à largura do interior do compartimento. Tem 2,78 m de comprimento, por 0,72 m de largura.

Esta estrutura parece fazer parte apenas de determinados contextos, evidenciando-se em quase todas as salas principais de cada uma destas habitações, tendo também uma estrutura semelhante sido já descrita e apontando-se a cozinha da casa V como o compartimento onde esta aparece. Não acreditamos, no entanto, que se trate de uma alcova mas sim de um de armário de parede, tendo apenas restado os elementos descritos.

Existem armários de parede com paralelos noutras estações islâmicas da península ibérica com características muito semelhantes. Por outro lado, algumas alcovas nestes sítios foram também identificadas e também elas possuem características muito próprias, completamente distintas destas construções.

As alcovas encontradas em casas islâmicas na região de Múrcia, por exemplo, encontram-se bem preservadas e são claramente diferentes destas construções. Ocupam uma ou duas das extremidades dos salões principais, confinadas dentro de espaços próprios, que geralmente se encontram sobrelevados em relação ao piso do interior do compartimento da casa.

Provavelmente o piso deste compartimento seria, já mesmo numa primeira fase de ocupação, em terra batida, mantendo-se mesmo assim até à sua última fase, como pudemos verificar.

3) Cozinha / sala secundária?

O compartimento 3 desta casa foi construído sobre o lado noroeste do pátio, perpendicular ao compartimento 2. Numa primeira fase seria totalmente fechado, de planta rectangular, com 7,27 m de comprimento por 2,18 m de largura. A área ocupada por este compartimento é de 15,86 m², substancialmente menor que a do compartimento 2.

O acesso fazia-se pela área do pátio, por entrada descentrada em relação ao centro da fachada. Esta apresentava uma abertura com 0,84 m de largura, estruturada apenas pela interrupção dos muros do compartimento e sem soleira.

Esta entrada, mais descentrada do que aquilo que é habitual nos outros compartimentos, permitiria uma passagem mais rápida deste compartimento ao interior do compartimento 2, uma vez que se encontram muito próximas uma da outra.

Este compartimento encontrava-se bastante destruído, verificando-se mesmo a ausência quase total do muro que o encerrava a noroeste, tombado sobre uma zona aberta da casa VIII. Ainda assim verificámos que tinha sido construído sobre os limites do afloramento que definem por este lado a passagem a um patamar inferior, onde já se implantou a casa VIII.

Seria telhado e o chão apresentava um piso compacto de argila vermelha, misturada com alguns elementos cerâmicos.

Foram identificadas no interior deste compartimento, ao centro, três lareiras de configuração subcircular, escavadas ligeiramente no afloramento encontrando-se estas preenchidas por uma série de pequenas pedras, compostas por quartzos, sobretudo.

Evidentemente estas lareiras correspondem ao período da última fase de utilização deste compartimento, pelo que falaremos delas durante a descrição da segunda fase desta casa.

4) Saguão

Apresenta um lado maior com 6,78 m por 2,78 m de largura, ocupando em superfície uma área de 18,87 m², seria um espaço telhado pois encontrámos um nível de derrube correspondente à cobertura deste espaço por telhas de meia-cana, muito fragmentadas.

Verificámos que a metade maior do muro que encerra este compartimento a sudoeste se implantou, sobre uma construção anterior.

Não sabemos ao certo que outras funcionalidades teria este compartimento, ainda que saibamos que terá sido sempre uma zona de ligação para o exterior. Apresenta duas entradas, uma que se abre sobre o lado do pátio, a nordeste, e outra que comunica directamente com o exterior, a sudoeste

Este espaço não se limitaria a ser um corredor de passagem, ou apenas um grande átrio que comunicava com o exterior da casa. No lado noroeste foram identificados um lajeado e uma estrutura de configuração quadrangular adossada ao ângulo norte deste

compartimento. Esta estrutura tipo “caixa”, foi construída por dois muros em pedra seca, com espessuras diferentes, adossados a cada uma das paredes que fechavam o compartimento por este lado. Conservaram-se os seus muros em cerca de 0,30 m de altura, e o seu interior encontrava-se preenchido por uma única camada de enchimento, resultante do derrube das estruturas, tendo-se encontrado igualmente alguns fragmentos de recipientes cerâmicos, mas que julgamos não terem qualquer relação com ela.

Formando um quadrado perfeito, mediam cada um dos seus lados 0,72 m.

Perto desta estrutura foi identificado um lajeado, constituído à base de grandes lajes de xisto, dispostas de forma muito regular sobre o afloramento de base a ocupar uma área considerável do lado noroeste deste compartimento. Acreditamos que este lajeado se articule de alguma maneira com a estrutura que se localiza adossada ao ângulo norte desta dependência. Terá funcionado esta zona como local de armazenamento, terá este espaço constituído sempre um espaço totalmente amplo, ou terá de algum modo sido compartimentado e não encontramos evidências dessa compartimentação? Não sabemos.

Sensivelmente a meio deste compartimento foi ainda identificada um troço do que nos pareceu um corredor lajeado, corredor que desde a entrada pelo exterior ligaria ao espaço interno do pátio.

Este compartimento comunicava com uma zona exterior bem definida, compreendida entre o muro do logradouro da casa V e a fachada sudeste de um edifício mais antigo. A circulação neste espaço fazia-se sobre um piso lajeado. Existia uma diferença de cotas considerável entre este espaço exterior e o piso de circulação do compartimento. Era visível junto à entrada deste compartimento uma pequena rampa escavada no afloramento de base, fazendo-se a partir dela o acesso ao interior.

Dentro deste espaço exterior foram ainda identificados dois muros, a formar T na quadrícula M9, um dos quais adossado ao muro subcircular que definia a área de logradouro da casa V. Provavelmente farão parte de outras estruturas que se prolongam para o lado sudoeste desta zona e que não tivemos oportunidade de escavar. Apresentavam uma largura de 0,60 m, com uma altura preservada na ordem dos 0,70 m.

6) Curral?

Numa zona fronteira ao compartimento 4, no exterior, identificámos um conjunto de ruínas que relacionamos com esta casa, trata-se de um, eventual, curral.

Verificámos que a construção destas estruturas se fez pela justaposição de elementos arquitectónicos da casa VIII, numa nítida partilha de elementos estruturantes de espaços que pertencem a unidades habitacionais distintas, como aliás já tinha sido verificado noutras situações.

Identificado na planta geral com o n.º 6, este espaço que relacionamos com um curral da casa VII, apresenta-se com uma configuração bastante irregular, tendencialmente

quadrangular. As estruturas deste edifício encontravam-se muito destruídas, reduzindo-se mesmo aos alicerces as paredes que o fechavam a noroeste e a sudoeste.

No seu lado maior, no eixo sudoeste/nordeste, apresenta um comprimento máximo de 6,78 m, por 5,21 de largura, correspondendo a uma área total de superfície edificada na ordem dos 35,32 m².

Na edificação destas estruturas foram utilizadas as mesmas técnicas construtivas e o mesmo aparelho dos restantes edifícios escavados, uma vez mais verificámos a utilização da alvenaria de xisto na elevação dos muros, ligando-se os elementos que o compõem por barro.

Pudemos observar que o interior deste espaço era compartimentado, tendo apenas chegado até nós a planta completa de um desses mesmos compartimentos, bem como vestígios de um segundo. O primeiro compartimento, quadrangular, localizava-se no canto norte deste edifício. Cada um dos seus lados media 2,60 m, ocupando praticamente 7 m² do espaço total desta construção. Não foi identificada nenhuma porta, ou outra abertura que conduzisse ao seu interior, embora possa ter existido a uma cota mais elevada.

Um segundo compartimento ocupava a outra extremidade do mesmo lado, com uma configuração tendencialmente trapezoidal. Não nos foi possível defini-lo convenientemente em toda a sua planimetria uma vez que se encontrava muito destruído, ocuparia muito provavelmente uma área próxima do antecessor. Não encontramos evidências de outras compartimentações, desenvolvendo-se defronte dos compartimentos referidos toda uma área aberta, de configuração sub-rectangular que ocupava o espaço restante do seu interior.

O acesso ao interior deste edifício fazia-se por porta aberta na fachada sudeste. Esta abertura dava para um espaço a céu aberto no exterior do compartimento 4, definindo-se este espaço a céu aberto, como já tivemos oportunidade de enunciar, quer pelo muro sudoeste deste compartimento quer pelo muro do logradouro, a sudeste, da casa V. Esta passagem apresentava um vão de 0,60 m e definiu-se apenas pela interrupção dos muros.

O piso do interior deste edifício apresentava-se algo descuidado, próprio de uma zona que não seria destinada à habitação, compondo-se exclusivamente de uma única camada de terra e lascas de xisto, imediatamente colocada sobre a rocha de base.

No interior foi identificado um nível de derrube do telhado. Julgamos portanto que este edifício seria com quase toda a certeza, coberto.

Ainda no seu interior, em níveis de derrube, foram encontradas algumas cerâmicas, muito fragmentadas, correspondendo sobretudo ao grupo das cerâmicas comuns de pastas vermelhas, tendo também sido recolhidas algumas cerâmicas vidradas com decoração a manganés. Pensamos no entanto que estes elementos, ainda que se tenham encontrado no seu interior, estejam completamente descontextualizados, e não se possam relacionar com estas estruturas.

Fase II

Nesta segunda fase verificaram-se algumas transformações à planta inicial desta casa, traduzidas na construção de um novo compartimento e na criação de uma passagem de acesso a esse mesmo compartimento, feita a partir do espaço onde teria funcionado a primitiva cozinha, compartimento 3.

3) Sala secundária

Nesta segunda fase, pensamos que o compartimento 3 deixa de ter funcionado como parte de um espaço maior, onde também numa primeira fase se implantaria a cozinha desta casa.

A partir de um dado momento, difícil de precisar cronologicamente, remodelou-se a esquina norte deste compartimento de modo a construir-se uma zona de passagem ao interior do novo espaço. Era exclusivamente pelo compartimento 3 que se acedia à cozinha.

Esta nova passagem, com um vão de 0,60 m, era ladeada por um muro, curto e largo, com apenas 0,60 m de comprimento, por 0,65 m de largura, localizado à direita desta passagem no interior do compartimento 3, compartimentando este um pequeno espaço do canto este desta dependência.

Esse canto, delimitado entre o muro largo e a parede que fecha este compartimento a sudeste encontrava-se preenchido por uma camada espessa de argilas vermelhas, iguais às que foram utilizadas no piso desta dependência. Não sabemos ao certo qual a finalidade desse monte de argila, estaria ali de modo a ser utilizado numa repavimentação futura do piso deste compartimento? Não sabemos. A escavação desta camada revelou apenas uma massa uniforme de argilas vermelhas, sem quaisquer materiais arqueológicos.

Datam da última fase de ocupação deste compartimento trêslareiras de configuração subcircular, encontradas ao centro deste espaço, respectivamente entre as quadrículas F6 e G6. Dispostas de forma quase alinhada, obedecem todas à mesma tipologia. A lareira mais a sul é a maior e pensamos que tenha sido a última destas estruturas a ser utilizada, tinha aproximadamente 0,40 m de diâmetro. Foi possível identificá-la, bem como a todas as outras, pelo aparecimento de uma mancha escura de configuração semi-circular no topo, com muitas cinzas e nenhum carvão. Apresentava-se ligeiramente escavada no afloramento de base, atingindo uma profundidade máxima de 0,08 m. Verificámos que a revestir esta depressão interna tinham sido utilizadas uma série de pequenas pedras, quartzíticas, elementos refractários de calor. Em todas estas estruturas, foram identificados estes elementos.

O topo de duas destas lareiras estruturava-se ao nível do piso de circulação, apenas a última deste alinhamento de três, a que se localizava na extremidade nordeste do

alinhamento, se apresentava coberta pela argila do piso de circulação, deixando antever uma utilização mais antiga da mesma.

Apenas a primeira destas lareiras se encontrava bem delimitada no topo por uma pequena coroa de pedras e algumas telhas. Acreditamos que as outras também pudessem ter sido estruturadas desta maneira, embora não tenhamos constatado essa realidade.

A segunda lareira, ao centro, separada da maior em apenas 0,72 m, apresentava um diâmetro inferior, com apenas 0,30 m.

A última, localizada mais a nordeste, apresentava-se muito diluída, evidenciando-se mal os seus contornos. Acreditamos que poderá ter sido uma estrutura exactamente igual às anteriores. À semelhança das outras lareiras, foram também aqui recolhidas uma série de pequenas pedras que revestiam o seu interior.

A pouca cerâmica encontrada em conexão com estes elementos, bem como o seu estado muito fragmentário, e a ausência de restos alimentares não nos levam a pensar que estas estruturas tenham funcionado como lareiras onde se confeccionassem alimentos, talvez servissem apenas como simples “braseiras” de aquecimento. A escavação do seu interior evidenciou uma combustão lenta, resultando desse processo grandes quantidades de cinzas, vulgarmente designadas por borralho.

Encontramos paralelos para estas lareiras em dois povoados rurais relativamente próximos, nos alcariais dos Guerreiros de Cima⁶ (Melro *et al.*, 2004, p. 76) e em Alcaria Longa (Boone, 1993, p. 117), pese embora a lareira desta última estação apresentar diâmetros e profundidades bastante maiores do que aquelas identificadas por nós⁷. Estes elementos poderão ainda, eventualmente, enquadrar-se no grupo 2 da tipologia proposta por André Bazzana (Bazzana, 1996, p. 140), naquilo que o autor designa por *foyer creusé simple*.

Para finalizar, queremos apenas referir que o piso de circulação deste compartimento era composto por uma camada de argila, com espessuras variáveis na base e bastante regular no topo, colocado imediatamente sobre a rocha de base. As variações destas espessuras prendem-se sobretudo com o preenchimento de espaços irregulares no afloramento de base, ainda assim foi possível observar-se uma espessura média em torno dos 0,15 m para este piso.

5) Cozinha

Esta segunda fase caracteriza-se essencialmente pela construção de raiz deste novo compartimento, localizado na extremidade norte do primitivo espaço habitacional.

Este compartimento acabaria por ser delimitado a nordeste pelo prolongamento da

⁶ Gomes Aires, Almodôvar.

⁷ Designada por *rock-lined fire pit*, apresentava neste caso um diâmetro de 0,50 m por 0,35 m de profundidade.

fachada oriental da casa VIII, adossando-se esta à extremidade norte do compartimento 2 da casa VII.

Esta cozinha, construída em adição com elementos da casa VIII, implantou-se a noroeste do compartimento 2, descrevendo em planta um espaço algo irregular, tendencialmente trapezoidal.

O seu lado maior apresenta um comprimento máximo de 3,75 m, por 3,27 m de largura ocupando em área um total 12,27 m².

Apresentava-se de uma forma geral bem preservada, exceptuando-se apenas o muro que a fechava a norte, muito destruído, reduzindo-se os elementos pétreos que o compunham aos alicerces. Todos os restantes muros apresentavam alturas preservadas superiores a 1 m.

A entrada para este compartimento fez-se mediante abertura na esquina norte do compartimento 3, apresentando esta passagem um vão muito estreito, com apenas 0,60 m de largura. Verificámos que à entrada tinham sido colocadas algumas lajes planas de xisto, na base da interrupção dos muros, não se tendo no entanto verificado em nenhuma delas orifício para assentamento do gonzo da porta. Provavelmente esta passagem não seria fechada, mantendo-se permanentemente em comunicação com o compartimento 3.

Verificou-se a existência de um grande desnível entre o piso de circulação desta nova dependência e o compartimento 3, na ordem de 1 m, pelo que o acesso a este novo espaço deveria ser feito mediante a utilização de uma escadaria. Acreditamos que essa escadaria pudesse ter sido em madeira, uma vez que não identificámos quaisquer elementos pétreos relacionáveis com tal estrutura de acesso.

A irregularidade na rocha de base nesta zona da casa, explica o desnível existente entre estes compartimentos, não se tendo verificado qualquer intenção na regularização deste espaço para normalizar a sua circulação à mesma cota dos outros compartimentos, como se verificou noutras situações.

No interior deste compartimento foram identificadas as bases de uma lareira a fazer canto à esquina norte. Trata-se de uma construção de configuração semi-circular, construída em alvenaria de xisto, aproveitando na sua edificação as paredes mestras que delimitam a extremidade norte deste compartimento. Esta grande lareira, única em todas as vivendas escavadas, com um diâmetro de 1,50 m, assemelha-se estruturalmente ao que André Bazzana designa na tipologia que elaborou sobre estes elementos, e a que já nos reportámos, por *foyer creusé aménagé* (Bazzana, 1996, p. 145).

Ainda que não se tenha verificado qualquer depressão no seu interior, o que parece ser uma das características essenciais destas lareiras de canto, acreditamos se possa incluir dentro dessa tipologia, tratando-se porventura de uma estrutura menos complexa, sem depressão interna e estruturada de forma muito simples ao nível do piso de circulação do compartimento, em terra batida.

No interior desta estrutura, e um pouco por todo o interior deste compartimento, foram identificadas grandes quantidades de cinzas e alguns carvões, sugerindo uma longa e intensa utilização da mesma. Para além disso verificámos igualmente a presença, no interior deste compartimento, de alguns fragmentos cerâmicos com vestígios de utilização ao lume, bem como de alguma fauna, resultantes certamente da confecção ou até mesmo consumo de algumas refeições neste espaço.

Junto à esquina norte deste compartimento à cota da base da lareira, foram ainda postas a descoberto uma série de lajes de xisto planas, que poderão eventualmente ter alguma relação com a estrutura que descrevemos anteriormente, ou com um outro espaço desta cozinha, não sabemos.

Acresce referir a recolha de um fragmento de cerâmica de tipo *verde e manganés* numa pequena bolsa de terras que preenchia uma ligeira depressão do afloramento de base. Acreditamos que este fragmento esteja relacionado com uma fase anterior à construção deste espaço, ou se relacione com a fase de construção do mesmo, nunca com a sua fase de utilização.

CASA VIII

Esta nova unidade habitacional desenvolve-se paralelamente ao longo de toda a fachada ocidental da casa VII. A sua planta obedece também aos princípios básicos da casa tradicional de pátio, articulando-se todos os seus elementos principais em torno dessa área.

Topograficamente ocupa uma plataforma inferior em relação às cotas de edificação das casas anteriores. Implanta-se sobre um espaço amplo e regular, definido a sudeste por uma barreira de afloramento onde se construiu a casa VII, prolongando-se para noroeste até nova linha de quebra no terreno, na fronteira para o espaço ocupado pela casa IX, novamente mais baixo.

Nesta plataforma foi possível edificar-se uma grande casa, composta por vários compartimentos, obedecendo estes a funcionalidades mais ou menos bem definidas.

Se uns espaços se tornam para nós evidentes, como parece ser a localização da sala principal desta casa, outros não se tornam tão claros, pelo que a sua interpretação funcional não pode ser convenientemente esclarecida.

Compõe-se basicamente por cinco compartimentos cobertos, dispostos sobre três dos lados que rodeiam o pátio, e três áreas a céu aberto, donde para além do pátio se evidenciam uma zona de comunicação e passagem para o exterior, e outra relacionada com um eventual cercado para gado.

Numa das extremidades do compartimento que referimos como a sala principal da casa voltámos a identificar as bases de uma estrutura semelhante a outras idênticas lo-

calizadas nos mesmos compartimentos de outras casas. Importa referir aqui que no interior destas casas o mobiliário era reduzido ao básico. Nas palavras de alguns autores (Guichard e Staevel, 1995, p. 48), eram alguns elementos arquitectónicos que suplantavam a falta de móveis, estes apresentavam-se em forma de nichos ou armários murais para alguns objectos ou roupa de cama. Pensamos que estas estruturas se relacionem, como temos vindo a defender, mais com pequenos armários ou despensas, do que como alcovas. Pensamos que a alcova deste compartimento se localiza exactamente numa pequena divisão do lado oposto, com acesso directo a partir desta sala.

Não se identificaram remodelações à planta inicial, verificámos sim a justaposição de estruturas quer com elementos da casa VII quer com outros da casa IX, pelo que acreditamos que terão sido construídas num espaço de tempo muito próximo.

Esta casa ocupa uma área total⁸ de 152,74 m², tornando-se numa das maiores vivendas escavadas desta alcaria.

Para nordeste, numa plataforma inferior e fora dos limites da nossa intervenção, poderá localizar-se uma outra casa, para além de alguma cerâmica de construção eram visíveis grandes amontoados de pedras soltas e afloravam à superfície alguns muros.

1) O pátio

O pátio desta casa é sub-rectangular apresentando-se o seu lado maior, no eixo sudoeste/nordeste com 8,48 m. Ocupa uma superfície total em torno dos 36 m².

Encontrava-se parcialmente lajeado, verificando-se uma ausência total de lajes na área central desta área. A zona lajeada do pátio limitava-se apenas às duas extremidades dos lados menores deste espaço. Do lado nordeste construiu-se um patamar rectangular, com 5,21 m de comprimento por 1,81 de largura, fazendo-se por aqui o acesso à sala principal desta casa.

Este patamar era definido a sudoeste por um pequeno murete de contenção, preenchendo-se o seu interior com lajes de xisto sobrepostas e optando-se pela aplicação de grandes lajes de xisto no topo. Este patamar encontrava-se sobrelevado em relação ao piso de circulação do pátio em cerca de 0,15 m. Junto à base do murete, foi posto a descoberto uma remate de lajeado que se encontrava confinado àquele espaço, não se desenvolvendo em extensão para o interior do pátio.

O outro lado menor do pátio apresentava-se igualmente lajeado, a sudoeste verificou-se a existência de um corredor lajeado que se prolonga até mesmo ao exterior desta casa. Este lajeado é colocado de forma estratégica ao longo do corredor de ligação entre o exterior e a entrada para o pátio, fazendo também a ligação com outro grande espaço a céu aberto localizado sobre o seu lado sudeste.

⁸ Contabilizou-se também a área ocupada pelo cercado.

A opção pela construção de patamares junto a algumas entradas poderá ter uma explicação funcional, impediria certamente a inundação de alguns compartimentos durante dias mais chuvosos, caso não existisse um bom escoamento de águas da zona do pátio.

Do patamar construído a nordeste acedia-se à entrada que nos conduzia ao interior da sala principal.

2) Sala principal

A sala principal desta casa desenvolve-se sobre o lado nordeste do pátio, por onde existe a única ligação com o exterior.

Apresenta uma configuração rectangular com 7,63 m de comprimento por 3,30 m de largura, ocupando uma superfície com 25,17 m².

O vão de entrada para esta sala apresentava uma largura de 0,90 m, encontrando-se este bem estruturado pela colocação de dois muretes a delimitarem as extremidades laterais desta entrada. Foi possível ainda observarmos algumas das lajes de xisto que fariam parte da soleira desta porta, estruturando-se estas ao nível do piso em terra batida, espectacularmente bem conservado no interior deste compartimento.

A estrutura identificada na extremidade sudeste deste compartimento era uma construção maciça, composta por um murete de contenção de uma só face, que delimitava um espaço com uma largura de 1,21 m. Esse espaço interno, entre o muro que fecha este compartimento e o murete, tinha sido completamente preenchido com uma camada de terra e pedra miúda, de onde também se recolheram alguns materiais, sobretudo alguns fragmentos de cerâmica comum e algum material de construção – telhas de canudo. Uma série de lajes planas em xisto, de que restou apenas um dos elementos na extremidade sudoeste, cobriam toda a superfície superior desta estrutura, funcionando esta como uma espécie de bancada numa das extremidades do compartimento.

Na parede que delimita internamente esta sala por este lado foram identificados restos do revestimento das paredes internas, feitos à base de uma argamassa fina de areia e cal, aplicados directamente sobre o muro.

Acreditamos que esta estrutura se relacione com uma bancada, ou banca onde se colocariam alguns objectos expostos de maior destaque no interior deste compartimento. Apresentava uma altura total em volta dos 1,10 m. Curiosamente foi identificada uma estrutura semelhante no *Ribat* da Arrifana, não tendo os investigadores chegado a uma conclusão efectiva em relação à mesma mas colocando a hipótese de ser uma bancada ou até mesmo uma sepultura (Gomes e Gomes, 2004, p. 544).

No topo do piso de circulação deste compartimento recolheu-se um fragmento de um pequeno tabuleiro de jogo, em cerâmica.

Esta sala comunicava com um pequeno compartimento localizado no seu lado sudoeste, que muito provavelmente terá funcionado como uma pequena alcova.

3) Alcova?

Este espaço relativamente exíguo, com apenas 2,78 m de comprimento por 1,3 m de largura, ocupando apenas um espaço de 3,61 m², corresponderá a uma alcova, com dimensões aproximadas às alcovas identificadas em Mértola (Macias, 1996, p. 87).

O único acesso a este compartimento era feito através de uma porta descentrada, aberta no canto oeste da sala. O vão desta porta apresentava uma largura total de 0,84 m, e na sua base encontrava-se disposta do lado da sala, uma laje em cutelo, elemento de uma eventual porta, que fechava assim este espaço. Esta porta abriria em direcção ao interior do pequeno compartimento.

O desnível acentuado no terreno que se começa a verificar no local de implantação deste compartimento, deverá ter contribuído para uma maior destruição dos muros que o definiam a noroeste, encontrando-se mesmo o piso de circulação interno deste pequeno espaço bastante alterado, verificando-se um grande desnível entre este e o piso da sala principal, implantado sobre um plano horizontal.

Paralelo a esta pequena dependência, do lado noroeste, construiu-se um outro pequeno compartimento, com dimensões muito idênticas ao que acabámos de descrever.

4) Pequeno compartimento

Paralelo ao compartimento 3, localiza-se na extremidade mais a norte desta casa. Ocupa uma área muito pequena, com apenas 3,82 m². Não foi possível identificarmos qualquer passagem de acesso, encontrando-se os muros que o definiam muito destruídos, reduzidos à primeira fiada de base. A entrada, deveria estruturar-se a uma cota mais elevada, pelo que não nos foi possível identificá-la.

Acreditamos que esta passagem pudesse ser feita pelo interior do compartimento que se situa a sudoeste, com abertura no canto norte desse mesmo compartimento, muito destruído.

Seria este compartimento uma segunda alcova de uma sala secundária da casa?

5) Salão secundário / cozinha

Não sabemos concretamente qual a funcionalidade deste compartimento dentro das várias dependências que compunham esta casa. Implantada sobre um dos maiores lados do pátio, apresenta uma configuração sub-rectangular, medindo o seu lado maior 6,90 m por 2,54 m de largura, compondo-se no total do espaço que ocupa uma superfície de 17,56 m².

Encontravam-se as paredes que o fechavam a noroeste e a sudeste muito arruinadas, reduzindo-se nestas zonas os muros à base dos seus alicerces.

O acesso ao interior deste compartimento fazia-se mediante uma abertura centrada na fachada voltada para o pátio, algo arruinada, faltando parte do muro que a definiria.

Não foi igualmente identificada nenhum vestígio de uma soleira junto a esta entrada, pelo que mais difícil ainda se torna avaliarmos os seus reais limites.

Na esquina sul deste compartimento encontraram-se vestígios de uma lareira, estruturada directamente sobre o piso de circulação e encostada ao ângulo deste lado do compartimento. Neste local foram ainda identificadas à mesma cota uma série de lajes planas e fragmentos de telha, que marcariam o espaço da lareira naquele local.

Pensamos que pelo menos o lado sudoeste deste compartimento tenha funcionado como cozinha, tendo-se identificado na zona próxima da lareira vestígios de cerâmica de utilização ao lume. Não seria apenas um espaço de cozinha podendo, eventualmente, o lado oposto funcionar como uma zona onde se desenrolasse outro tipo de actividades.

Para ter funcionado somente como cozinha parece-nos um espaço exageradamente grande, comparativamente com o espaço ocupado da maioria das cozinhas identificadas noutras casas.

6) Compartimento 6

Este compartimento partilha elementos estruturais da casa IX, evidenciando-se mais uma vez a comunhão entre estruturas comuns de espaços habitacionais distintos. Trata-se de um compartimento de planta rectangular com 3,6 m de comprimento por 2,43 m de largura, ocupando uma superfície total de 8,74 m².

Dado tudo aquilo que foi exposto acreditamos que estas casas, construídas muito próximas umas das outras, partilhando algumas paredes mestras, possam ter sido edificadas num espaço de tempo muito próximo, num espírito construtivo que procura gerir da melhor forma o espaço, agrupando-se num local pouco regular um conjunto homogéneo e bem distribuído de casas.

O acesso ao interior deste compartimento fazia-se por uma passagem lateral localizada na fachada sudeste deste espaço, dando do interior a ligação a uma zona de passagem a céu aberto de comunicação entre o pátio e o espaço exterior.

À entrada deste compartimento foi construído do lado exterior um outro patamar, idêntico ao que se tinha construído defronte da entrada para a sala principal.

Este patamar ocupava no exterior a largura total desta divisão, apresentando este uma largura total de 1,09 m, por 0,14 m de altura em relação ao piso de circulação sobre as lajes do corredor de passagem.

A entrada encontrava-se bem estruturada por soleira deposta na base entre a interrupção dos muros que a definiam. Uma das lajes que constituíam esta soleira apresentava um pequeno orifício para assentamento do gonzo da porta, abrindo esta para o interior desta sala. Apresentava um vão com 0,78 m.

No interior identificámos um conjunto de lajes planas colocadas à cota do piso de

circulação, pelo que acreditamos que estes elementos possam ter constituído parcialmente esse piso, completando-se os restantes espaços com terra batida.

O muro que delimitava este compartimento a noroeste encontrava-se em muito mau estado de conservação, encontrando-se praticamente todos os elementos que o compunham deslocados das suas posições originais.

Não sabemos ao certo qual a verdadeira funcionalidade desta dependência, podendo eventualmente tratar-se de um local utilizado para armazenamento de alguns produtos.

7) Saguão

Este espaço entre muros, com 6,42 m de comprimento por 2,42 m de largura, é uma zona de passagem, provavelmente a céu aberto, que faz a ligação do exterior com a zona do pátio. Apresenta duas aberturas, uma no muro que fecha este espaço ao exterior, a outra na fachada do muro voltada ao pátio, entre estas duas entradas verificamos que existe um corredor lajeado, prolongando-se inclusivamente algumas das lajes sobre o exterior desta construção.

A passagem voltada para o exterior apresenta um vão de 1,20 m, a entrada voltada para o pátio apresenta uma largura ligeiramente inferior, com apenas 0,96 m. Em nenhuma das lajes dispostas na base destas duas entradas apresentava vestígios de orifício para assentamento do gonzo da porta, mas ainda assim acreditamos que pelo menos a porta voltada ao exterior devia ser fechada.

Para além de um corredor lajeado, identificou-se sobre parte do lado sudeste deste espaço vestígios de uma outra zona lajeada, correspondendo à zona da quadrícula K2. Este lajeado encontrava-se muito perturbado pela presença de raízes que contribuíram para a destruição de parte significativa desta estrutura. Acreditamos que o lado sudeste deste espaço tenha funcionado como pequeno logradouro, onde uma pequena parcela de terreno, sobre o lado sudeste pudesse ser, eventualmente, cultivada.

A quantidade de telhas encontradas no decurso da escavação não fazem supor a existência de um nível consistente de derrube de telhado, pelo que somos levados a pensar que esta seria uma zona a céu aberto, encontrando-se apenas excepcionalmente coberta a extremidade noroeste, ocupada pelo patamar de acesso ao interior do compartimento 6.

8) Cercado

Ocupando uma zona considerável desta casa, encontrámos um outro espaço murado a céu aberto, localizando-se em extensão sobre o lado sudeste do pátio. De configuração sub-rectangular com 9,69 m de comprimento por 4,36 m de largura ocupa uma superfície com 42,28 m².

Era definido por um muro construído em pedra seca sobre a zona do pátio a noroeste, muro que não deveria ser muito alto. A nordeste era definido pelas fachadas interiores da sala principal desta casa e por parte da fachada interna da cozinha da casa VII, a sudeste era delimitado pela fachada ocidental da casa VII, e a sudoeste era delimitado quer por parte do muro de eventual logradouro, quer por parte de uma das paredes que definiam o espaço do curral da casa VII daquele lado.

Apresenta apenas uma entrada com acesso pelo pátio, localizando-se esta no canto oeste deste espaço. Verificámos a colocação intencional de grandes lajes na base desta entrada, no que consideramos serem o prolongamento de alguns corredores de acesso lajeados, que se estendem para o exterior desta casa.

O interior do cercado encontrava-se preenchido por uma imensa camada de derrube, proveniente da ruína da fachada ocidental da casa VII. Verificámos, após a remoção desse derrube, que este se encontrava directamente em contacto com o piso de circulação desta área. Este piso era pouco cuidado, constituído apenas à base de alguma terra e pequenas lascas de xisto colocadas directamente sobre o afloramento de base, encontrando-se este relativamente próximo desta superfície.

Não identificámos nenhuma camada de terras mais escuras que se pudessem relacionar com uma zona de cultivo, pelo que pensamos que este espaço tenha sido criado com um único propósito, guardar gado, o que neste contexto rural nos parece perfeitamente aceitável.

CASA IX

Esta casa não pôde ser escavada na totalidade, uma vez que os seus limites se estendiam para fora da nossa área de intervenção. Assim, o conhecimento desta nova unidade habitacional é muito parcelar.

Implantou-se sobre o lado noroeste da casa VIII, numa zona mais baixa em relação às outras plataformas ocupadas pelo restante casario.

Pensamos que o modelo organizativo desta casa seja em tudo semelhante às outras escavadas, correspondendo muito provavelmente ao modelo de casa de pátio.

Foi identificada uma zona com grandes lajes que corresponderá à área do pátio desta casa. Para além dessa zona lajeada pudemos identificar um compartimento com duas entradas, uma comunicava com o exterior a outra com a zona do pátio. Este compartimento seria uma estrutura muito idêntica ao espaço que comunicava também com o exterior da casa VIII.

1) Pátio

Identificamos com o pátio desta nova casa uma zona interior, lajeada, ocupada pelas

quadrículas J2' e J3'. Não nos é possível tecermos grandes considerações sobre este espaço uma vez que apenas pudemos escavar uma ínfima parte da área que ocuparia na totalidade. Ainda assim verificámos que a parede que delimitaria este espaço a sudeste fora construída em alvenaria de xisto segundo uma técnica construtiva conhecida por *pseudo opus spicatum*, dispondo-se as lajes a formar espinha. Curiosamente, foi o único muro onde se evidenciou claramente uma intencionalidade de se disporem os seus elementos desta forma.

O lajeado apresentava-se muito bem preservado na parte que foi escavada, formado por grandes lajes de xisto de configuração rectangular, pouco espessas, e dispostas de uma forma bastante regular.

Do lado sudoeste deste espaço lajeado acedia-se a uma passagem com um vão de 0,84 m de largura que conduzia ao interior de um compartimento, identificado na planta geral deste sítio com o n.º 2.

2) Saguão

Este compartimento encontrava-se sobre o lado sudoeste da zona que fizemos corresponder ao pátio central desta casa.

Provavelmente seria um dos vários compartimentos que se desenvolviam em torno deste espaço central a céu aberto. Apenas foi possível escavá-lo parcialmente pelo que não sabemos qual seria a sua verdadeira extensão, media 2,42 m de largura.

A porta voltada ao pátio, com uma largura de 0,84 m encontrava-se bem estruturada, apresentado na base do espaço aberto entre os muros que a delimitavam uma série de lajes de xisto colocadas a fazerem soleira, verificando-se ainda, na parte interna deste compartimento a colocação de uma laje fina em cutelo.

Não foram identificadas em nenhuma destas lajes o pequeno orifício de assentamento para gonzo da porta, mas acreditamos que esta passagem fosse fechada, abrindo-se a porta em direcção ao pátio.

Apresentava ainda uma outra entrada voltada para o exterior, provavelmente por onde seria feito o acesso ao interior desta vivenda, constituindo este compartimento, uma vez mais, um corredor de passagem entre o exterior e o interior.

A porta que comunicava com o exterior encontrava-se bem preservada, apresentava um vão de 1,21 m e bem estruturada, verificando-se igualmente aqui uma laje colocada em cutelo no interior do compartimento, sendo a restante zona entre muros ocupada na base por lajes de xisto planas, que constituiriam a soleira desta porta.

Esta abertura comunicava com um corredor lajeado que se desenvolvia já do lado exterior, para sudoeste, num total de 3 m de extensão preservado por cerca de 1,20 m de largura.

A ladear este corredor lajeado foi identificado um muro, que adossado ao lado exte-

rior do compartimento 2 (saguão), junto ao acesso deste compartimento pelo exterior, se desenvolvia também para sudoeste, evidenciando uma curvatura na zona onde se encontrava destruído, correspondendo esta extremidade ao espaço ocupado pela quadrícula N4'.

Muito provavelmente poderemos estar perante um muro, que à semelhança de um outro identificado na casa V, delimitaria uma zona fronteira desta casa, relacionando-se esta com um eventual espaço de logradouro, ou uma pequena horta. Apenas com a continuação, no futuro, de trabalhos arqueológicos, se poderão confirmar ou refutar algumas das hipóteses levantadas pela escavação parcial destas estruturas.

5.2. Estratigrafia

De um modo geral a escavação deste sítio arqueológico evidenciou uma estratigrafia relativamente simples, muito semelhante em toda a área escavada. Assim, além da primeira camada inicial, que corresponde à camada de terras vegetais superficiais, foram de uma forma geral observados dois grandes níveis de derrube das estruturas. O primeiro, a que fizemos corresponder a camada 2, corresponde ao nível de destruição dos muros que compunham essas mesmas estruturas. Sob esse nível, e apenas no interior dos compartimentos, identificámos com segurança uma terceira camada correspondente ao derrube da cobertura deste edifícios, camada 3, apresentando-se este nível bastante homogéneo pela quantidade de fragmentos de telha de meia-cana encontrados.

No interior de alguns compartimentos pudemos observar ainda a existência de uma camada que se interpunha entre este nível de derrube de telhas e o topo do piso de circulação, designámo-la por camada 4. Esta camada encontra-se relacionada com a fase de abandono deste sítio arqueológico, tendo sido possível recolher-se grande parte do material que data exactamente o último momento de ocupação deste povoado. Esse abandono, consequência directa da *Reconquista cristã*, ter-se-á verificado ainda na primeira metade do século XIII, durante a fase final da ocupação islâmica no nosso território.

Para além das camadas referidas, identificaram-se outros estratos pertencentes a diferentes contextos, e que nem sempre aparecem registados nos desenhos efectuados a três cortes estratigráficos. Estas camadas reportam-se sobretudo a níveis de enchimento de algumas estruturas positivas e negativas, bem como a níveis de regularização do interior de alguns compartimentos.

Assim, a estratigrafia do SÍTIO 2 era formada pelas seguintes camadas:

Camada 1

Camada de terras superficiais, com inclusões de muitas raízes de calibre diverso. A terra apresentava tonalidades acastanhadas, prevalecendo a tonalidade castanha escura. A sua compactidade era muito reduzida. Apresentava uma espessura média em torno dos 0,15 m.

Desta camada foram recolhidos alguns materiais enquadráveis no período medieval e relacionáveis com a ocupação islâmica deste espaço durante esse período.

Este nível corresponde à camada de sedimentos que se foi acumulando paulatinamente, em épocas relativamente recentes, sobre as diversas estruturas arqueológicas.

Camada 2

Camada correspondente ao derrube das estruturas. Esta era constituída por terras castanhas claras, medianamente compactas e com raízes de calibres diversos. Era, para além da inclusão destes elementos, composta sobretudo por grandes quantidades de elementos pétreos de tamanhos variados, resultantes da ruína das diversas estruturas arqueológicas. Neste nível foram recolhidos uma grande percentagem dos materiais arqueológicos, cuja origem neste estrado é compreensível pelos revolvimentos periódicos do solo para fins agrícolas.

Camada 3

Esta camada, sobrejacente à camada 2, corresponde ao aluimento da cobertura dos edifícios. Constituíam-se por terra castanha clara, pouco compacta, com alguns elementos pétreos de menores dimensões e onde abundam grandes quantidades de telha de meia-cana. Para além destes elementos encontraram-se neste nível vários nódulos de uma argamassa de areia e cal, muito provavelmente relacionados com a cimentação de alguns destes elementos no arranque do telhado. Em conexão com este nível foram recolhidos alguns materiais arqueológicos, que se poderão relacionar já com a fase final de ocupação verificada no interior de alguns compartimentos.

Camada 4

Identificada muito pontualmente, sob os níveis de derrube do telhado, corresponde à fase de abandono deste povoado. Caracterizava-se pela menor abundância de telhas e pela presença de elementos pétreos de dimensões menores, misturados numa camada de terras castanhas claras e muito soltas, ainda com algumas raízes. Foram identificados pontualmente nesta camada vestígios que apontavam para a presença de estruturas de combustão, tendo-se verificado nalguns locais a ocorrência de manchas de terras mais escuras com algumas cinzas e carvões.

Esta camada assentava directamente sobre o piso de circulação do interior dos diversos compartimentos, e foi possível aqui recolher-se um número significativo de recipientes cerâmicos, que ainda que muito fragmentados puderam reconstruir-se de forma parcial, alguns mesmo na sua totalidade.

Esta camada, reduzida apenas a algumas zonas apresentava, quando melhor preservada uma potência estratigráfica em torno dos 0,30 m.

Camada 5

Esta camada reporta-se ao piso de circulação, em terra batida, existente apenas no interior de alguns compartimentos. Neste caso foi possível identificá-la no interior do compartimento que relacionamos com a cozinha da casa V. Apresentava uma espessura algo variável, pelas irregularidades do afloramento rochoso de base, mas que em média rondava os 0,05 a 0,07 m de espessura. Este piso, por norma, era colocado directamente sobre o substrato de base, previamente desbastado.

Camada 6

Foi identificada na área fronteira da casa V, um nível constituído na sua maioria por terras escuras, com muitos carvões, restos alimentares e grandes quantidades de cerâmica muito fragmentada. Esta camada, com uma espessura média de 0,30 m, corresponde a uma zona de lixeira existente num espaço aberto e fronteiro à casa V.

Camada 7

Esta camada corresponde aos níveis de enchimento com elementos naturais, compostos por lascas de xisto de pequena dimensão resultantes do desbaste do afloramento de base e utilizada na regularização do terreno em algumas áreas do sítio arqueológico, com maior incidência no interior de alguns compartimentos, apresentando-se este nível com espessuras variáveis. Na sua composição foram recolhidos escassos materiais arqueológicos, apresentando-se estes de um modo geral muito rolados.

Camada 8

Corresponde à desagregação do afloramento de base, arqueologicamente estéril. Nos cortes desenhados não se faz referência a este estrato natural, apresentando-se nesses desenhos como o topo da última linha desenhada a tracejado oblíquo, que representa obviamente o afloramento de base.

Camada 9

Reporta-se ao nível de preenchimento de uma fossa de configuração semicircular, escavada ligeiramente no afloramento. Encontrava-se no interior do compartimento 2 da casa VII, no espaço correspondente à quadrícula C7. O topo desta estrutura encontrava-se ao nível do piso de circulação do interior deste compartimento, e apresentava um profundidade máxima de apenas 0,12 m. O seu enchimento era composto por terras castanhas, muito soltas e algumas pedras de dimensões muito reduzidas. No seu interior foram ainda recolhidos um número considerável de fragmentos cerâmicos, pelo que tenhamos interpretado esta estrutura como uma fossa detritica, semelhante a tantas outras encontradas em contextos islâmicos.

Camada 10

Corresponde ao enchimento da estrutura negativa localizada no canto norte do compartimento 2, também da casa VII. Acreditamos que esta estrutura possa ter funcionado como local de armazenamento de alguns produtos, tendo depois servido, numa fase ulterior, como simples lixeira, tendo sido preenchida com diversos elementos desde terras com várias tonalidades, cerâmica de construção, nódulos de argamassa de areia e cal, ossos e vários fragmentos de recipientes cerâmicos, destacando-se na base desta camada o aparecimento de uma tigela em cerâmica comum, de pastas alaranjadas. Esta peça encontrava-se partida em dois fragmentos, permitindo, após colagem reconstituição integral. O preenchimento desta estrutura poderá estar relacionado com a construção de um novo compartimento, localizado sobre o lado noroeste deste, numa fase posterior.

Camada 11

Corresponde ao preenchimento de uma depressão natural localizada na esquina sul do pátio da casa V. Era constituída por terras castanhas-amareladas, tendencialmente arenosas e pouco compactas. Apresentava uma potência máxima em torno dos 0,40 m. Esta fossa poderá estar relacionada, eventualmente, com uma árvore que existiria naquele local. No seu interior foram encontrados muito poucos materiais, constituídos na sua maioria por pequenos fragmentos de telha de meia-cana, ainda assim foi neste estrato que foi identificada uma das duas moedas provenientes deste sítio arqueológico.

Camada 12

Este nível corresponde única e exclusivamente a uma bolsa composta por alguma terra solta, poucos elementos pétreos e uma grande quantidade de fragmentos de telha de meia-cana. Pensamos que esta bolsa, que se desenvolvia entre as quadrículas E11 e D11, assentando directamente sobre uma zona lajeada, possa estar relacionada com a fase de abandono e ruína da casa IV. Após o abandono desta habitação, uma das mais antigas identificadas neste sítio, passou muito provavelmente o espaço que esta ocupava a constituir-se como local de vazadouro de elementos provenientes de construções entretanto construídas em seu redor.

6. SÍTIO 3

Compreendido entre o Pk 1+700 e o Pk 1+768, com a cota superior de 36 m e a inferior de 30 metros.

6.1. Resultados arqueológicos

6.1.1. As estruturas

6.1.1.1. Técnicas de construção

Não adiantaremos praticamente nada de novo neste ponto em relação ao sítio 3, todos os aspectos que poderíamos abordar foram já desenvolvidos no ponto 5.1.1.1. deste texto, pelo que nos limitaremos apenas a tecer algumas considerações que julgamos pertinentes.

Neste sítio, ao contrário da generalidade das situações descritas, encontramos uma vala escavada no afloramento para implantação da fundação de dois muros, muros esses que pertencem à última casa a ser edificada neste local.

Esta casa – casa III – parece obedecer claramente a um projecto arquitectónico preciso, respeitado até ao fim. A implementação no terreno desse projecto, levou a que se cortasse, parte do afloramento para a implantação da esquina sudeste do compartimento 5. Trata-se, sem dúvida, de uma facta invulgar, porque em nenhuma outra casa este pormenor foi observado.

6.1.1.2. As estruturas arqueológicas

Neste ponto seguiremos as mesmas linhas orientadoras que foram expostas relativamente ao SÍTIO 2.

Passaremos assim de seguida à descrição das estruturas identificadas neste sítio, fazendo-se esta descrição em consonância com as várias fases construtivas identificadas.

CASA I

Infelizmente muito pouco sabemos em relação ao conjunto de estruturas que designamos por casa I dos alcariais de Odeleite. A escavação arqueológica neste local, porque limitada a uma área bem demarcada para a realização dos trabalhos, não conseguiu produzir resultados em número suficiente para que se compreendesse a realidade deste espaço, que cremos ser habitacional, tendo-se limitado a por a descoberto um conjunto de estruturas que em tudo poderão relacionar-se com uma casa ali existente.

1) Compartimento 1

Desviados em cerca de dois metros para oeste do primeiro conjunto de estruturas que formam a casa II, encontrámos vestígios nestas ruínas que apontam para a existência de um a dois compartimentos. Um desses compartimentos – n.º 2 – está localizado a nordeste desta área

Trata-se de um corpo rectangular, de que apenas escavámos parte da sua extremi-

dade sudeste, mas que poderia relacionar-se com uma das construções que ladeavam um dos lados do pátio.

Das suas dimensões reais apenas podemos referir a largura, que rondaria os 2,40 m, medidas bastante aproximadas com praticamente todos os outros compartimentos das outras casas identificadas neste sítio. Do que nos foi possível observar o seu piso seria em terra batida, implantado sobre prévia camada de regularização.

Não identificámos qualquer acesso ao seu interior mas acreditamos que uma das entradas pudesse estar centrada na fachada que se abre para o pátio.

2) Pátio

A sudoeste deste edifício identificámos uma área a céu aberto cujo piso de circulação se fazia sobre um conjunto de grandes lajes de xisto azul dispostas sobre pequena camada de preparação assente no afloramento xistoso de base. Acreditamos que esta grande área lajeada se possa relacionar com o pátio desta casa. O lado sudoeste desta área lajeada, confinada dentro dos limites de duas construções, apresenta uma extensão total de 8,48 m, valores muito aproximados com os lados menores do pátio da casa II.

Refira-se no entanto que este espaço lajeado não se estendia à mesma cota. Junto à fachada voltada para o pátio do compartimento 1, verificámos que aí as lajes se encontravam a uma cota mais elevada, uma diferença na ordem dos 0,50 m. Pode eventualmente tratar-se de um pequeno patamar sobrelevado em relação ao piso de circulação do pátio, e que seria utilizado como espaço de acesso e circulação ao compartimento referido.

Acreditamos que esta área tenha apenas sido lajeada depois da construção do módulo excêntrico ao corpo principal da casa II, que acaba por fechar o lado sudeste do provável pátio da casa I. Ter-se-á completado o encerramento total deste lado do pátio com a construção de um muro a preencher a abertura entre as esquinas sul do compartimento 2 da casa I, e a esquina norte do compartimento 8 da casa II.

3) Estruturas a sudoeste do pátio

Pouco podemos adiantar em relação a estas estruturas, provavelmente terão feito parte de um módulo que delimitava o pátio pelo lado sudoeste. As lajes do pátio terminam junto a uma construção composta por dois muros a fazer esquina. Estes muros poderiam eventualmente fazer parte de um segundo módulo localizado a sudoeste do pátio, encontrando-se as fachadas voltadas para o exterior muito destruídas não se tendo preservado nenhum dos lados que formariam a esquina sul deste compartimento, nem a provável fachada que o fechava a sudoeste.

Não sabemos também se a construção do módulo autónomo da fase final da casa II, constituído pelos compartimentos 8 e 9, não terá destruído por esta altura parte de ele-

mentos arquitectónicos pertencentes a esta primeira casa, ainda que essa possibilidade seja para nós remota.

Um terceiro espaço rectangular, de diminutas dimensões, encontrava-se localizado entre a fachada sudeste de um hipotético segundo módulo desta casa e a fachada exterior dos compartimentos 8 e 9 da casa II. O Seu terceiro lado encontrava-se fechado a sudoeste por um muro que adossava também à fachada exterior dos compartimentos 8 e 9 da casa II.

Este espaço com 1,76 m de comprimento com 0,80 m de largura, perfazendo um total de 1,40 m² é também de difícil interpretação. No seu interior verificámos a existência de indícios daquilo que nos pareceu ser um pequeno canal, ou restos de uma conduta, escavado na rocha e estruturado entre um pequeno murete e o muro que fecha este espaço a oeste. Terá tido este espaço a função de latrina da casa? Pela sua localização, numa das extremidades do pátio, pela sua orientação e dimensões, acreditamos que este espaço possa eventualmente estar relacionado com uma latrina, que a dada altura poderá ter sido abandonada, não sabemos. O canal que identificámos no interior deste pequeno espaço poderá corroborar a hipótese por nós levantada, embora não tenha sido identificada nenhuma fossa ou abertura de escoamento em nenhuma das paredes que o encerra, como no caso da latrina da primitiva casa II.

Resta-nos falar na fase final da descrição das estruturas desta casa I, da presença de um muro longo que delimita a sudoeste a área ocupada por estas ruínas. Trata-se de um muro mais largo, feito com elementos pétreos xistosos de maiores dimensões. Foi construído em pedra seca, e terá servido numa fase posterior como muro delimitatório de uma propriedade agrícola cronologicamente distanciada destas construções medievais.

Com uma largura de 0,64 m, ligeiramente superior às larguras apresentadas pelas restantes construções, foi possível pôr-se a descoberto 12 m da sua real extensão. Verificámos que o seu início arrancava a partir da esquina sul do compartimento 9 da casa II, prolongando-se na extensão referida, para noroeste, para além da área escavada.

CASA II

Aproximadamente a este da casa I, que tal como já referimos não nos foi possível escavar na totalidade, desenvolve-se um novo espaço habitacional – casa II.

Casa islâmica de características clássicas na sua génese, obedecendo esta a padrões bem definidos onde todos os elementos que a compõem se desenvolveram, numa primeira fase em torno a área central aberta – pátio –, sofreu várias alterações ao longo do tempo. Essas alterações, ou fases construtivas distintas, puderam ser observadas a partir do modelo primitivo da casa, em tudo muito semelhante ao que seria observado na planta da casa III.

Fase I (fundacional)

Tal como já tivemos oportunidade de enunciar, esta casa obedece ao modelo “clássico” da casa islâmica, pelo que iniciamos a sua descrição e interpretação, pelo coração da mesma – o pátio –, espaço n.º 1 da planta geral. O somatório da área total ocupada pela casa primitiva é de 138,73 m². O pátio primitivo apresenta uma área total de 67,84 m², traduzindo-se em cerca de 50% da área total do edifício.

1) Pátio

Espaço interno a céu aberto, tendencialmente rectangular, com 8,48 m de comprimento por 8,00 m de largura não seria, na sua fase inicial lajeado. Com uma área total inicial de 67,84 m², desenvolveram-se todos os compartimentos desta primeira fase em torno de cada um dos seus lados. O único acesso do exterior para este espaço, que é simultaneamente a entrada principal da casa, encontra-se na esquina norte deste complexo. Esta entrada lateral, com um vão de 0,80 m, desenvolvia-se em corredor, definido pelas paredes oeste do compartimento 4 e este do compartimento 3, num total de 3,52 m de extensão por 0,80 m de largura.

Pensamos que esta entrada, nesta primeira fase, pudesse também ser fechada, ainda que essa situação só se tenha de facto tornado visível pela implantação de um espaço murado quadrangular adossado às paredes norte da face externa dos compartimentos 3 e 4, que julgamos pertencer já a uma segunda fase⁹.

É fechado a este por um muro que apresentaria um comprimento total de 11,68 m por 0,60 m de largura. É ligeiramente mais largo que os muros dos diversos compartimentos que como já tivemos oportunidade de referir apresentam uma largura média em torno dos 0,55 m.

O piso de circulação, nesta primeira fase, far-se-ia em piso térreo, colocado a preencher as irregularidades do afloramento.

Do pátio acedia-se ao interior de todos os compartimentos, exceptuando-se a entrada directa ao compartimento 3, que tinha ligação com o corredor comunicante com este espaço.

2) Salão principal

Paralelo ao lado noroeste do pátio, fechando-o por este lado, e orientando-se segundo um eixo SO/NE, encontramos a principal sala desta casa. Esta forma, com o com-

⁹ Os muros este e oeste desta entrada estruturada encontram-se adossados às fachadas exteriores dos compartimentos 3 e 4, pelo que remetemos esta construção para uma fase posterior à construção destes 2 compartimentos, ainda que não tenha sido totalmente posta de parte a possibilidade da sua construção ter ocorrido logo num primeiro momento.

partimento 3, o primeiro dos três módulos que se desenvolvem em torno de três dos quatro lados do pátio. Assume em planta uma configuração rectangular com 6,88 m de comprimento por 2,72 m de largura, numa área total de 18,71 m².

A entrada principal para este compartimento faz-se mediante abertura ao centro e na fachada principal voltada ao pátio, apresentando esta um vão de 0,88 m de largura, encontrando-se estruturada por soleira definida por lajes de xisto planas na base dos muros que a delimitam e laje estreita de configuração rectangular disposta paralela, no interior deste compartimento. A porta abriria para o pátio.

Este compartimento era telhado, encontrámos provas inequívocas que atestam a cobertura deste edifício com telhas de meia-cana, decoradas.

Do interior deste compartimento acede-se a uma outra divisão – compartimento 3 –, situada no prolongamento para NE desta sala. A passagem, descentrada, fazia-se com entrada situada na esquina NE desta sala principal, apresentando esta um vão de 0,64 m. Acreditamos que nesta primeira fase este compartimento anexo à sala principal possa ter funcionado como uma das alcovas, quiçá dos proprietários da casa¹⁰.

3) Sala secundária? Alcova?

Paredes meias com o salão principal da casa, a nordeste, encontramos um compartimento de dimensões inferiores ao que descrevemos anteriormente. De planta rectangular, com 3,52 m de comprimento por 2,56 m de largura, ocupa uma área de 8,44 m².

O acesso a esta divisão fazia-se, nesta primeira fase, por dois lados. Um com acesso directo pelo interior do salão principal, o outro, aberto ao exterior, a partir do corredor comunicante com o pátio, apresentando-se também este vão, com 0,64 m de largura, estruturado na base com lajes de xisto planas a definirem o espaço da soleira da porta¹¹.

O piso seria, também nesta fase, em terra batida, sofrendo, como é óbvio, remodelações pontuais. Foi possível observar que este piso se implantou sobre prévia camada de nivelamento como já antes tinha sido verificado no interior de outras habitações. Essa camada, que colmatou as depressões do afloramento de base e procurou vencer o desnível do local, era composta basicamente por terra e pedras miúdas de xisto, bem como por um ou outro fragmento cerâmico pouco significativo.

Este compartimento compartilhava o mesmo telhado do salão principal – compartimento 2.

Desta fase pouco podemos adiantar em relação à verdadeira função desempenhada por esta divisão no conjunto das dependências que compõem esta casa. Sabemos que

¹⁰ Os materiais encontrados no decurso da escavação reportam-se à última fase de ocupação deste espaço, relacionando-se muito provavelmente com a transformação deste espaço em cozinha.

¹¹ Nenhuma das lajes de xisto encontradas tinha o orifício para assentamento de gonzo de porta.

se encontra próxima do salão principal, comunicando mesmo com ele pelo interior, factor importante para que talvez tenha constituído uma sala secundária, ou mesmo alcova.

Este pequeno compartimento terá, quase de certeza, servido como cozinha numa fase ulterior, já na Fase II desta habitação. Nesta segunda fase, deixa de existir qualquer ligação entre este compartimento e o salão que o ladeia, fechando-se a passagem que os ligava. Dá-se início aqui, com o encerramento desta porta, a uma segunda fase na vida desta casa onde, para além de tudo, verificaremos a imposição de um muro nitidamente divisório sobre o pátio, transformando esta casa em duas unidades habitacionais perfeitamente distintas¹².

4) Cozinha

O edifício identificado na planta com o n.º 4, estende-se paralelo ao longo do lado nordeste do pátio, segundo uma orientação NO/SE, formando com o pequeno compartimento contíguo o segundo módulo desta casa. Apresenta uma configuração rectangular, com 5,44 m de comprimento por 2,56 m de largura, ocupando 13,92 m² da área total desta casa.

Este compartimento, ao contrário da generalidade, não se encontrava muito bem preservado. Foi possível, ainda assim, reconstituir-se a totalidade da sua planta. Apresentava-se bastante destruído na esquina sul, encontrando-se apenas alguns elementos das paredes que o definiam pelos lados sudoeste, e preservando-se uma fiada de lajes do arranque do muro da parede sudeste.

Acreditamos que a ruína desta estrutura está directamente relacionada com a construção, numa fase posterior, da casa III. Um dos cantos exteriores da casa III – extremidade oeste do compartimento 2 desta casa – ocupou parcialmente uma pequena parcela do canto este da antiga casa II, tendo-se as novas fundações alicerçado e aproveitado o pouco do que dela restou naquela área.

A sua destruição, com sobreposição de novas estruturas, estará relacionada com uma nova fase ocupacional deste espaço – Fase III. Pensamos que a construção da casa III possa ter uma origem no crescimento demográfico da família que terá habitado, durante a fase II, o espaço a sudeste da primitiva casa II. Talvez um aumento da prole possa explicar a necessidade da criação de novo espaço habitacional, tendo este sido pensado e construído de raiz.

Esta cozinha possuía apenas uma entrada, com abertura deixada ao centro da fachada voltada para o pátio. Aparentemente, porque muito destruído, o acesso fazia-se

¹² Trataremos no decurso da nossa exposição estas duas unidades de forma diferenciada. O muro construído sobre o pátio e que dividiu em dois espaços distintos fará a fronteira entre a unidade habitacional a nordeste, e a unidade habitacional a sudoeste, ambas compartilhando espaços anteriormente comuns – casa II.

mediante degrau, com cerca de 0,22 m de altura, assente sobre o piso em terra do pátio. Este degrau, paralelo ao longo da fachada, foi construído por uma fiada regular de pedras de xisto, de médias dimensões, alinhadas e dispostas junto à parede do lado exterior desta entrada.

O piso deste compartimento não se encontrava muito bem preservado, mas acreditamos que este pudesse ser, uma vez mais, em terra batida. Encontrava-se ligeiramente sobrelevado em relação ao piso dos restantes compartimentos, talvez porque o topo do afloramento nesta zona também se encontrava ligeiramente mais elevado.

A função deste espaço, dentro do conjunto de compartimentos, é algo dúbia pela escassez de dados sobre o mesmo. Ainda assim acreditamos que nesta primeira fase poderá ter funcionado como a cozinha da casa primitiva. O seu afastamento das áreas residenciais por excelência, bem como as suas dimensões, o segundo maior compartimento da casa a seguir à sala principal, fazem-nos supor isso mesmo.

Sabemos por paralelos em outros contextos habitacionais deste período que a cozinha ocupa, logo a seguir à sala principal, o espaço fechado de maior dimensão da casa, nem sempre é assim, mas é assim na maior parte dos casos. Veja-se, por exemplo, o que Navarro Palazón observa em relação às cozinhas do povoado islâmico de Syiasa, Múrcia (Navarro Palazón, 1990, p. 180).

5) Latrina

A presença de uma latrina numa primeira fase da casa II dos alcariais de Odeleite só se pode vislumbrar mediante uma observação atenta das suas estruturas, ou do que delas restaram. Esta casa obedece a um modelo arquitectónico bem definido, diríamos mesmo padronizado, apresentando-se em tudo semelhante à distribuição espacial dos vários compartimentos que compõem a casa III deste sítio, esta com latrina bem preservada.

Foi possível observar que no espaço ocupado pela latrina da casa III, exactamente no mesmo local – aqui ao canto este do pátio, haveria espaço suficiente para também ter existido uma latrina. Verificámos que esta poderá ter existido com quase toda a certeza, delimitada por uma parede comum – parede este – do compartimento 4, pelo prolongamento do fecho do muro do pátio para nordeste e pelo prolongamento da fachada exterior também comum ao compartimento 4. Conseguimos ainda identificar uma pequena porção do arranque da fachada deste pequeno compartimento¹³ que dava para o pátio, e que delimitava, juntamente com o muro de fecho do pátio a este, o vão de entrada da latrina, que rondaria os 0,64 m de largura¹⁴.

¹³ Muito destruída, tendo-se apenas conseguido identificar duas das últimas pedras do alicerce.

¹⁴ Chegámos a este valor pela medida do espaço deixado aberto entre as duas pedras que lhe definem a pequena fachada voltada para o pátio e o muro de fecho do pátio, no prolongamento deste para nordeste.

Este espaço rectangular, paralelo à extremidade sudeste do compartimento 4, apresentaria em planta uma configuração rectangular, com 2,40 m de comprimento por 2,08 m de largura, conseguindo-se implantar numa área que se aproximaria muito dos 5 m².

A cota de circulação neste compartimento seria mais elevada em relação ao piso das outras divisões, consequência do próprio terreno naquela zona, como parece ser comum ao piso das latrinas.

6) Armazém, curral?

Os dois últimos compartimentos desta casa, que formam o módulo sudoeste e fecham o pátio por este lado, orientam-se segundo um eixo sudoeste/noroeste. A ambos se acedia apenas pelo exterior, directamente a partir do pátio.

O primeiro compartimento, de maiores dimensões, é rectangular, com 4,8 m de comprimento por 2,56 m de largura, ocupando uma área de 12,28 m². Conta com uma abertura centrada na fachada voltada para o pátio, apresentando esta um vão com 0,96 m, dimensões algo maiores que a maioria da largura das outras portas.

Trata-se de um edifício coberto com telhado onde foram utilizadas telhas de meia-cana, decoradas com traços digitados a fazer ondulações na superfície externa da peça, bem como por rebordos denteados feitos a partir de impressões nas extremidades maiores das telhas.

Acreditamos que, nesta primeira fase, este compartimento possa ter tido uma utilização relacionada ou com a armazenagem de produtos e/ou como local de guarda de animais, provavelmente poderá ter nesta altura funcionado como curral.

A passagem aberta na fachada voltada para o exterior, não existiria ainda nesta fase, acreditamos que esta possa ter sido aberta, numa fase mais tardia, para se aceder ao interior de um novo edifício – um módulo composto por dois compartimentos – implantado de forma excêntrica sobre a extremidade da esquina oeste do compartimento 2, desenvolvendo-se o corpo desta nova estrutura para sudoeste.

O alinhamento pétreo, constituído por uma única fiada de pedras de xisto, visível na planta do interior da fase final deste compartimento, é tão só a colmatação, mediante a utilização destes elementos, de uma depressão no afloramento nesta zona.

7) Pequeno compartimento

A noroeste do compartimento 6, e fechando a esquina oeste do pátio, por união à extremidade sul do compartimento 2, encontramos um pequeno compartimento de dimensões bastante reduzidas. Trata-se uma divisão tendencialmente rectangular, com 2,72 m de comprimento por 2,64 m de largura, com uma área total de 7,18 m². Apresenta uma abertura ligeiramente descentrada, com 0,56 m de largura, aberta ao pátio.

Não sabemos ao certo qual a verdadeira funcionalidade deste pequeno comparti-

mento nesta primeira fase, a entrada bem estruturada que evidencia na planta final deste sítio poderá estar relacionada com obras de melhoramento numa fase posterior.

Terá este pequeno compartimento, nesta primeira fase, sido utilizado como local de armazenagem de produtos essenciais à vida dos moradores desta vivenda? Ou terá funcionado, pelas suas dimensões e localização próxima ao salão principal como alcova? Acreditamos que esteja relacionado, talvez não logo numa primeira fase, com a área residencial por excelência da casa.

Fases II e III

Na explicação destas fases reorganizativas da vivenda II do sítio dos alcaiais de Odeleite, continuaremos a enumerar os diversos compartimentos pela mesma ordem, tal como eles se encontram numerados na planta final deste sítio. Faremos sim, sempre referência a que área residencial se reportam e que funções desempenharam nessa fase.

Acreditamos, antes de mais, que esta segunda grande fase reorganizativa desta casa tenha, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, sido uma consequência de um aumento natural do número de habitantes que compunham uma primeira unidade habitacional. O crescimento demográfico, que produz a seu tempo inevitáveis alterações sociais no seio de uma família, é razão suficiente para que se reveja e remodele a repartição física de um espaço habitacional até determinada altura inalterado. Assim se poderá entender a divisão em duas unidades habitacionais de um antigo espaço comum. Nesta segunda fase – Fase II – o espaço da primitiva vivenda transforma-se em dois espaços distintos, sem qualquer ligação entre eles.

Para que se compreenda melhor a exposição destas duas áreas distintas, serão diferenciadas pela designação de unidade habitacional sudoeste (CASA IIA), a que ocupou maior percentagem do espaço da antiga casa, e unidade habitacional nordeste (CASA IIB), que se quedou praticamente com um terço da área de pátio antiga.

O pátio, até à altura, elemento unificador e organizador de todo o espaço em seu redor é nesta fase subdividido. Constrói-se um muro divisório, que corre segundo um eixo noroeste/sudeste entre a fachada voltada para o pátio do compartimento 2 e o muro de fecho, a este, deste espaço primitivo. Este muro, com 8,64 de extensão, por 0,50 m de largura, não dividiu este espaço em duas áreas iguais.

Apresentava-se algo destruído, reduzido nalgumas partes à primeira fiada da base, apresentando uma altura máxima preservada na ordem dos 0,50 m. Foi construído em pedra seca pela sobreposição de fiadas de pedras de xisto dispostas a fiadas regulares de forma horizontal. Acreditamos que não seria um muro alto, seria alto apenas o suficiente para impedir o olhar entre as duas partes que divide.

A área do pátio que antes contara com uma área total de 67,84 m², foi dividida em

duas áreas de configuração rectangular, a maior da unidade habitacional a sudoeste com 39,72 m², e a outra que ocupou a zona a nordeste com 24,19 m². Continuam, por esta altura, a ocupar ainda a maior área de cada uma das partes divididas da primitiva casa.

Terá sido nesta segunda fase que se fazem obras de remodelação profundas no pavimento do pátio da unidade habitacional a sudoeste – casa IIA. Acreditamos que o lajeado do pátio tenha sido colocado por esta altura. Optou-se pela colocação de lajes planas de xisto azul e cinzento, com espessuras variáveis e depostas de forma regular a preencher as zonas centrais deste espaço, tendo-se também encontrado alguns destes elementos, poucos, em calcário. As lajes iam rareando sobre a extremidade sul deste “novo” pátio.

Verificámos no entanto um melhor cuidado na disposição destes elementos sobre o lado noroeste que, colocados de forma muito regular, formaram um autêntico corredor paralelo à fachada do compartimento 2, desenvolvendo-se entre o muro divisório do pátio e a fachada do compartimento 7.

Privilegiou-se, pela construção deste corredor, a circulação entre a sala principal – compartimento 2 – e a entrada para o pequeno compartimento – compartimento 7 – sendo notória a preocupação na colocação de alguns dos elementos pétreos que o compõem. Evidencia-se esta realidade pela disposição de dois blocos em calcário¹⁵ junto à entrada para o compartimento 2, constituindo-se estes elementos como uma espécie de tapete branco, em pedra. Estes elementos, cromaticamente contrastantes, colocados junto ao acesso da divisão principal desta vivenda, terão contribuído, desta forma singela, para a realçar esteticamente.

Tal como já dissemos, pensamos que o próprio acesso ao interior de alguns compartimentos foi melhorado estruturalmente. Poderá ser desta fase a colocação de algumas soleiras mais cuidadas, optando-se pela escolha de monólitos bem talhados e de configuração bastante regular, como é o caso do que jaz à entrada do compartimento 7.

Deverá datar desta fase II, a construção de uma estrutura, algo fruste, a aproveitar a esquina este deste “novo” pátio. De planta tendencialmente trapezoidal, ocupa uma área sensivelmente com 4,5 m², materializou-se no terreno pela junção de dois muretes em xisto, de que só restaram alguns elementos, adossados às paredes que formam a este a esquina do pátio.

Acreditamos que esta estrutura possa estar relacionada com um pequeno canteiro, cujas paredes seriam mais elevadas. No seu interior apenas se escavou um nível de enchimento relacionado com derrubes de estruturas, destacando-se dentro dos poucos

¹⁵ Elementos com origem exógena, certamente reaproveitados de outras construções cuja origem poderá remontar ao período romano. Devemos salientar que neste sítio arqueológico apareceu, em níveis de derrube de estruturas, um elemento arquitectónico – cornija – também em calcário cuja proveniência poderá ser a mesma.

materiais encontrados vários fragmentos de uma pequena pia de abluções, decorada, em cerâmica.

Na cidade hispano-muçulmana de Vascos, Toledo, apareceram nalguns pátios recintos semicirculares de pedra, que segundo o autor poderiam tratar-se de manjedouras para os animais (Izquierdo Benito, 1990, p. 152). É uma hipótese que não podemos descartar uma vez que este género de estruturas seriam bastante comuns em contextos rurais, como é o caso.

Tendo a entrada principal da casa primitiva continuado a existir, mas agora servindo apenas o núcleo habitacional que ocupou a parte noroeste do antigo espaço comum, outra teria que ser aberta para se aceder à parte sudoeste. Esse acesso à casa pelo exterior, cujo tempo de vida não podemos precisar, terá sido, nesta fase, conseguido mediante abertura feita no muro que fecha o pátio pelo lado sudeste. Verificámos, no decurso da nossa intervenção, que tinha existido uma passagem posteriormente emparedada, aberta sensivelmente a meio do muro referido, seria este o único acesso directo à casa

O vão desta entrada, com 0,80 m de largura, apresentava soleira a uma cota mais elevada do que o piso de circulação do pátio, pelo que a descida deveria ser feita mediante degrau. A base da soleira desta entrada encontrava-se estruturada, notando-se o reaproveitamento de algumas mós e lajes de xisto pouco espessas. Marcando a entrada do lado exterior, foi encontrada ainda uma laje de xisto de configuração rectangular, colocada paralela à face externa do muro.

Da parte habitacional voltada a nordeste, não houve, ao nível estrutural grandes remodelações significativas, pelo menos no pátio da casa. Este continuou deste lado a ser em terra, e não acreditamos que alguma vez tenha sido lajeado.

Ainda assim, pensamos que tenha havido um investimento no arranjo da entrada principal desta casa, que terá continuado a fazer-se pelo mesmo lado. Deverá ter sido nesta fase que se constrói uma estrutura em pedra de configuração quadrangular, adossada às paredes externas do compartimento 3 e 4, delimitando pelo interior um pequeno espaço com 2,56 m². Cria-se desta forma um pequeno átrio, ainda que minúsculo, que antecede a passagem ao corredor comunicante com o pátio.

Esta entrada apresentaria um vão com uma largura de 1,60 m, o que contrasta bastante com a largura da generalidade dos acessos ao interior das diversas casas identificadas. Acreditamos no entanto que a opção aqui passa pela utilização de uma porta de dupla folha. A soleira desta estrutura, construída sobre maciço de alvenaria de xisto de configuração rectangular é encimada por uma série de lajes de xisto, pouco espessas colocadas horizontalmente sobre esse mesmo maciço. A cota do piso de circulação do corredor é mais baixa que a soleira desta entrada, pelo que o acesso ao interior se faria por degrau.

Encontrámos paralelos para esta estrutura na casa n.º 2 do povoado islâmico de

Alcaria Longa. Na publicação, o autor (Boone, 1993, p. 113) avança com duas interpretações, a primeira é a de poder tratar-se de um pequeno compartimento para arrumos ou armazenagem, a outra e que nos parece mais plausível, a de se tratar, de facto, de uma entrada para a casa.

Acreditamos que nesta segunda fase também se tenham verificado mudanças nas próprias funcionalidades dos diversos compartimentos. O salão principal – compartimento 2 – da unidade sudoeste foi mantido e foram nesta fase feitos mesmo alguns investimentos no seu interior. Acreditamos que para além de remodelações externas importantes, como foi o caso do corredor lajeado, se tenha também investido na criação de estruturas duráveis, provavelmente que se destinariam à guarda de alguns bens mais importantes na vida destas populações.

Uma destas estruturas pôde ser observada na extremidade sudoeste do compartimento 2. Ainda que a sua funcionalidade concreta seja discutível por falta de elementos para comprová-lo, acreditamos que se possam tratar de armários, ou pequenas despensas onde se arrumariam alguns produtos da mais variada ordem, desde vasos em cerâmica, por exemplo, a produtos alimentares.

A hipótese desta estrutura se encontrar relacionada com uma alcova, ou tratar-se mesmo de uma alcova, não nos parece fazer muito sentido. Não encontramos relação possível entre algumas alcovas que têm sido identificadas noutros povoados islâmicos, onde as plantas dos edifícios seguem modelos muito aproximados, senão mesmo iguais, das casas desta alcaria, e onde as alcovas têm de facto características que as diferenciam destas construções.

Curiosamente, e mais uma vez, encontrámos paralelos nesta estrutura com uma construção semelhante em Alcaria Longa. Na casa n.º 2 do povoado de Alcaria longa, James Bonne identificou uma estrutura semelhante localizada a uma das extremidades de um compartimento, tendo-a interpretado como sendo uma lareira. Tal como nas escavações de Boone, também não encontrámos perto desta estruturas evidências claras de zona de fogo naquele local, o que parece corroborar a hipótese de não se tratar de uma lareira, pois mesmo as lareiras menos evidentes deixavam uma boa marca de combustão perto do local.

A estrutura que foi encontrada adossada à extremidade sudoeste do compartimento 2, foi construída em alvenaria de xisto. Revela uma construção projectada, com todos os elementos mais significativos dispostos a espaços regulares. Contava com 2,72 m de comprimento por 1,40 m de largura e cerca de 0,70 m de altura preservada. Apresentava na fachada voltada para a sala três nichos, de secção rectangular, fechados por murete atrás.

O espaço compreendido entre este pequeno murete e a parede externa deste compartimento foi completamente cheio com pedras possantes na base, completando-se o seu

enchimento por pedra mais miúda¹⁶ até perto da cota do topo das lajes de xisto que cobriam as aberturas dos nichos pelo topo.

Acreditamos que esta estrutura tenha sido construída para durar, ouve um cuidado na sua execução, e esta foi bem desenvolvida com base assente no piso de circulação do interior do compartimento. A verdadeira funcionalidade desta estrutura continuará em aberto.

Sabemos, por outro lado, que estruturas semelhantes têm sido encontradas noutros povoados islâmicos, veja-se por exemplo o caso das casas n.ºs 0 e 4 do povoado de El Castillejo, em Los Guajares (Granada), onde também foram identificadas semelhantes estruturas e consideradas pelos autores como armários de parede (Bertrand, M. *et al.*, 1990, p. 213).

Este compartimento, funcionará sempre nesta segunda fase, bem como na terceira como a sala principal da casa. A ideia deste compartimento ter continuado a ser a divisão principal é reforçada pela aparecimento dos restos de uma grande talha, profusamente decorada ao gosto almóada, encostada à fachada interna do lado oeste, no alinhamento da entrada principal desta divisão, localizando-se respectivamente na quadrícula A3, nos níveis de abandono da fase final – fase III.

Segundo a opinião de alguns autores (Macias e Torres, 1998, p. 72), para além de recipientes contentores dos mais variados produtos, estas peças eram colocadas num local de destaque da casa. Acreditamos que a montagem quase cenográfica de alguns espaços ganhe aqui alguma preponderância. Tratando-se da sala principal da casa, aquela que era escolhida, para além de outras funções, como sala de recepção, todo o espaço e a disposição de certos objectos prestigiantes nesse mesmo espaço serviriam para engrandecer o local.

Apenas a realidade do compartimento 2 se mantém inalterada durante todo o ciclo de vida daquele espaço. Todos os outros compartimentos parecem ter sofrido alterações às suas funções iniciais, quer na zona sudoeste da casa, quer na zona nordeste.

Do lado sudoeste a casa viu-se desprovida de cozinha, pois localizámo-la na planta inicial ao lado da latrina no compartimento 4. Assim, pensamos que o pequeno compartimento, identificado com o n.º 7, possa ter sido transformado em cozinha por esta altura, tendo-se mantido sempre assim até à última fase. Encontraram-se nos níveis de abandono da fase III, para além de cerâmicas de cozinha vestígios de elementos vegetais carbonizados, provavelmente relacionados com eventuais lareiras no seu interior.

Outro dos compartimentos remodelados durante as fases II e III é o compartimento 6, ainda dentro das divisões da parte sudoeste. Acreditamos que tenha mantido por algum tempo as funções de curral ou local de armazenagem da casa durante a fase II, mas prova-

¹⁶ Este enchimento também parece ter sido verificado por Boone, mas interpretou-o como restos do derrube de uma eventual chaminé da lareira, em argila.

velmente por um curto espaço de tempo. Quando se constrói o corpo excêntrico localizado na extremidade sudoeste desta casa, composto por duas divisões distintas, pensamos que se afastam as áreas de armazenagem e/ou de guarda de animais para esses locais, mais afastados do núcleo principal da casa.

O compartimento 6 passaria, nesta fase final, a ser o elemento de ligação do exterior com a área interna da casa, abrindo-se nesta fase uma passagem na sua fachada maior voltada para o exterior que daria acesso, de forma mais rápida, à zona nova construída. Este compartimento transforma-se assim num imenso saguão de ligação com o exterior. Pode eventualmente ter ainda servido, pelas suas dimensões, como local de armazenamento para alguns produtos.

Esta nova passagem contava com um vão de 1,12 m, estruturada na base pela colocação de um monólito, assente directamente no chão, a fazer parte da soleira de entrada. A porta abriria em direcção ao interior.

Os elementos pétreos que soçobraram da abertura desta passagem, foram muito provavelmente reaproveitados na construção de um banco de pedra colocado encostado à fachada, sobre o lado esquerdo da porta de entrada, pelo exterior.

Assim, a abertura que do exterior comunicava directamente com o pátio deixa de fazer sentido, e por isso é encerrada.

Os edifícios que ocupam o corpo afastado do núcleo principal formam um módulo autónomo do primitivo conjunto e que apenas terá sido construído dentro da última fase de ocupação desta casa, fase III.

Compõe-se de um corpo principal, dividindo por muro interno duas dependências sem passagem entre elas, o acesso a cada uma faz-se por entradas separadas e pelo exterior. O compartimento maior – n.º 8 – é rectangular e apresenta um comprimento total de 6,56 m por 2,64 de largura, ocupando uma área de 17,31 m², encontrando-se esta dependência ligada com a esquina sudoeste da sala principal. A sobreposição de muros nesta esquina leva-nos a equacionar uma reparação de algumas paredes mestras da casa, tendo-se ao mesmo tempo dado início à construção deste novo edifício.

A entrada para este compartimento era estruturada à entrada por uma laje de xisto, de configuração rectangular, disposta sobre o chão do lado exterior, marcando a entrada. A porta abriria para o interior.

A dependência mais pequena – Compartimento n.º 9 – desta nova construção, construída na parte sudoeste do corpo principal apresenta uma configuração algo irregular devido provavelmente a uma remodelação posterior do muro que a delimita a sudoeste¹⁷.

¹⁷ Tal como já tivemos oportunidade de referir na descrição das estruturas da casa 1, pensamos que a implantação deste muro date de uma fase muito mais recente, e terá servido como muro de divisão de propriedade. A sua implantação poderá ter sido conseguida mediante o aproveitamento de materiais do derrube de algumas estruturas, tendo sido mesmo aproveitado o que de algumas delas restava, como a esquina sul do compartimento 9.

Ocuparia um espaço inicial de configuração rectangular, com 10,13 m². A entrada para este pequeno compartimento apresenta uma largura de 0,8 m.

Ambos os compartimentos deste novo edifício deverão corresponder a espaços relacionados com o dia-a-dia destas populações rurais, com o trabalhar das zonas agrícolas e com a guarda de animais e/ou o armazenamento de outros produtos. Não foram observados muitos cuidados com o piso, nem se verificou a presença de lareiras.

Os dois eram telhados, tendo-se identificado no seu interior o nível de derrube da sua cobertura, feita pelo emprego de telhas de meia-cana.

Os compartimentos que se localizavam a nordeste da primitiva casa, também foram alvo de remodelação nesta segunda fase, provocando alterações nas funções que primitivamente lhes estavam destinadas.

O espaço ocupado pela antiga cozinha – compartimento 4 – terá dado lugar nesta altura à sala principal da casa, tendo a cozinha sido transferida para o lugar que provavelmente ocupou como sala secundária da casa. Encontramos evidências claras nos materiais da fase de abandono deste compartimento que o relacionam com a cozinha da casa.

A latrina – compartimento 5 – terá continuado também a existir.

Não sabemos por quanto tempo a família que habitou a parte nordeste da casa ocupou aquele espaço, embora pensemos que muito provavelmente terão sido pressões demográficas que impeliram essas pessoas a iniciar a construção de um novo espaço habitacional de raiz – casa III –, localizado na extremidade este da sua antiga casa.

Muito provavelmente as áreas antigas entretanto desocupadas, poderão ter continuado “vivas” na sua utilização com outros fins. Pode ter-se criado um espaço de horta no antigo pátio, e a antiga cozinha servido de pequeno compartimento de arrumos, não sabemos. A sobreposição de parte da casa III sobre edifícios primitivos da casa II, leva-nos a supor que já ninguém habitaria aqueles espaços.

Por fim resta apenas dizer que não foi totalmente esclarecida uma das estruturas que se encontrava muito arruinada. Trata-se de um arranque de muro, bastante destruído e que se identificou, no lado exterior deste primeiro núcleo de estruturas. Aparece no alinhamento do muro que dividiu o pátio em duas unidades habitacionais distintas, ocupando parte das quadrículas E8-F8. Reduzido apenas aos seus alicerces, com 0,55 m de largura, este muro poderá ter sido destruído aquando da construção da nova casa, relacionando-se muito provavelmente logo com construções primitivas da casa II.

CASA III

Esta casa é um dos edifícios melhor preservados de todos aqueles que foram escavados no decurso da nossa intervenção, e um dos poucos onde se pôde reconstituir integralmente a sua planta.

Situada na extremidade este da zona arqueológica designada por SÍTIO 3 ocupa uma área total¹⁸ de 73,76 m², repartidos por 4 compartimentos e um pátio. Trata-se de uma casa muito característica da arquitectura urbana e rural do *Al-Andalus*, organizada em torno a um pátio central.

Pensamos estar na presença da última casa a ser edificada neste sítio, muito provavelmente já em torno dos finais do Séc. XII, inícios do Séc. XIII, pelo que não sofreu, até ao seu abandono, que se crê na primeira metade do Séc. XIII, qualquer alteração à sua planta inicial. Manteve-se tal qual foi construída.

Ocupou parcialmente a esquina nordeste da casa II – na sua fase final –, no espaço onde provavelmente se situaria a primitiva latrina desta casa.

Apresenta uma planta em U, organizando-se todas as dependências em torno dos lados norte, oeste e sul do pátio.

1) Pátio

Trata-se de uma área quadrangular perfeita, com 5,6 m de lado, ocupa uma área total de 31,36 m². Este espaço central não se encontrava lajeado, fazendo-se a circulação aqui sobre um piso em terra argilosa quase em contacto com o substrato de base.

Verificámos que nesta zona o afloramento sofreu grande desbaste, necessário para a regularização deste espaço. Curiosamente, e não sabemos a que propósito, os construtores mantiveram um bloco de afloramento xistoso de configuração semicircular encostado a meio da parede que fecha este espaço do exterior pelo lado SE.

O pátio era totalmente fechado, pelas fachadas principais dos vários compartimentos que o rodeiam a norte, oeste e sul, e por um muro que o encerra a este. A única passagem do exterior para este recinto faz-se mediante uma abertura existente a meio do muro que o delimita a este. Esta abertura apresenta um vão de cerca de 0,90 m. Não foi aqui identificada nenhuma soleira, mas acreditamos que esta passagem pudesse ser fechada.

Todos os acessos aos diversos compartimentos eram feitos pelo pátio, não existindo, como se depreende, qualquer passagem interna entre eles. O pátio ocupa 43% da área total desta casa.

2) Sala principal

O salão principal ocupa o lado oeste da casa, desenvolvendo-se este segundo um eixo NE/SO. O acesso era feito pelo pátio a partir de uma passagem descentrada. Este vão de entrada apresenta uma largura máxima de 0,90 m, e encontrava-se estruturado por soleira¹⁹, colocada sobre degrau de alvenaria com lajes planas de xisto.

¹⁸ Esta área é calculada a partir apenas das áreas internas dos compartimentos e do pátio, não se tendo tomado em consideração o valor ocupado pela espessura dos muros.

¹⁹ Não foi encontrado nenhum orifício relacionado com um gonzo de porta.

Este compartimento apresenta configuração rectangular, sendo as suas dimensões de 6,56 m de comprimento por 2,56 m de largura. Ocupa uma área total de 16,79 m².

Todos os muros que o compõem se apresentavam em relativamente bom estado de conservação, exceptuando-se a esquina oeste que se encontrava bastante destruída.

Este compartimento seria telhado com telhas de meia-cana, decoradas por traços ondulados e digitações nos rebordos maiores.

O piso deste compartimento era em terra batida, com uma espessura média de 0,05 m. Abaixo do nível do piso de circulação encontrámos uma camada de enchimento e regularização do espaço interno, constituído sobretudo por algum cascalho de xisto e terra. Este nível, que corresponde estratigraficamente à camada 7 apresentava uma espessura máxima, no lado norte deste compartimento de 0,40 m.

Para além das paredes que definem este compartimento não foram encontradas no seu interior qualquer outro tipo de estruturas, ao invés do que tinha sido verificado nos salões principais de outras casas desta estação.

Não foi igualmente identificada nenhuma estrutura de combustão.

3) Cozinha

Este compartimento, que identificamos como a cozinha da casa, apresenta igualmente uma configuração rectangular, medindo o seu lado maior 4 m, e apresentando uma largura de 2,40 m. A área ocupada por esta divisão é de 9,6 m².

Ocupa o lado norte da casa, desenvolvendo-se segundo o eixo oeste/este, apresentando-se todos os muros que a compõem em bom estado de conservação²⁰, com uma espessura média de 0,55 m. Excepção feita ao muro que separa este compartimento da pequena divisão que o ladeia a este – latrina –, apresentando este uma largura de 0,44 m.

O acesso a este compartimento faz-se por uma passagem central, aberta na fachada voltada para o pátio, com 0,96 m de largura. A entrada encontra-se bem estruturada por laje em xisto de configuração sub-rectangular, colocada junto à entrada sobre o piso do pátio, e soleira, a uma cota ligeiramente mais baixa, na base do vão aberto das paredes. Esta soleira, de que restaram duas lajes de xisto planas, apresenta um pequeno orifício circular do gonzo da porta. A abertura da porta era feita para o interior do compartimento.

O piso desta divisão encontrava-se rebaixado em relação à cota de circulação do pátio. Era em terra batida, com cerca de 0,07 m de espessura e assentava em níveis de enchimento que regularizaram este espaço.

Achamos que este compartimento se possa relacionar com a cozinha da casa, não só pelas suas dimensões e localização como também porque se recolheram vários fragmentos de cerâmica comum, com vestígios nítidos de utilização ao lume. Ainda que ne-

²⁰ Com uma altura máxima preservada na ordem dos 0,80 m e mínima de 0,30 m.

nhuma estrutura de combustão fosse identificada, encontrámos indícios de que esta possa ter existido, nomeadamente o aparecimento quer de cerâmica com as superfícies queimadas, quer de carvões.

Um grande nível de derrube de telha – camada 3 – encontrado no seu interior aponta para que este compartimento fosse telhado.

Dentro dos materiais encontrados neste compartimento nos níveis de abandono destaque para um cântaro de pastas castanhas-avermelhadas de grandes dimensões profusamente decorado, por pinturas de traços esquemáticos a branco, aplicações de cordões plásticos puncionados e mamilos. Foi ainda encontrado um jarro de pastas alaranjadas, fragmentado mas que foi possível reconstituir quase na sua totalidade. Apresentava corpo globular decorado nesta zona por pinturas a branco sobre caneluras, colo cilíndrico desenvolvido apresentando um fino traço exciso a meio, bordo ligeiramente exvertido e bico vertedor repuxado. A base desta peça é destacada, em “bolacha”, e apresenta fundo ligeiramente convexo.

Dentro das peças que até ao momento pudemos observar e que provêm do interior deste compartimento destacam-se também algumas frigideiras, púcaros e panelas. Uma dessas panelas de pastas laranjas, apresenta um corpo globular achatado, sem colo e bordo com ressalto interno para assentamento de tampa, o fundo era ligeiramente convexo e evidencia uma utilização ao lume.

4) Latrina

Num pequeno recanto da esquina nordeste desta casa, foi identificada a latrina. Trata-se de um compartimento de dimensões muito diminutas, de planta rectangular, com 2,4 m de comprimento por 0,60 m de largura, correspondendo a uma área de apenas 2,4 m². Encontra-se delimitada em dois dos lados pela esquina de união do prolongamento do muro que fecha o pátio a este e a fachada exterior voltada a norte. A parede oeste, interna, serve de separação entre este pequeno compartimento e a cozinha, delimitando-o por este lado.

O prolongamento da fachada norte voltada para o pátio e a própria parede que delimita o pátio a este, definem-lhe a passagem de acesso ao interior.

O acesso ao interior da latrina era feito pelo pátio, por uma pequena passagem com um vão de 0,60 m de largura, sem soleira.

No muro da fachada exterior voltada a norte foi identificada, na base do muro, uma abertura na parede. Esta abertura permitia o escoamento dos dejectos da latrina para o exterior, facilitado pela acentuada inclinação do terreno nesta zona. Esta abertura de configuração trapezoidal tinha na base uma largura de 0,18 m, afunilando no topo, por 0,40 m de altura.

Foram identificadas no embasamento dos muros norte e oeste uma série de lajes mais salientes em direcção ao interior deste pequeno compartimento. Pensamos que es-

sas lajes possam estar relacionadas com a base para assentamento da estrutura interna da latrina. Não tendo sido identificado nenhum piso, e sabendo que o chão da latrina se estabelecia, em regra, a uma cota mais alta, pensamos plausível a hipótese do piso deste compartimento ter sido constituído por uma série de lajes onde o rebordo de um dos lados assentaria sobre a referida base de apoio. Ganharia assim altura em relação à cota de circulação dos restantes compartimentos.

Verificamos ainda uma diferença considerável, ao nível já do substrato rochoso, entre a cota de base da entrada e a do fim deste compartimento, 0,63 m. Acreditamos que esse desnível não acontece por acaso, há uma razão prática para que este exista. Todos os dejectos provenientes da latrina, podiam ser escoados para o exterior de uma forma eficaz. Não nos parece que fossem canalizados para uma qualquer fossa séptica, pois não se encontrou a presença de conduta de escoamento ou vestígios de fossa ou “buraco negro” utilizado na acumulação de dejectos, estes seriam libertados de forma directa para o exterior.

A cobertura deste pequeno compartimento era feita por telhas de meia-cana decoradas.

5) Curral

No lado sul do pátio encontramos o último compartimento, perpendicular ao compartimento 2 e paralelo, do lado oposto do pátio, à cozinha e latrina. Apresenta uma planta rectangular, com 5,28 m de comprimento por 2,56 m de largura, o que perfaz um total de 13,51 m² no conjunto do espaço edificado.

Trata-se do único compartimento com dois acessos, um com ligação directa para o pátio, o outro, com ligação imediata com o exterior, na fachada exterior sul. Pensamos que a passagem aberta para o exterior possa estar relacionada com uma entrada de serviço. A entrada de bens, pessoas e/ou animais podia ser feita imediatamente por esta porta, sem necessidade de entrada e passagem pelo zona do pátio.

A porta que liga directamente com o pátio apresenta um vão de 0,80 m, a segunda, para o exterior, 1,00 m. Não foi identificada nenhuma soleira na porta de passagem deste compartimento para o pátio. A porta de acesso ao exterior encontrava-se bem estruturada por monólito de configuração e secção rectangular, com cerca de 1,76 m de comprimento, 0,32 de largura e 0,20 m de espessura. Foi colocado a fazer degrau à entrada, assentando sobre um nível regular de lajes em xisto dispostas sobre o chão no exterior do edifício. Entre muros existia soleira, rebaixada em 0,34 m do topo do monólito referido, composta por algumas lajes de xisto planas, uma delas com orifício de gonzo de porta, abrindo esta para o interior. Esta soleira encontrava-se sobrelevada em relação ao piso de circulação do interior do compartimento em cerca de 0,08 m.

O piso desta divisão era menos cuidado, constituído sobretudo pela camada de terra e pedra miúda que nivelou o seu interior.

A esquina sul do compartimento foi implantada num sulco aberto para o efeito no afloramento xistoso. Este sulco, com 0,50 m de profundidade máxima por 0,55 m de largura média foi aberto, a nosso ver, por clara necessidade de obedecer a projecto arquitectónico prévio

Este compartimento, pelo que nos foi dado observar durante a escavação, não seria telhado com materiais duráveis, ao contrário de todos os outros compartimentos que compõem esta casa, onde se identificou claramente o nível de derrube do telhado. Acreditamos que esta dependência da casa, pelo fim a que se destinaria, não beneficiou de um grande investimento, pelo que não se terá apostado na construção de um telhado durável. Acreditamos sim, que a cobertura desta divisão fosse feita à base de materiais perecíveis, que infelizmente não deixaram traço no registo arqueológico. Não se trata de uma situação invulgar em complexos habitacionais deste género, em Alcaria Longa, na divisão este da casa II, foi também observada esta realidade, tratando-se também aqui, e segundo o autor (Boone, 1993, p. 115), de um local onde se guardariam animais²¹.

6.2. Estratigrafia

De um modo geral a estratigrafia observada na escavação deste terceiro sítio é praticamente idêntica à que já tinha sido verificada pela escavação do SÍTIO 2. Uma vez que não se escavaram aqui quaisquer estruturas negativas, os níveis estratigráficos resumem-se basicamente a sete estratos essenciais, todos registados em corte, fazendo-se de seguida a sua leitura e descrição.

Camada 1

Camada de terras superficiais, apresentando uma tonalidade castanha escura com abundantes raízes de calibre diverso. Tratava-se de um nível muito pouco compacto, variando a sua espessura entre 0,15 a 0,25 m. Foram recolhidos neste estrato alguns materiais arqueológicos não muito significativos.

Camada 1a

Esta camada, sobrejacente à camada 1, encontrava-se limitada a uma zona restrita, e poderá estar relacionada com o acumular de sedimentos provenientes de uma zona mais elevada localizada a sul deste local. Era constituída por terras castanhas claras, soltas, com algumas raízes de calibre diverso e com muito poucos elementos pétreos. Desta camada o material arqueológico é muito escasso, tendo-se recolhido apenas algumas telhas de meia-cana e um fragmento de tégula do período romano, materiais que certamente se depositaram ali por arrasto. Apresentava uma espessura variável, podendo atingir nalgumas zonas os 0,40 m de espessura.

²¹ Nas palavras de James Boone, *animal pen*.

Camada 2

Nível correspondente à ruína dos edifícios e outras estruturas localizadas no seu interior. Esta camada prevalece, imediatamente abaixo da camada superficial, ao longo de toda área escavada, tanto no interior dos compartimentos como nas áreas externas mais próximas.

Trata-se de um nível bastante homogéneo e compacto, composto por grandes amontoados de terra e pedras completamente desconexas das suas posições originais. Apresenta uma espessura variável, atingindo sempre a cota dos muros ainda preservados dos vários compartimentos.

É deste estrato que provém a grande maioria do material arqueológico encontrado.

Camada 3

Camada correspondente ao nível de derrube da cobertura dos diversos edifícios. Nível homogéneo, sob a camada 2, constituindo-se basicamente por uma fina camada de telhas de meia-cana geralmente caídas directamente sobre o piso de circulação dos diversos compartimentos ou sobre uma camada imediatamente anterior ao piso, pouco espessa e que corresponde à fase de abandono destas unidades habitacionais.

Foi possível recolher-se algum do material, já nesta camada, que data a última fase de ocupação deste povoado.

Camada 4

Este nível encontra-se apenas visível no interior de alguns compartimentos, caracterizando-se por uma camada de terras castanhas claras de compactidade reduzida, sobrejacente à camada de derrube do telhado. Esta camada relaciona-se com a fase de abandono do sítio arqueológico.

Camada 5

Corresponde ao piso de terra batida, bastante regular no topo e apresentando espessuras que oscilavam entre os 0,05 m e os 0,08 m, preservado no interior dos principais compartimentos da casa.

Camada 7

Nível de regularização do terreno, constituído maioritariamente por “cascalho” resultante do desbaste do afloramento de base. Encontra-se bem visível no interior do compartimento 2 da CASA III, apresentando uma espessura máxima, na quadrícula B11 de 0,45 m.

Camada 8

Camada correspondente à desagregação do afloramento xistoso de base – solão.

7. Espólio arqueológico

Do conjunto artefactual compulsado nas escavações dos SÍTIOS 2 e 3, destacam-se pela sua quantidade e variedade um número significativo de recipientes cerâmicos, vários metais, alguns vidros e um número razoável de materiais líticos, na sua maioria fragmentos de mós.

Embora não tenham sido identificadas estruturas que se possam relacionar com uma ocupação mais antiga nos sítios intervencionados, foram encontrados alguns elementos que apontam claramente nesse sentido.

Um pequeno objecto de adorno em arenito, com perfuração, de configuração triangular, encontrado em níveis de derrube numa das casas do SÍTIO 2, poderá relacionar-se com uma ocupação pré- ou proto-histórica nas imediações deste sítio arqueológico.

Para além deste objecto que nos transporta para cronologias bem recuadas em relação ao povoado islâmico que temos vindo a tratar, foram encontrados outros elementos que apontam para um contexto habitacional também mais antigo, dentro do período romano.

Mais do que alguns fragmentos de tégulas, que pontualmente foram aparecendo quer no SÍTIO 2 como no SÍTIO 3, foram também encontrados alguns elementos arquitectónicos contrastantes quer na forma quer no material onde foram executados com o aparelho construtivo de época islâmica. Nas lajes do pátio da II Fase da casa II, no terceiro sítio arqueológico escavado, foram encontrados alguns silhares regulares em calcário que certamente serão originários de construções do período romano. Encontrámos ainda nos níveis de derrube desta casa um fragmento de cornija também em calcário, provavelmente oriunda das mesmas construções a que pertenceriam os silhares já referidos. Refira-se ainda o grande monólito deposto ao longo da entrada pelo exterior do compartimento 5 da casa III, que pela excepção que também constitui em relação aos materiais utilizados no aparelho islâmico, poderá também ter sido reaproveitado de construções anteriores a este povoado medieval.

Acreditamos ainda que alguma da cerâmica recolhida, dentro do conjunto da cerâmica comum, possa relacionar-se com uma ocupação romana ou tardo-romana nas imediações deste local. Torna-se difícil estabelecer quaisquer diferenças seguras apenas pela análise das pastas e mesmo de algumas formas com as cerâmicas do período islâmico.

Pese embora os vestígios de épocas anteriores se tornarem de alguma maneira incompreensíveis, por falta de elementos que os contextualizem, sabemos que a continuidade ocupacional de sítios romanizados foi uma constante durante a pervivência islâmica do nosso território. Apenas a título de exemplo veja-se o caso da Vila romana do Montinho das laranjeiras, relativamente próxima desta estação, junto às margens do Guadiana no

concelho vizinho de Alcoutim, onde a ocupação humana deste espaço se fez de forma continuada desde o século I a.C. até ao seu abandono, já em época islâmica.

No que concerne aos materiais cerâmicos do período islâmico, oriundos das habitações desta alcaria, apresentam-se numa primeira análise como um grupo formal diversificado, onde abundam sobretudo os recipientes em cerâmica comum de pastas vermelhas e alaranjadas.

Outro grupo bastante expressivo é o das cerâmicas vidradas, de pastas bem depuradas, predominando os vidrados de chumbo variando as tonalidades das suas superfícies entre os melados claros, por vezes amarelados e esverdeados até aos melados mais escuros.

Dentro das cerâmicas vidradas encontram-se ainda em número bastante significativo as séries de vidrados que apresentam composições bicromáticas, onde sobre superfícies meladas dos óxidos de chumbo se desenvolvem composições diversas com motivos a castanho e/ou preto de manganés.

Os motivos melhor representados são as séries de traços; os traços de segmentos de círculo secantes, alguns mais grossos que outros e algo escorridos; pequenos pontos e traços curtos sobre o bordo das peças. Estão também presentes os pequenos círculos ou óvulos concêntricos, bem como um exemplar que apresenta, com algumas reservas, um motivo epigráfico.

Para além das decorações a manganés sobre superfícies vidradas foi ainda identificado um fragmento de uma tigela com vidrado melado claro decorada por uma série de estampilhas, delimitando o fundo da peça através de uma cartela circular.

As formas dos recipientes vidrados correspondem basicamente a tigelas de dimensões várias com corpos compostos por paredes convexas convergente e ligeiramente divergentes, mas existem também formas onde o corpo se apresenta carenado, levemente ou por carena acusada. Dos fundos destes recipientes que analisámos todos apresentam pé anelar. Outro grupo com as superfícies vidradas é formado pelas frigideiras, ou caçoilas de corpo troncocónico invertido, destacando-se decoração na superfície externa por aplicações plásticas verticais. Encontrámos ainda no reportório das cerâmicas vidradas alguns pequenos recipientes que terão servido como contentores de líquidos, um dos quais poderá tratar-se de um tinteiro, com paralelos numa peça de Silves, como já referimos anteriormente.

Quer os recipientes com vidrado monocromo, quer os que evidenciam decoração a manganés, apresentam quase sempre vidrados de muito boa qualidade, poucos são os que se apresentam irisados, ao contrário do que verificámos no pequeno conjunto de vidrados policromos, com superfícies vidradas em muito mau estado de conservação.

Ainda dentro deste grupo importa destacar, pelo número reduzido de fragmentos, o conjunto formado pelos recipientes que apresentam decorações policromas. Falamos con-

cretamente das cerâmicas denominadas por *verde e manganés*, associadas à cidade palatina de Madinat al-Zahra, e das cerâmicas denominadas por *corda seca*, total ou parcial. Deste último grupo foram encontrados muito poucos exemplares, constituindo-se como o grupo com menos expressividade dentro de todo o conjunto de recipientes com superfícies vidradas.

Nem sempre foi possível associarmos alguns destes fragmentos às formas dos recipientes a que pertenceriam. Um dos exemplares de *verde e manganés* está relacionado com uma tigela de pé anelar curto, apresentando o seu interior uma decoração vegetalista, outro fragmento parece corresponder a uma pequena bilha, decorada a verde, branco e manganés, apresentando-se a decoração em traços esquemáticos e escorridos.

O único recipiente de corda seca total identificado corresponde na sua forma a uma tigela de grandes dimensões de fundo ligeiramente convexo, terminando em pé anelar. Este recipiente apresenta-se em muito mau estado de conservação, tendo praticamente desaparecido o vidrado da superfície interna da peça, evidenciando o seu exterior uma decoração vegetalista definida por motivos bem compartimentados, a verde, branco e manganés.

Foram ainda recolhidos nesta escavação algumas cerâmicas que apresentam apenas algumas partes da sua superfície externa vidrada. Apresentam geralmente pingos de vidrado de tonalidades verdes, outras mais amareladas, quase sempre espessos e nalguns casos aparentam delimitação por ligeiro traço de manganés. Não sabemos até que ponto poderemos incluir estes fragmentos no grupo das cerâmicas decoradas a corda seca parcial.

Bem representado, dentro das cerâmicas comuns, é também o grupo constituído pelos recipientes de armazenamento, composto sobretudo por grandes talhas, de pastas claras, esbranquiçadas na maior parte dos casos, e por cântaros de pastas castanhas-alaranjadas. Um dos cântaros, que pudemos reconstruir quase integralmente, foi encontrado no interior da cozinha da casa III, encontra paralelos com uma peça proveniente de Mértola (Khawli, 1993, p. 74, peça n.º 16). Para além de decoração por pintura a branco e cordões plásticos a nossa peça apresenta ainda mamilos.

No conjunto de fragmentos que pertencem a talhas, destaca-se pela sua espectacularidade um exemplar profusamente decorado no bojo por cordões plásticos com incisões, por séries de estampilhas, de diferentes tamanhos, com predominância para os motivos geométricos, epigráficos e um único motivo zoomorfo. Apresenta-se decorada no topo do bordo por estampilhas, representando estrelas de seis pontas. O motivo zoomórfico é um camelo representado em movimento, carregando uma estrutura de transporte no dorso.

Encontram-se presentes peças idênticas noutras estações islâmicas peninsulares, destacando-se o conjunto proveniente da alcáçova de Mértola, ainda assim não encontramos paralelos para esta representação zoomórfica.

Das cerâmicas comuns de pastas castanhas/alaranjadas da denominada loiça de cozinha, destacam-se as panelas, os púcaros e sertãs. As sertãs, ou caçoilas, tendem a apresentar corpos carenados, e superfícies internas brunidas.

Dentro da loiça de mesa, para além das tigelas vidradas, aparecem também alguns exemplares dentro das mesmas formas, mas sem vidrado. Alguns destes recipientes são decorados por pintura esquemática a branco.

Neste grupo de cerâmicas comuns, de pastas castanhas/alaranjadas destacam-se ainda alguns objectos de uso complementar, como os alguidares e as tampas de panelas.

Os alguidares encontram-los nos mais diversos tamanhos, apresentam de uma forma geral bordos boleados de secção semicircular, ou em aba plana ou ligeiramente oblíqua, corpo troncocónico invertido e fundo plano.

Um destes exemplares, recolhido em níveis de derrube no SÍTIO 3, apresenta bordo em aba plana, de secção rectangular, as paredes do corpo são ligeiramente convexas terminando num fundo plano. O destaque dado a esta peça advém do facto dela se encontrar profusamente decorada quer no corpo quer na parte superior do bordo por linhas incisas onduladas. No bordo o motivo é descontínuo, e na parte do corpo as incisões são compostas por duas séries distintas de linhas incisas onduladas. A que se encontra junto ao bordo apresenta uma linha de incisões onduladas contínua, a segunda série é composta por linhas incisas dispostas de forma oblíqua a formar SS.

Grande parte dos fragmentos de alguidar que recolhemos apresentam vestígios de reparações, visíveis nos pequenos orifícios para colocação de “gatos”. Este facto reflecte tanto a relativa pobreza destas populações, por um lado, como o quão difícil seria arranjar este tipo de produtos.

Dentro do espólio recolhido refira-se ainda a presença de parte de um pequeno tabuleiro de jogo, em cerâmica, bem como de algumas pedras de jogo feitas a partir de fragmentos de cerâmicas de construção ou cerâmica comum reaproveitadas. Alguns pequenos seixos de rio poderão também ter sido utilizados como pedras de jogo.

Não foi recolhida qualquer torre de roca, tão característica destes sítios islâmicos, e os únicos objectos que se podem relacionar com uma actividade relacionada com a tecelagem reportam-se apenas a alguns cossoiros, e em número muito reduzido.

De particular interesse é sem dúvida alguma o aparecimento dentro dos materiais cerâmicos de pastas vermelhas e não vidrados, de uma pequena pia de abluções. Têm vindo a ser encontrados objectos similares noutras estações arqueológicas do período islâmico, relacionando-se com as práticas religiosas destas populações.

Esta peça apresenta uma forma rectangular, com bordo plano, paredes oblíquas a terminar num fundo plano. O bordo da peça encontra-se decorado por estampilhas, representando motivos geométricos e epigráficos que se repetem sempre em seu redor.

Um dos paralelos que podemos apresentar para esta peça trata-se, por exemplo,

de um recipiente encontrado no Castelo de Silves (Gomes e Gomes, 2001, p. 67 peça n.º 59), embora o exemplar de Silves apresentar uma cobertura com esmalte de cor verde.

Dos materiais de construção em cerâmica destacam-se as telhas de meia-cana, utilizadas na cobertura dos diversos compartimentos. Estes elementos apresentam-se quase sempre decorados, quer por digitações a descreverem traços ondulados na parte convexa da peça, quer por impressões digitadas nos seus lados maiores, conferindo-lhes um rebordo denteado. Raras foram as telhas que se encontraram que evidenciavam decorações incisas, desenhando motivos a ondulado ou reticulados. Dos fragmentos inteiros pudemos observar que medem 0,46 m de comprimento por 0,20 de largura no lado maior e 0,12 m no lado menor, com uma espessura média em torno dos 0,02 m.

Dentro das cerâmicas de construção encontrámos ainda algumas tijoleiras, mas acreditamos que estas, pela sua exclusividade, poderão tratar-se de materiais reaproveitados de construções mais antigas, provavelmente do período romano.

De uma forma geral todo o conjunto ceramológico evidencia boa qualidade de fabrico, quer pelas pastas que se apresentam na sua maioria bem depuradas, quer na própria confecção dos objectos. Denotam um fabrico a torno rápido e cozeduras em ambiente oxidante, raras vezes a ambiente redutor. As cerâmicas de pastas esbranquiçadas, na sua maioria com desengordurantes muito finos, tendem a relacionar-se mais com determinados recipientes. Encontramo-las nos bules, noutros pequenos contentores de líquidos e algumas talhas, embora também figurem noutras formas, como as tampas, por exemplo.

Se a pintura a branco se encontra em vários recipientes com pastas de cor alaranjada/acastanhada, alguns dos recipientes de pastas esbranquiçadas apresentam uma decoração com motivos a castanho ou negro de manganés. Em ambos os casos essa decoração, independentemente de se tratar de cântaro ou trípole, de bule ou tampa, é esquemática. Feita com dedadas e/ou traços de larguras variáveis, por vezes aternando linhas verticais com linhas onduladas.

Do grupo de metais gostaríamos de destacar o aparecimento de duas moedas, ambas do SÍTIO 2, uma chave e um pequeno martelo em ferro, bem como o fragmento de uma muito provável alfaia agrícola também em ferro. Ainda dentro dos objectos metálicos encontrámos um pratinho de balança, perfurado, em folha de bronze, semelhante a um outro objecto do género encontrado nas escavações do Castelo Velho de Alcoutim.

Muito poucos foram os fragmentos de vidro recolhidos na escavação dos alcariais de Odeleite, e encontram-se de tal maneira fragmentados que não conseguimos relacioná-los com a forma do recipiente a que pertenciam.

Recolhemos ainda um número significativo de material osteológico, relacionado com os hábitos alimentares dos habitantes da alcaria. Acreditamos que através do seu estudo,

que se quer para breve, se possa esclarecer ou confirmar alguns aspectos relacionados com a dieta alimentar desta população.

Cronologicamente, os fragmentos cerâmicos recolhidos durante a escavação dos alcariais de Odeleite enquadram-se num período compreendido entre os séculos XI e o século XIII, pelo que acreditamos que esta alcaria tenha pervivido por um período de quase duas centenas de anos. Da fase de abandono são características cerâmicas do período almóada, dos níveis de revolvimento aparecem-nos sobretudo as cerâmicas vidradas com decorações esquemáticas a manganés, a par de alguns fragmentos de *verde e manganés* que acreditamos tratem-se de recipientes relacionados cronologicamente com o final do período califal, início dos reinos de taifas. Estas observações têm em linha de conta não só as observações da escavação desta estação arqueológica, mas também as cronologias apontadas pelos mais diversos investigadores que se têm debruçado sobre a análise destas cerâmicas.

8. Conclusão

Continuam a ser em número muito reduzido as escavações arqueológicas levadas a cabo em povoados rurais do período islâmico no nosso país, pelo que a intervenção nos alcariais de Odeleite se reveste de extrema importância.

Acreditamos estar perante um povoado de tipo alcaria (*qarya*), que de uma forma geral designa uma povoação cujas unidades habitacionais e respectivas propriedades pertencem a uma série de proprietários livres (Catarino, 1997/98, p. 671).

A implantação topográfica desta alcaria, distribuindo-se as diversas casas que a compõem em encostas de cabeços relativamente destacados na paisagem, obedece com rigor a preceitos defendidos em alguns tratados islâmicos, aconselhando-se os lugares elevados e arejados no estabelecimento das povoações (Catarino, 1997/98, p. 550).

Traduz-se numa forma de povoamento disperso, agrupado em unidades habitacionais distintas, corroborando as investigações sobre este género de habitats noutras regiões do Al-andalus (Bazzana, 1992, p. 318).

Esta povoação implantou-se nas imediações de um vale fértil, irrigado pelas águas da ribeira de Odeleite. Esta ribeira, essencial à vida desta população, seria também uma via privilegiada de comunicação, ponto de partida de produtos agrícolas, que alimentariam alguns centros urbanos e de chegada de produtos manufacturados.

As zonas férteis deste vale levam-nos a equacionar a possibilidade da prática de uma agricultura centrada em parte no regadio, ainda que em consonância com práticas agrícolas de sequeiro, provavelmente localizadas em zonas mais elevadas. O cultivo de cereais está atestado quer pela presença de estruturas relacionadas com o seu armaze-

namento, quer pela presença de vários elementos de mós rotativas identificadas em algumas habitações desta povoação. A agricultura, a par com a pastorícia, seria a base da economia destas populações.

Não sabemos ao certo de quantas unidades habitacionais se compunha esta alcária, nem sabemos tão pouco qual a sua verdadeira extensão. Tivemos ainda assim oportunidade de escavar de forma praticamente integral seis dessas vivendas islâmicas, e parcialmente outras três. Acreditamos estar perante uma grande alcária, com certamente mais de uma dezena de habitações, dispersas ao longo de plataformas mais ou menos regulares localizadas no topo de pequenos cabeços, alguns com domínios visuais reduzidos.

A planta das diversas unidades habitacionais postas a descoberto obedece sempre a um modelo arquitectónico comum, a casa de pátio. Em planta apresentam-se com uma configuração em U ou, mais raramente, em L, dispondo-se todos os elementos principais do núcleo habitacional em redor do pátio central. Todas as habitações se desenvolvem sobre um único piso térreo, não tendo ficado demonstrado em nenhuma delas a existência de pisos superiores.

Este modelo é recorrente quer em contextos urbanos, com maior número de exemplos conhecidos, quer em contextos rurais, destacando-se no nosso território os exemplos do povoado rural de Alcaria Longa, em Mértola (Boone, 1993) e do pequeno sítio rural²² dos alcariais dos Guerreiros de Cima, em Almodôvar (Melro *et al.*, 2004). Em ambos os casos este modelo da casa de pátio encontra-se presente. Parecem cada vez mais reforçadas as palavras de André Bazzana (1990, p. 248) quando este diz que a casa hispano-muçulmana é a casa de pátio.

As dimensões do pátio são determinadas por vários factores. Em primeiro lugar por factores de ordem social, como o maior ou menor número de pessoas dentro do agregado familiar e da respectiva posição socio-económica do mesmo. Em segundo lugar por factores climáticos, de modo a permitir que no verão praticamente toda a área do pátio se encontre protegida de uma radiação solar directa e no Inverno não permitir grandes perdas de calor. A disposição dos vários edifícios em torno deste espaço aberto, permitem minimizar os impactos de climas verdadeiramente extremos, podendo atingir no verão temperaturas superiores a 40° centígrados.

Dentro destas unidades habitacionais importa referir que a funcionalidade dos vários compartimentos poderá eventualmente ser alterada de acordo com a estação do ano, uma vez que o seu interior é afectado pelo clima, procurando-se de verão zonas mais

²² Trata-se segundo os autores, de uma *Al-diya*, que se caracteriza por uma exploração agrícola privada, propriedade fundiária explorada pelo proprietário ou por camponeses locatários, podendo por vezes transformar-se numa pequena aldeola.

amenas para se habitar e nos invernos áreas menos expostas ao frio. Estas situações traduzem-se naquilo a que alguns investigadores designam por nomadismo ou migração interna, quer aconteça no decurso de um dia ou ao longo de uma estação do ano.

No que diz respeito às dimensões destas casas, encontramos semelhanças com construções idênticas em contexto urbano na Península Ibérica. Veja-se, por exemplo, a casa IV do solar municipal da Praça de Belluga, em Múrcia. Esta habitação, em pleno coração da cidade islâmica, ocupa uma área de 120 m² (Jimenez Castillo e Navarro Palazón, 2002, p. 513), correspondendo a uma área ligeiramente inferior a uma das nossas maiores casas, a casa II do SÍTIO 3 com 138,73 m². Claro que as dimensões de algumas casas urbanas são bastante inferiores a estas casas rurais. Em Mértola, por exemplo, a área das casas até à data escavadas oscila entre os 45 e os 88 m² (Macias, 1996, p. 69), áreas bastante inferiores em relação ao grosso das vivendas islâmicas escavadas nesta alcaria. No entanto, também nos alcariais de Odeleite se escavaram casas com pouco mais de 40 m², como parecem ser os exemplos demonstrados pelas casas V e VI, do SÍTIO 2, sem contabilizarmos a área ocupada pelo logradouro da casa V.

Por outro lado temos em ambiente urbano exemplos de casas com áreas enormes, veja-se a título de exemplo o caso das casas 1 e 2 do povoado de Vascos (Izquierdo Benito, 1990, p. 147), cada uma delas com 320 m², ou a casa 5 de Syiasa com 234 m² (Navarro Palazón, 1990, p. 178), embora esta última deva as suas dimensões à anexação de uma vivenda vizinha.

Pelo que foi exposto não se evidenciam grandes diferenças no que toca à arquitectura dos conjuntos referidos, uma vez que todas elas obedecem ao mesmo modelo, nem às dimensões das várias casas enunciadas²³. A casa de pátio urbana é mais rica, utiliza na sua construção e decoração interior elementos mais sumptuosos, destoando aqui sim com a sua parente pobre, a casa rural.

Nota-se que existe na casa urbana uma clara delimitação de alguns espaços, nem sempre visíveis nos espaços internos da casa rural. As alcovas, nalgumas casas urbanas encontram-se perfeitamente destacadas dentro dos salões principais da casa, ocupando uma ou duas das extremidades desta sala, numa zona quase sempre sobrelevada em relação ao piso de circulação deste compartimento. Esses espaços diferenciados não são tão evidentes na casa rural islâmica, o que pode reforçar a ideia de uma maior mobilidade interna no seio destas habitações rurais.

Em nenhum dos pátios das diversas casas escavadas nesta alcaria se encontrou vestígios de um tanque central, ao contrário do que já foi verificado noutras vivendas rurais escavadas no nosso país, como é o caso da casa n.º 5 do sítio islâmico dos Guerreiros de Cima, em Almodôvar (Melro *et al.*, 2004, p. 68). Esta solução poderá eventualmen-

²³ Excepção feita às casas 1 e 2 de Vascos com áreas excepcionais, bem como à casa 5 de Syiasa.

te vir a ser descoberta numa outra habitação desta alcaria, uma vez que como já referimos, apenas parte deste povoado foi escavado.

Tal como em praticamente todas as casas urbanas, também algumas destas casas dispunham de latrina. A latrina identificada na casa III do SÍTIO 3, é de planta rectangular e situa-se num dos cantos do pátio desta casa, a área e a planta deste pequeno compartimento, com apenas 2,40 m², é idêntica a outras estruturas do género encontradas em sítios islâmicos do Algarve oriental, nomeadamente no Castelo Velho de Alcoutim e no Castelo das Relíquias (Catarino, 1997/98, p. 729). Encontram-se também presentes numa das habitações – casa V – do sítio dos Guerreiros de Cima, na região do baixo Alentejo (Melro *et al.*, 2004, p. 68).

Para além de estruturas habitacionais, nas casas escavadas nos alcariais de Odeleite, foram identificadas outras estruturas que se relacionam com outro tipo de estruturas, como cercados, currais e eventuais locais de armazenagem. Estas estruturas, obviamente mais raras em contextos urbanos, parecem estar presentes na maioria dos sítios rurais islâmicos escavados no nosso país. Em Alcaria Longa, Boone coloca a hipótese de alguns compartimentos terem funcionado como currais, e nos Guerreiros de Cima, uma das estruturas escavadas relaciona-se também com um cercado, à semelhança daquele que pusemos a descoberto numa das casas dos alcariais de Odeleite, ainda que a sua configuração seja bastante diferente do exemplar dos Guerreiros.

Nalgumas casas escavadas nos alcariais de Odeleite foi possível verificarmos algumas alterações à planta inicial da casa. Essas mudanças ocorrem na medida em que a casa, qual organismo vivo, na designação de Guichard, se vai ajustando às necessidades do seu tempo, às mudanças no seio da família que acolhe e às alterações, porque não, socio-económicas dos respectivos proprietários. Tal como já o demonstraram outros estudos referidos por alguns investigadores (Guichard e Staevel, 1995, p. 48), existe uma tendência clara de se manter uma certa coesão dentro de um núcleo familiar alargado. As novas casas tendem a reagrupar-se em torno de espaços comuns, essa situação encontra-se bem patente na fase II da casa II do SÍTIO 3. Verificámos que um espaço habitacional comum haveria de ser transformado em duas unidades habitacionais distintas.

Para finalizar queremos apenas referir uma vez mais que pelo que foi exposto, bem como pela análise dos materiais encontrados no decorrer da nossa intervenção no sítio dos alcariais de Odeleite, pensamos estar perante uma grande alcaria que se terá estabelecido durante a fase final do período califal e inícios dos reinos de taifas, cronologicamente em torno de meados do século XI. Trata-se de um período coincidente com a fase de abandono de alguns castelos território, *husun*, da região, constituindo-se como o exemplo mais emblemático o Castelo Velho de Alcoutim.

A ocupação desta alcaria ter-se-á mantido de forma ininterrupta, até ao período

almóada, como comprovam os materiais recolhidos nas camadas correspondentes ao abandono deste local.

Esta cronologia proposta para o início de ocupação deste povoado vai de encontro às cronologias apontadas por alguns autores, quando referem que com o estabelecimento do califado omíada e os inícios dos reinos de taifas, período compreendido entre os séculos X e XI, parece verificar-se por todo o território do Al-andalus um aumento significativo do povoamento rural (Catarino, 1997/98, p. 556).

Pensamos que de alguma maneira este trabalho contribuiu para um conhecimento mais aprofundado sobre o povoamento rural islâmico no nosso país, cientes, no entanto, de que existe ainda um longo caminho a percorrer na abordagem deste tema nas suas múltiplas vertentes.

Agradecimentos

Ao Dr. Virgílio Hipólito Correia, pela análise de alguns elementos compulsados na escavação.

À Dra. Rita Matos, dos laboratórios do Museu Monográfico de Conímbriga, pela limpeza e tratamento das duas moedas encontradas na escavação dos alcariais.

Ao Ivo Pereira, pelas reconstituições tridimensionais das casas deste povoado.

Bibliografia

- BAZZANA, A. (1990) – Maisons rurales du Sharq AL-Andalus. Essai de typologie. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 247-267. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife.
- BAZZANA, A. (1992) – *Maisons d'Al-Andalus. Habitats médiévaux et structures du peuplement dans l'Espagne orientale*, 2 vols., n.º 37. Madrid: Collection de la Casa Velázquez.
- BAZZANA, A. (1996) – Foyers et fours domestiques dans l'architecture rurale d'Al-Andalus. *Arqueologia Medieval*, 4, pp. 139-163. Mértola.
- BERTRAND, M.; CRESSIER P.; MALPICA CUELLO, A. & ROSSELLO-BORDOY, G. (1990) – La vivienda rural medieval de "El Castillo" (Los Guajares, Granada). In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 207-227. Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife. Granada.
- BOONE, J. (1993) – The third season of excavations at Alcaria Longa. *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 111-125. Mértola.
- CATARINO, H. (1997/98) – Algarve oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados. Al-'Uly'a, n.º 6, 3 vols. Loulé.
- GOMES, M. V. (1995) – Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão). In *Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, pp. 33-42. Tondela.
- GOMES, M. V. & GOMES, R. V. (2001) – *Palácio almôada da alcáçova de Silves*. Lisboa: Instituto Português de Museus / Museu Nacional de Arqueologia de Silves.
- GOMES, R. V. & GOMES, M. V. (2004) – O Ribat da Arrifana (Aljezur, Algarve). Resultados da campanha de escavações arqueológicas de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, n.º 1, pp. 483-573. Lisboa.
- GUICHARD, P. & VAN STAEBEL, J. (1995) – La casa andalusí: ensayo de lectura antropológica. In *Casas y palacios de AL-Andalus. Siglos XII-XIII*, pp. 45-51. Barcelona / Madrid: Lunwerg Editores S.A.
- IZQUIERDO BENITO, R. (1990) – La vivienda en la ciudad hispanomusulmana de Vascos (Toledo). Estudio arqueológico. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 147-162. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife.
- JIMÉNEZ CASTILLO, P. & NAVARRO PALAZÓN, J. (2002) – Casas y tiendas en la Murcia Andalusí. Excavación en el solar Municipal de Plaza de Belluga. *Memorias de Arqueología*, 10. Murcia.
- KHAWLI, A. (1993) – Introdução ao estudo das vasilhas de armazenamento de Mértola islâmica. *Arqueologia Medieval*, 2, pp. 133-145. Campo Arqueológico de Mértola. Ed. Afrontamento, Porto.
- MACIAS, S. & TORRES, C. (1995) – Consumo alimentar e utensílios de cozinha. In *Segundas Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, pp. 67-80. Tondela.
- MACIAS, S. (1996) – *Mértola Islâmica. Estudo histórico-arqueológico do bairro da alcáçova (séculos XII-XIII)*. Mértola.
- MELRO, S.; GONÇALVES, A. & CLÉLIA, S. (2004) – Intervenção Arqueológica nos alcariais dos Guerreiros de Cima. *Era-Arqueologia, Revista de Divulgação Científica de Estudos Arqueológicos*, 6, pp. 62-81. Lisboa.
- NAVARRO PALAZÓN, J. (1990) – La casa andalusí de Siyasa: ensayo para una clasificación tipológica. In *La casa hispano-musulmana. Aportaciones de la arqueología*, pp. 117-198. Granada: Publicaciones del Patronato de la Alhambra y Generalife.

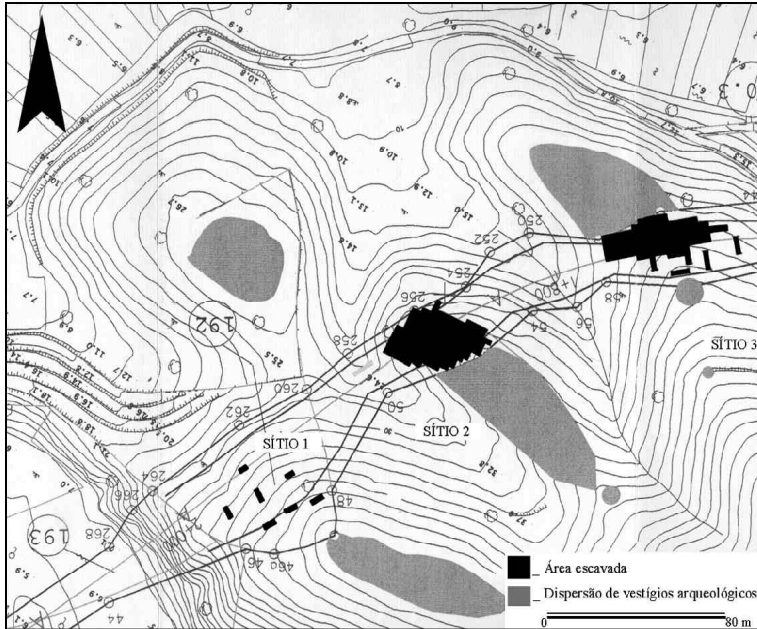


FIGURA 1. Implantação das áreas intervenionadas no traçado do restabelecimento 7B e dispersão dos restantes vestígios arqueológicos coevos deste povoado.

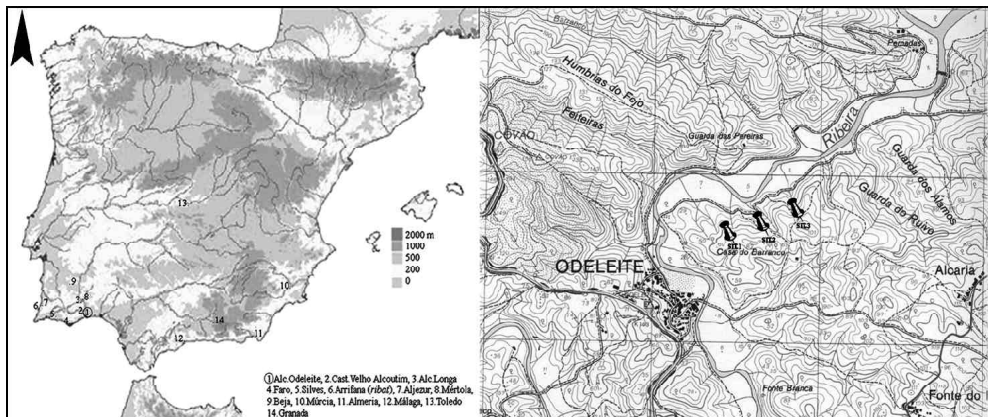


FIGURA 2. Localização dos principais sítios arqueológicos mencionados na Península Ibérica e localização dos sítios intervenionados na C.M.P., esc. 1/25.000, fl. 583, ed. 1978.

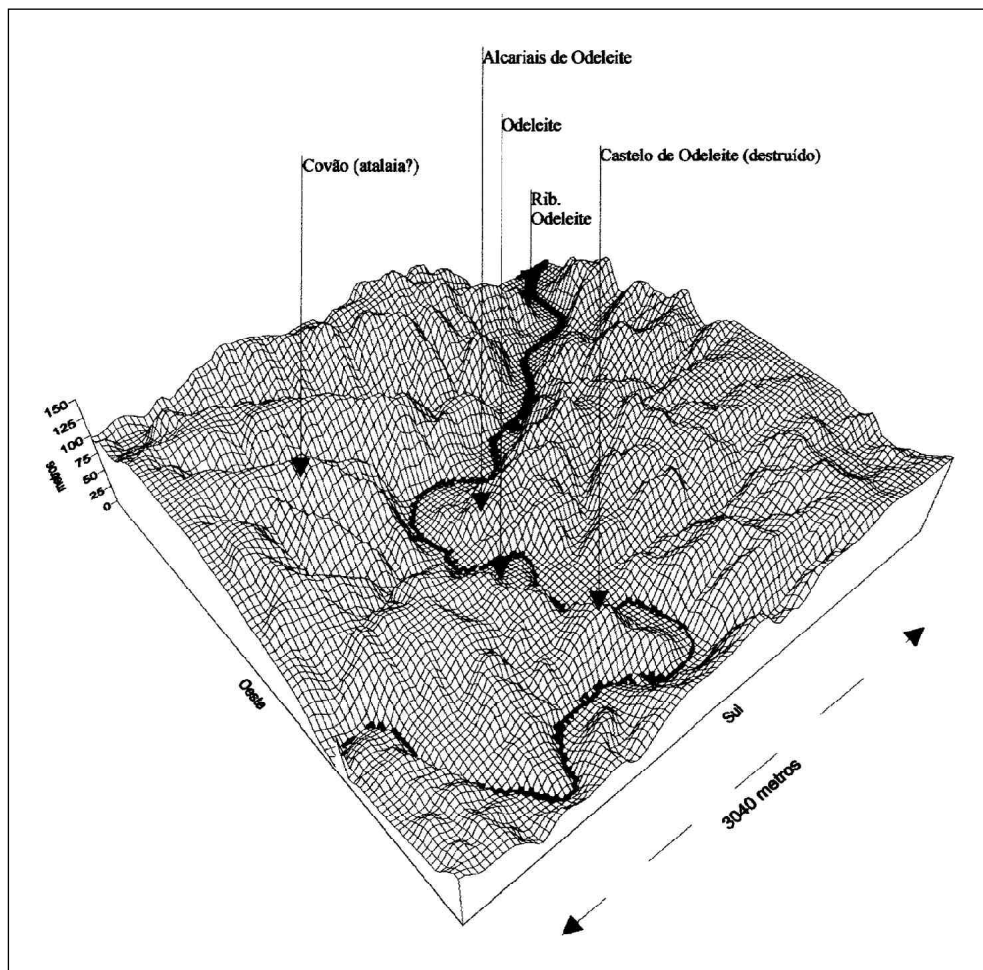


FIGURA 3. Representação tridimensional, em *wire-frame*, da área envolvente ao povoado.

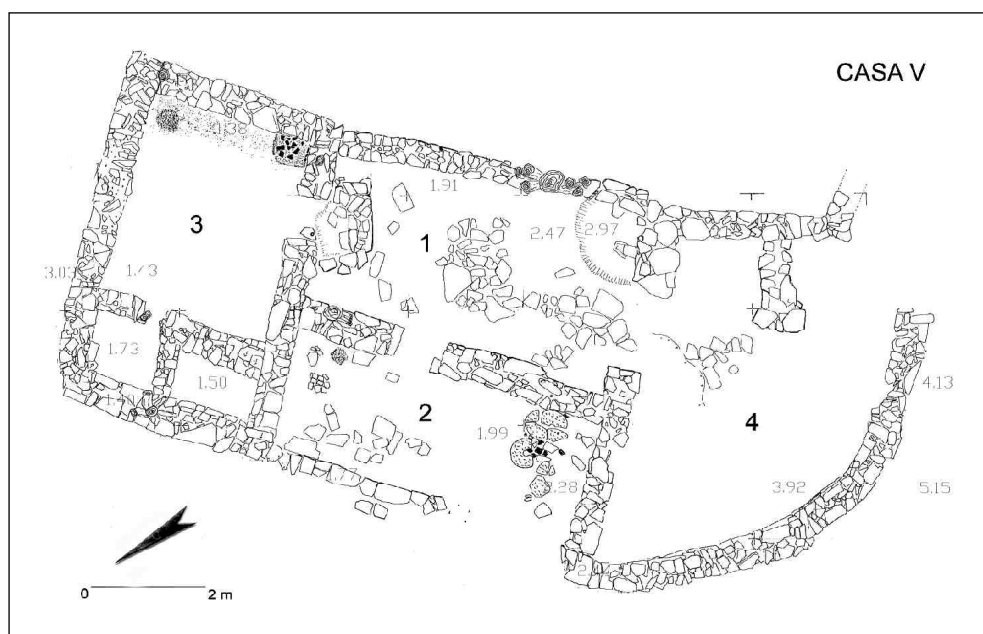


FIGURA 4. Planta geral da CASA V, SÍTIO 2.



FIGURA 5. Pátio da CASA V, sendo visível em segundo plano o degrau de acesso ao Compartimento 3 – cozinha. Pormenor da lareira localizada no interior do Compartimento 2 (foto inferior).



FIGURA 6. Pormenor da estrutura localizada no interior da cozinha da CASA V – “armário de parede”. Escavação da lareira localizada nesse mesmo compartimento (foto inferior).

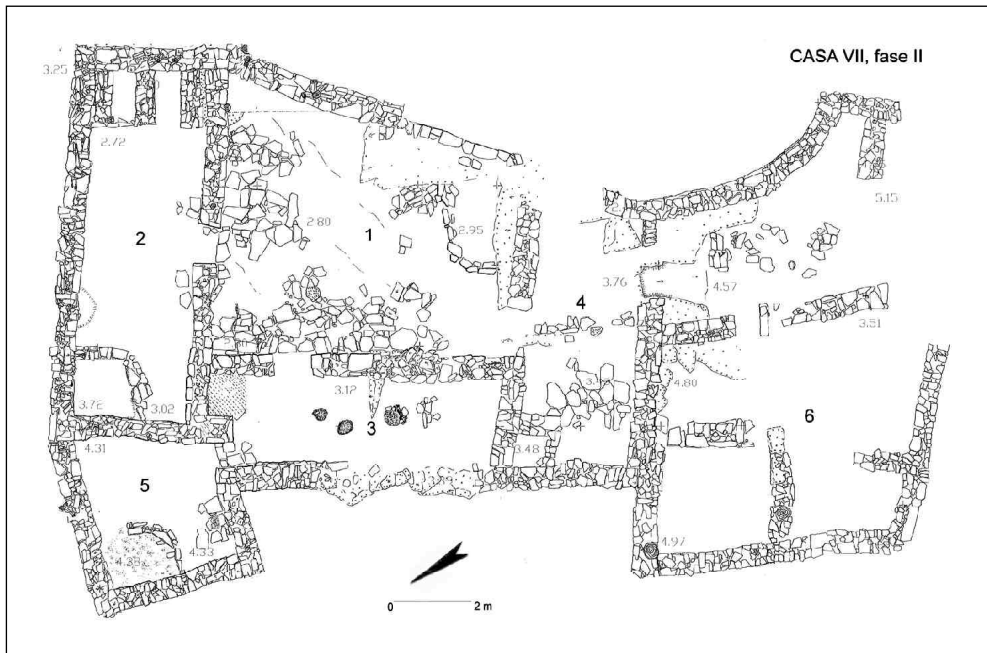


FIGURA 7. Planta geral da CASA VII (fase II), SÍTIO 2.

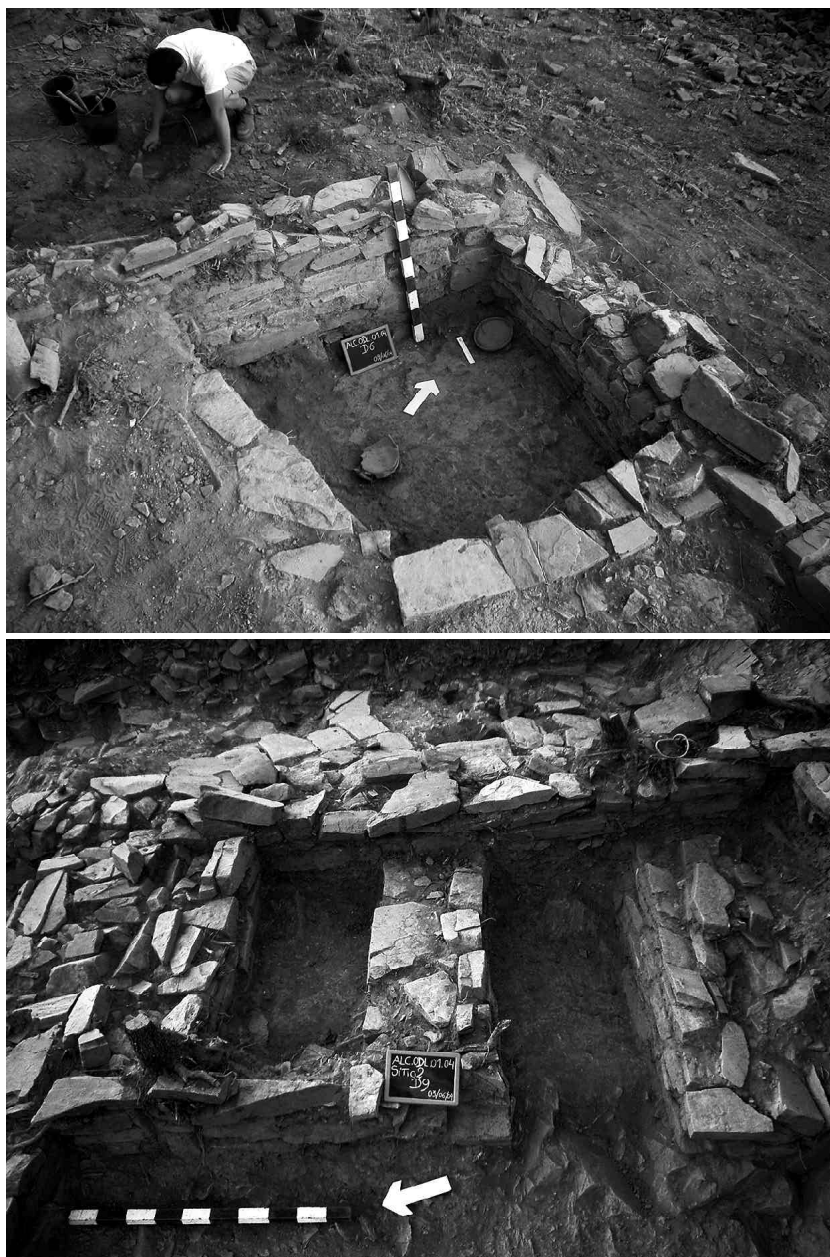


FIGURA 8. Pormenor da estrutura negativa localizada no interior do Compartimento 2 da CASA VII. Pormenor da estrutura localizada na extremidade sudeste do mesmo compartimento (foto inferior).

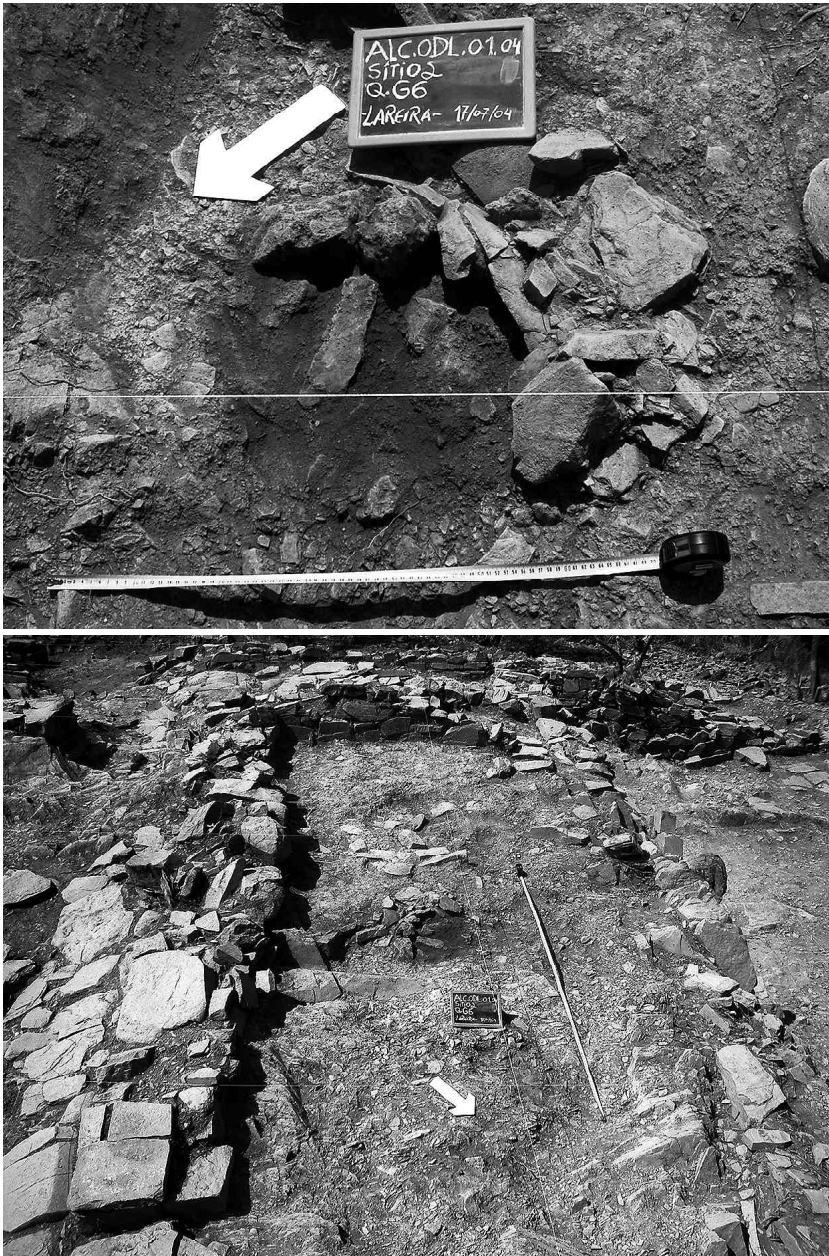


FIGURA 9. Pormenor de uma das três lareiras encontradas no interior do Comp. 3 da CASA VII. Vista geral sobre esse mesmo compartimento (foto inferior).



FIGURA 10. Vista geral sobre o compartimento 5, CASA VII. Pormenor da lareira identificada nesse mesmo compartimento (foto inferior).

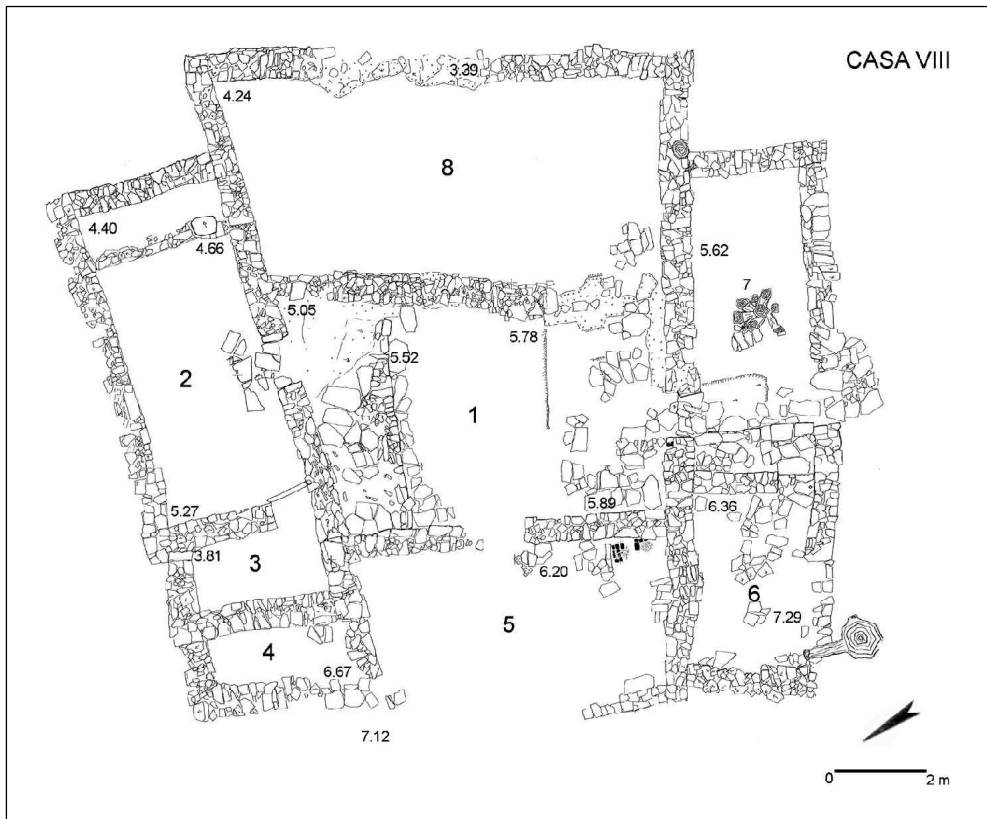


FIGURA 11. Planta geral da CASA VIII, SÍTIO 2.

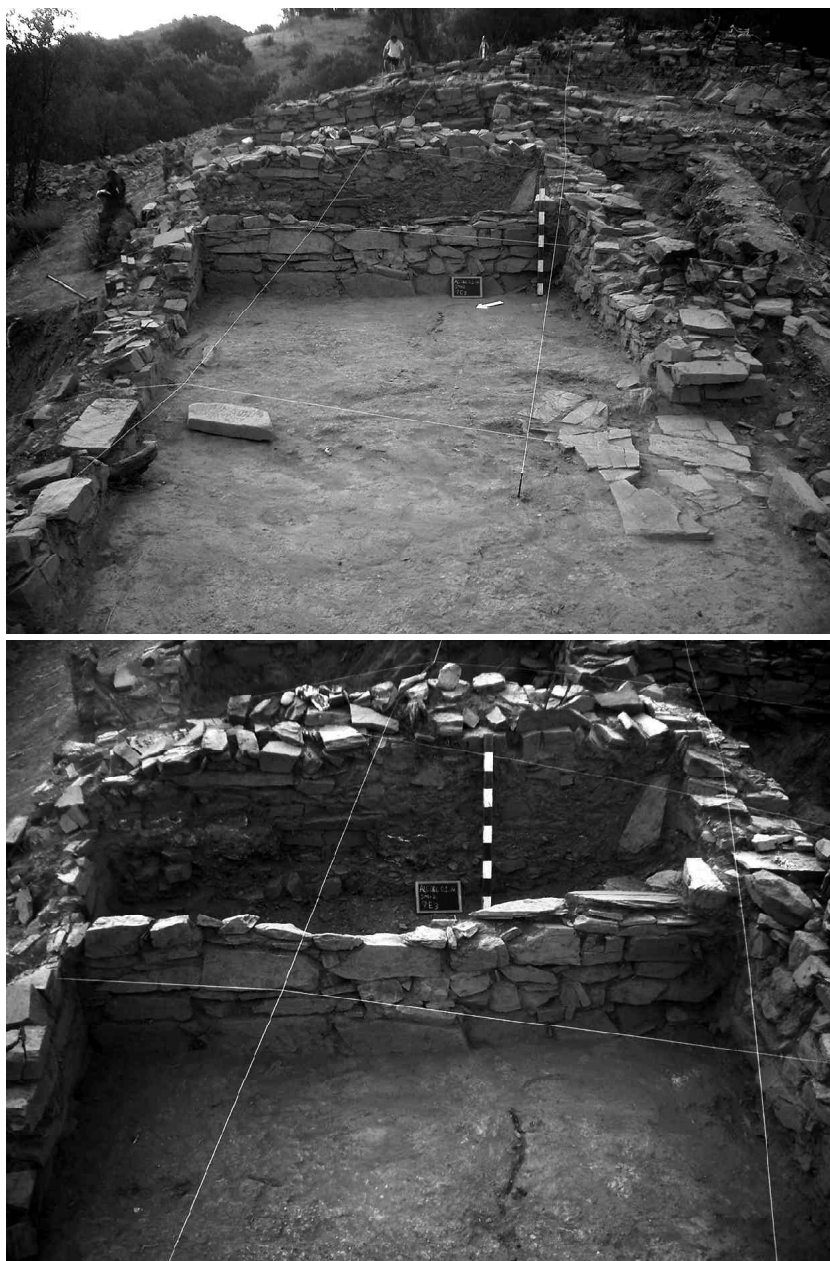


FIGURA 12. Vista geral sobre o compartimento 2, CASA VIII. Pormenor da estrutura localizada na extremidade sudeste desse mesmo compartimento (foto inferior).



FIGURA 13. Compartimento 4, em primeiro plano, da CASA VIII. Compartimento 3, em primeiro plano, da mesma casa (foto inferior).



FIGURA 14. Vista sobre o cercado da CASA VIII, em segundo plano é visível o pátio e patamar de acesso ao interior do Comp. 2. Pormenor dos trabalhos arqueológicos (foto inferior).

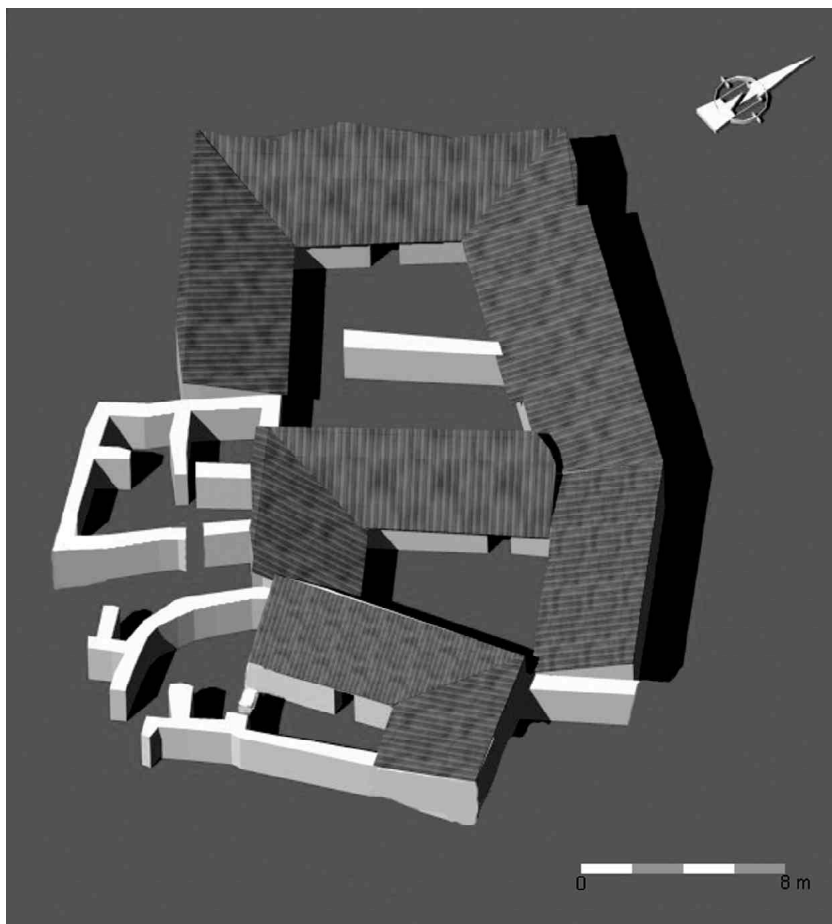


FIGURA 15. Reconstituição tridimensional das CASAS V, VII e VIII.

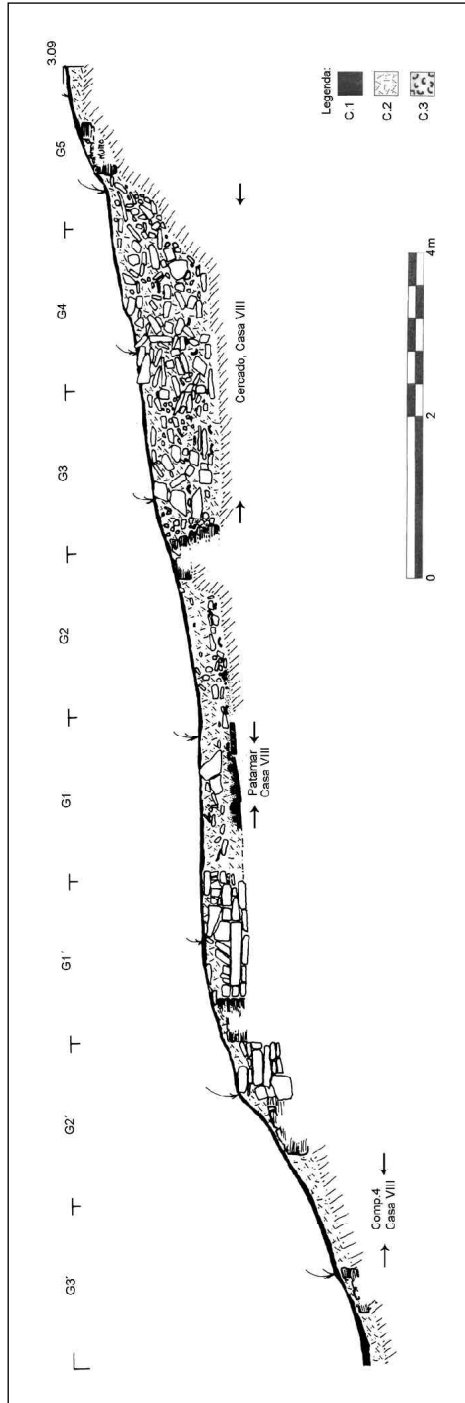


FIGURA 17. Corte estratigráfico 2 (G3'-G5), SÍTIO 2, perfil nordeste/sudeste.

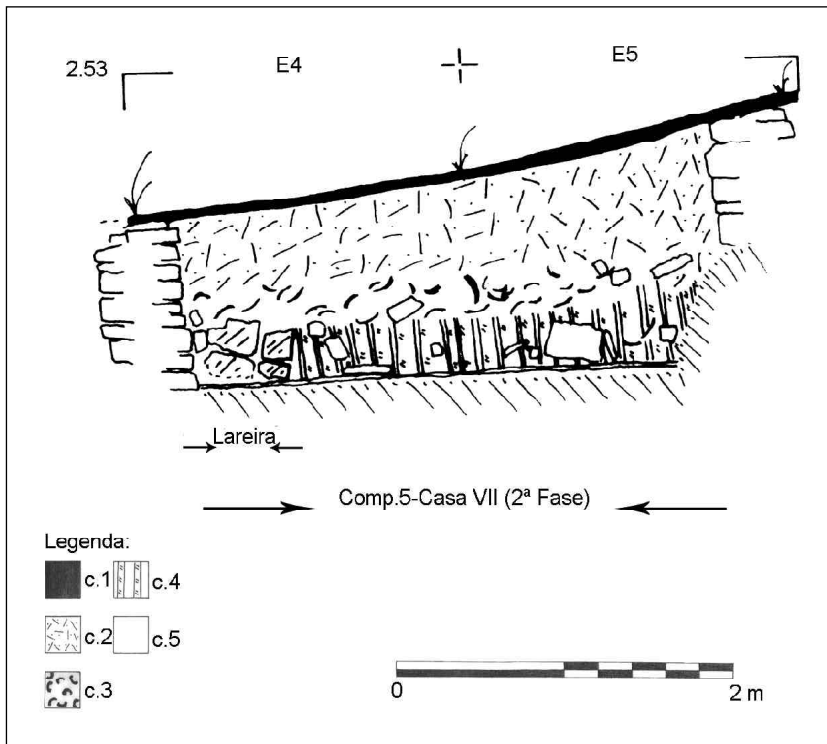


FIGURA 18. Corte estratigráfico 3 (E4-E5), SÍTIO 2, perfil noroeste/sudeste.



FIGURA 19. Planta geral das estruturas arqueológicas do SÍTIO 2.

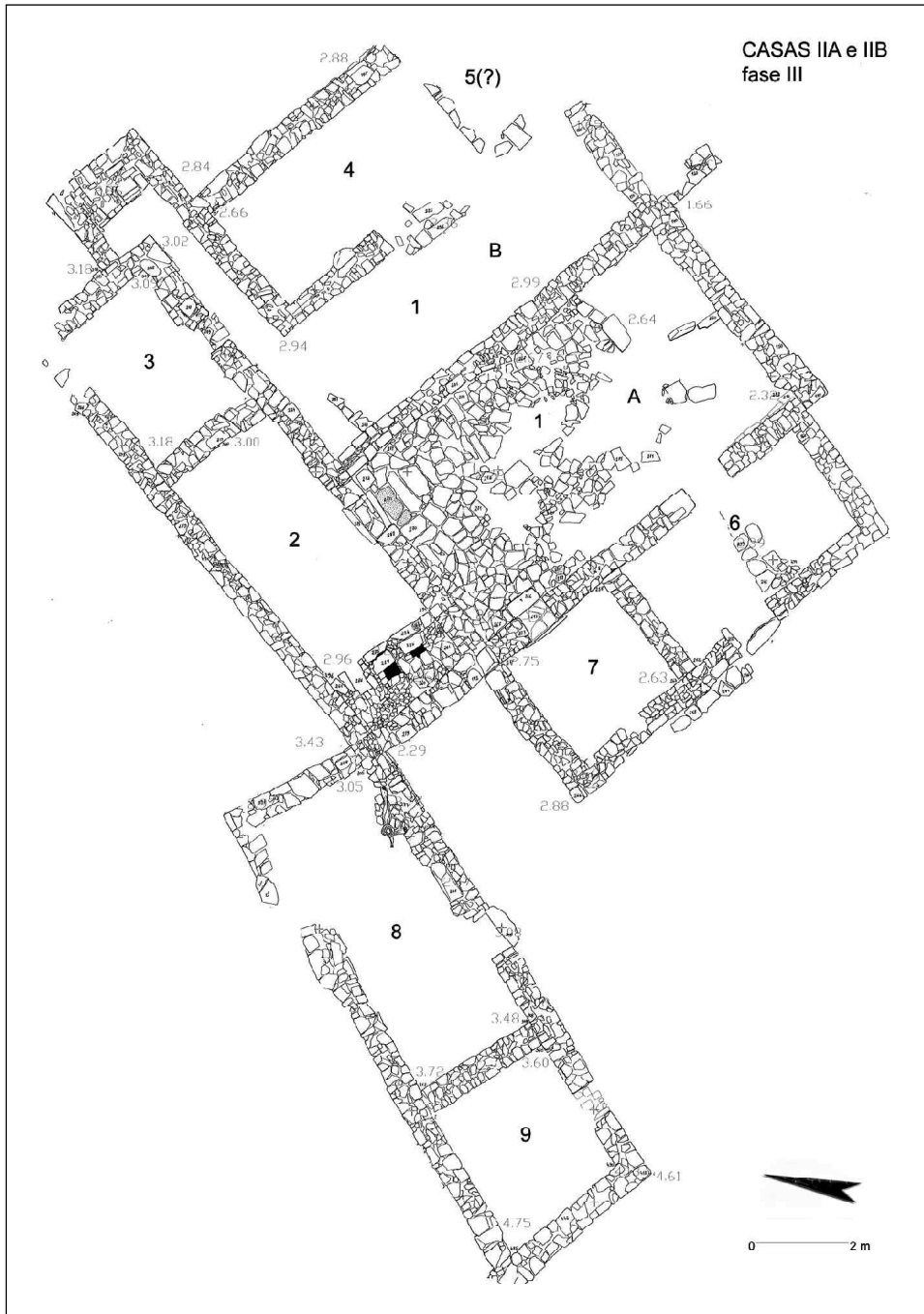


FIGURA 20. Planta geral da CASA IIA e IIB (fase III), SÍTIO 3.



FIGURA 21. Vista geral da CASA II. Pormenor da estrutura localizada na extremidade este do pátio da CASA IIB (foto inferior).

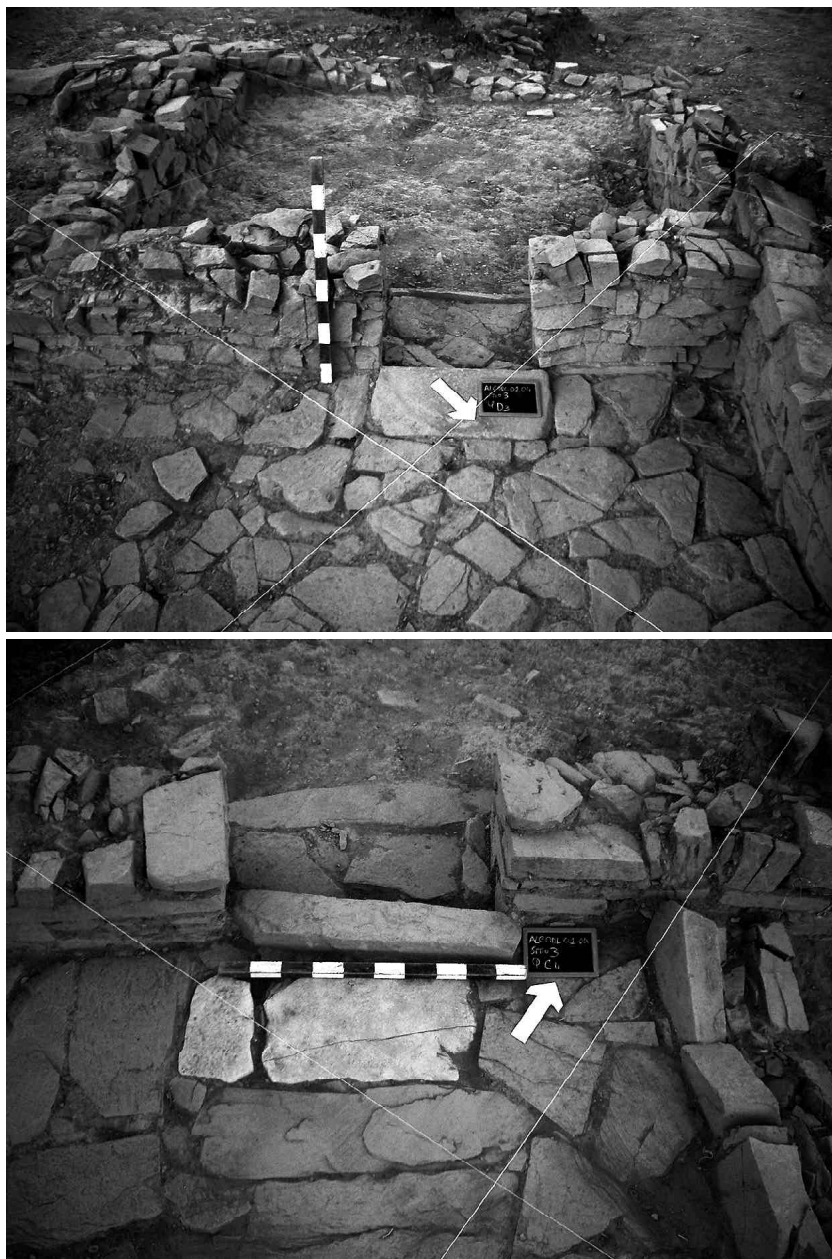


FIGURA 22. Pormenor da entrada cuidada para o compartimento 7, CASA IIB. Pormenor da entrada para o compartimento 2 da mesma casa, note-se o pormenor dos dois blocos de calcário (foto inferior).

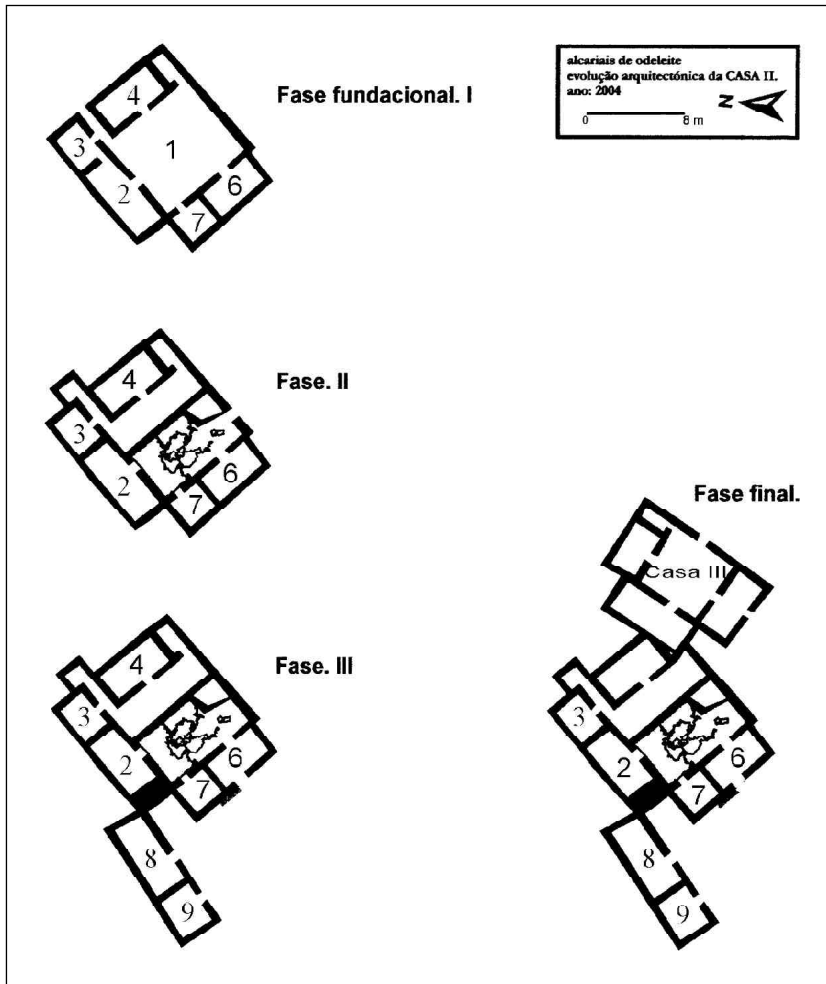


FIGURA 23. Evolução arquitectónica da CASA II.



FIGURA 24. Pormenor da estrutura que fazemos corresponder à entrada principal da CASA II A (fase II). Outro pormenor da mesma estrutura (foto inferior).

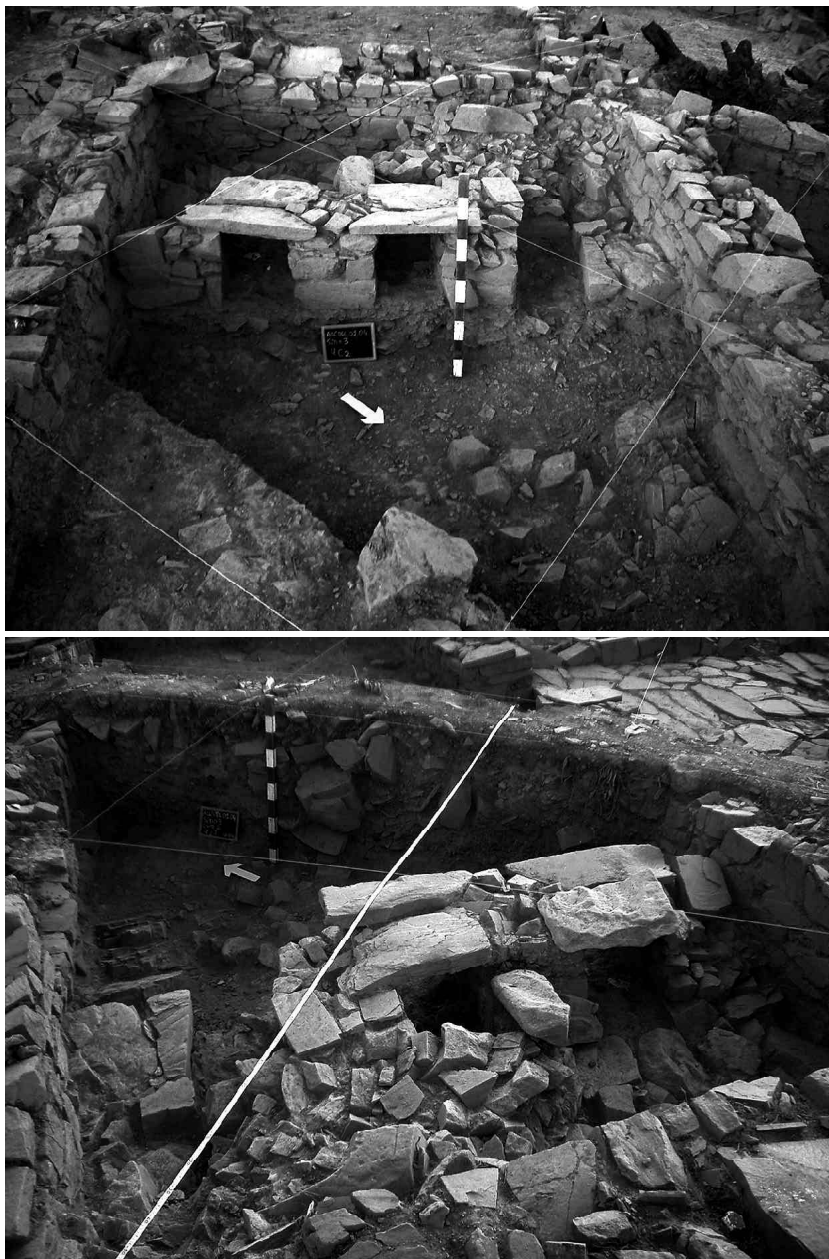


FIGURA 25. Pormenor da estrutura localizada na extremidade sudoeste co compartimento 2, CASA IIB. Pormenor da mesma estrutura vista de sudoeste (foto inferior).

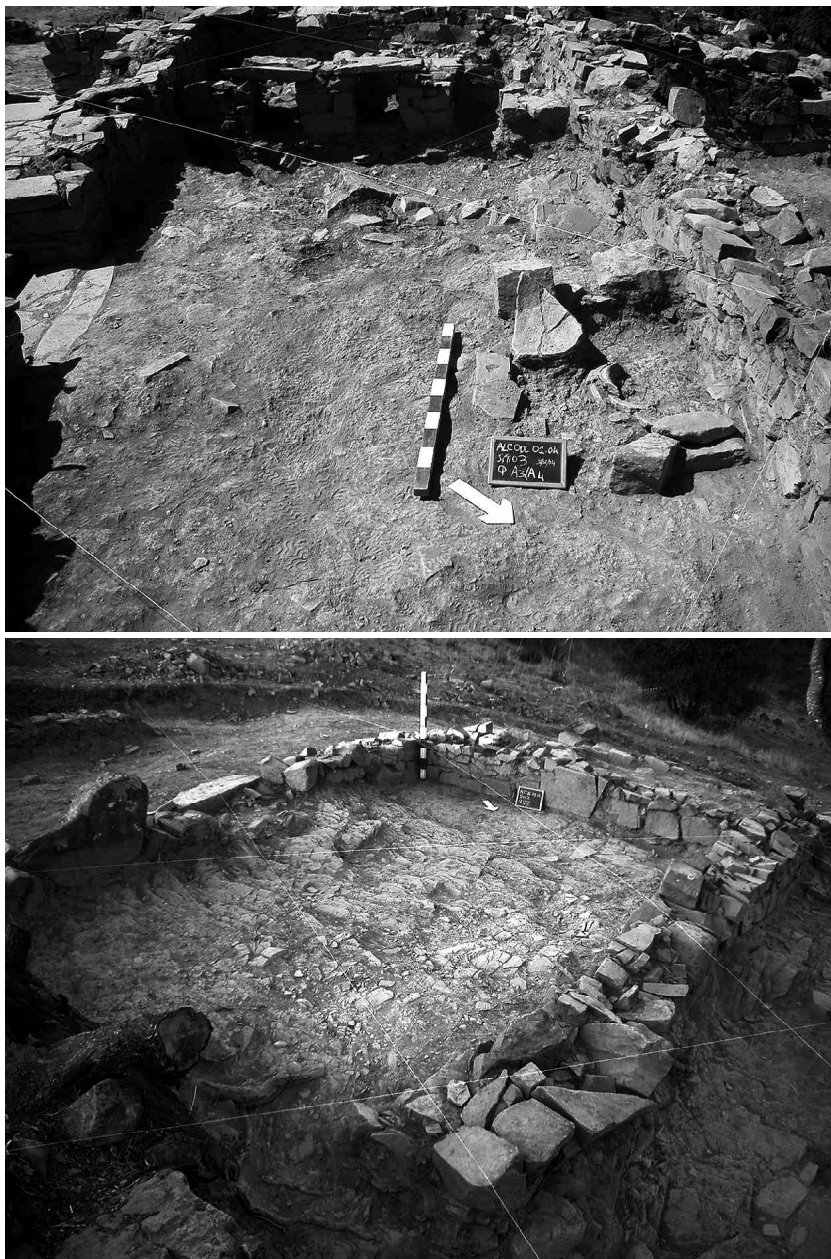


FIGURA 26. Vista geral sobre o compartimento 2 da casa IIB, vendo-se em primeiro plano restos de talha Almóada *in situ*. Vista geral sobre o compartimento 8 da mesma casa (foto inferior).



FIGURA 27. Vista geral sobre os pátios das CASA IIA e IIB. A laje de xisto, em primeiro plano, marca a entrada principal da CASA IIA na fase II.

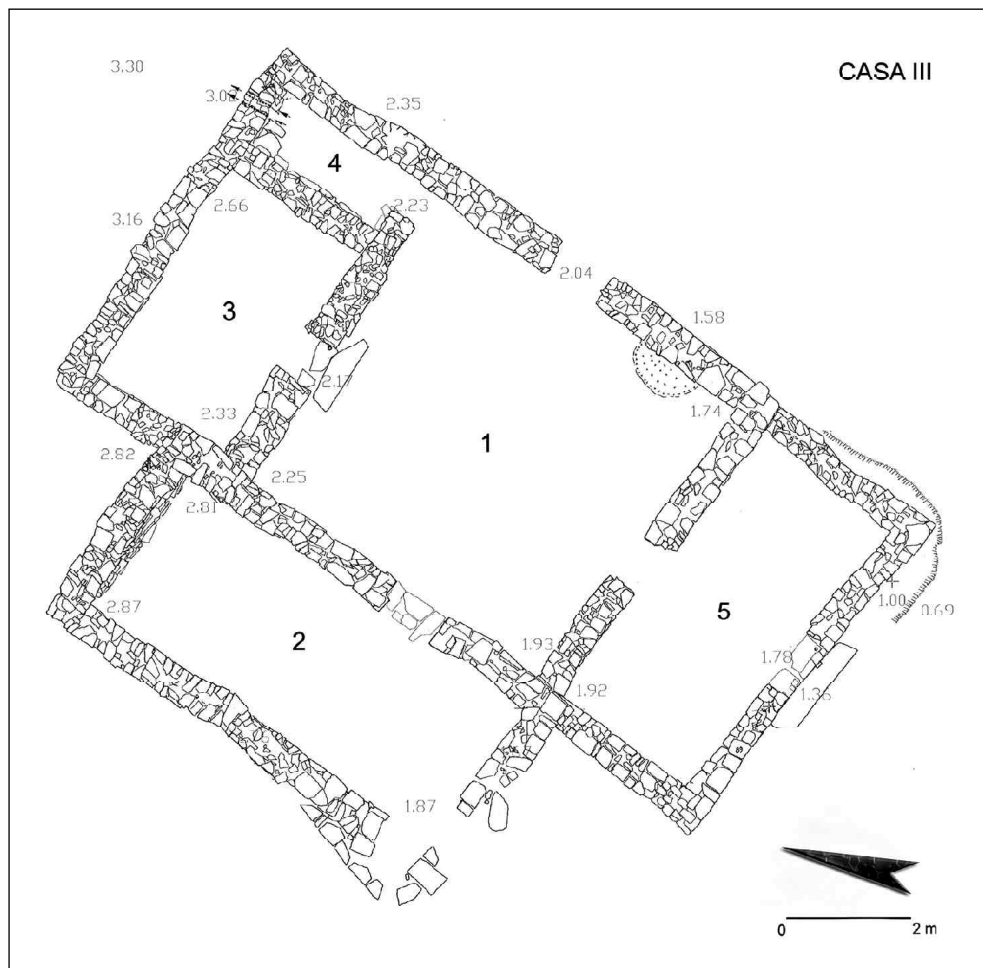


FIGURA 28. Planta geral da CASA III, SÍTIO 3.

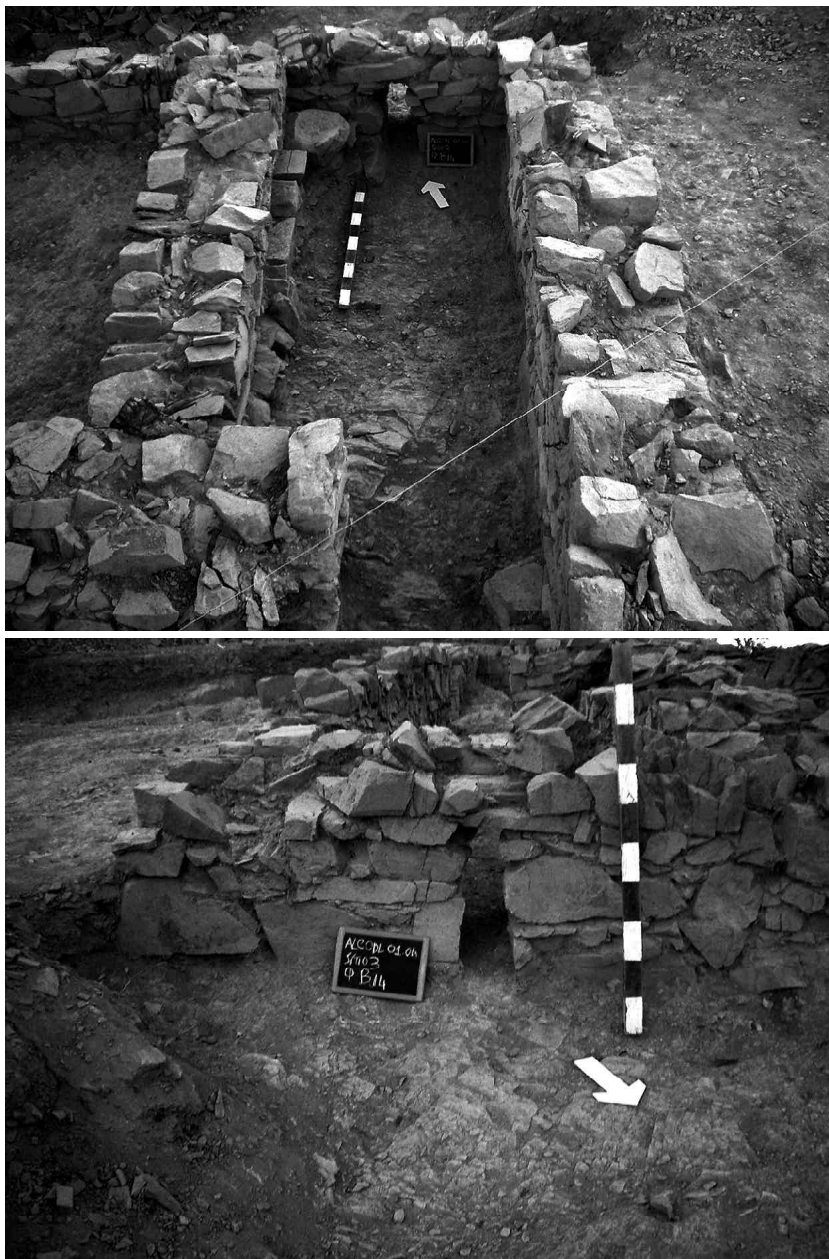


FIGURA 29. Latrina da CASA III. Pormenor do canal de escoamento, visto do exterior, da latrina (foto inferior).



FIGURA 30. CASA III, em primeiro plano entrada para o compartimento 5, pelo exterior. Vista geral sobre a CASA III (foto inferior).

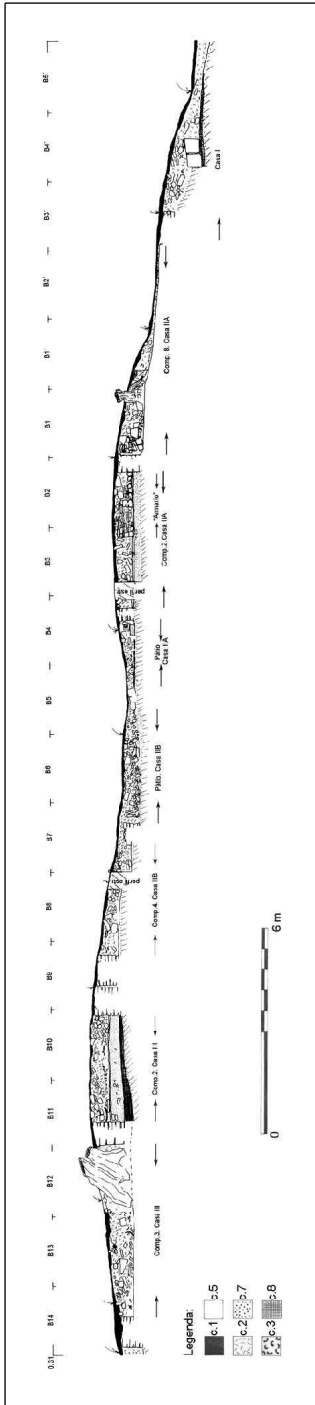


FIGURA 31. Corte estratigráfico 1 (B14 a B5'), SÍTIO 3, perfil este/oeste.

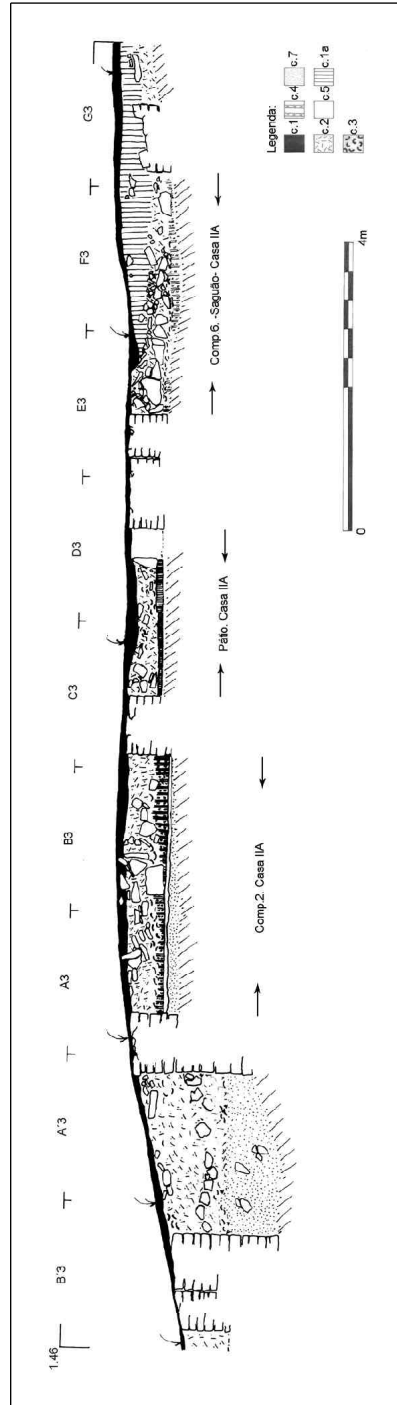


FIGURA 32. Corte estratigráfico 2 (B3' a G3), SÍTIO 3, perfil norte/sul.

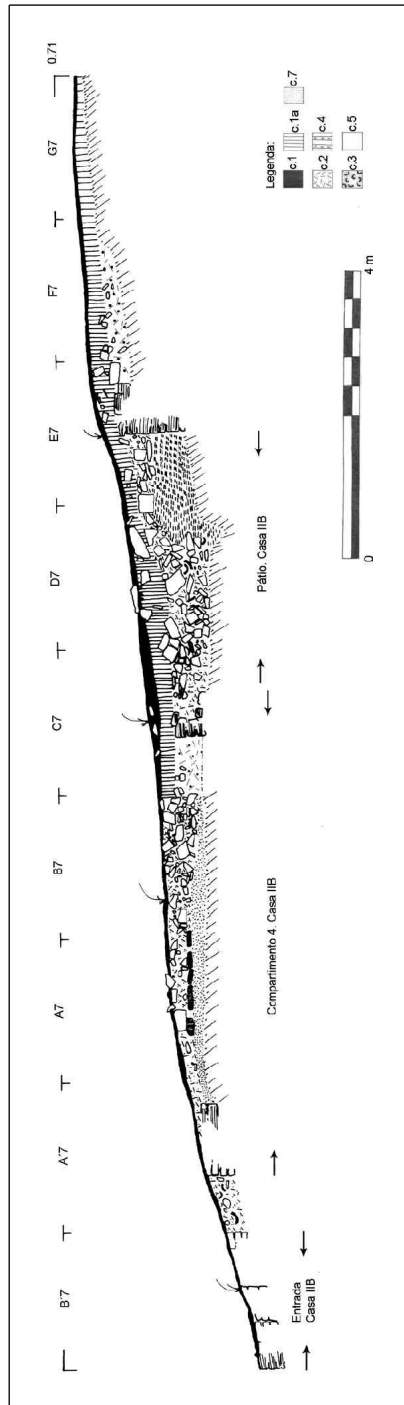


FIGURA 33. Corte estratigráfico 3 (B7 a G7), SÍTIO 3, perfil norte/sul.



FIGURA 34. Planta geral das estruturas arqueológicas do SÍTIO 3.



FIGURA 35. Fragmento de tigela vidrada melada com decoração esquemática a manganés. Fragmento de tigela vidrada de cor castanha, sem decoração com terminação em pé anelar (foto inferior).



FIGURA 36. Fragmento de bilha decorada a verde e manganés. Fragmento de recipiente decorado segundo a mesma técnica (foto inferior).

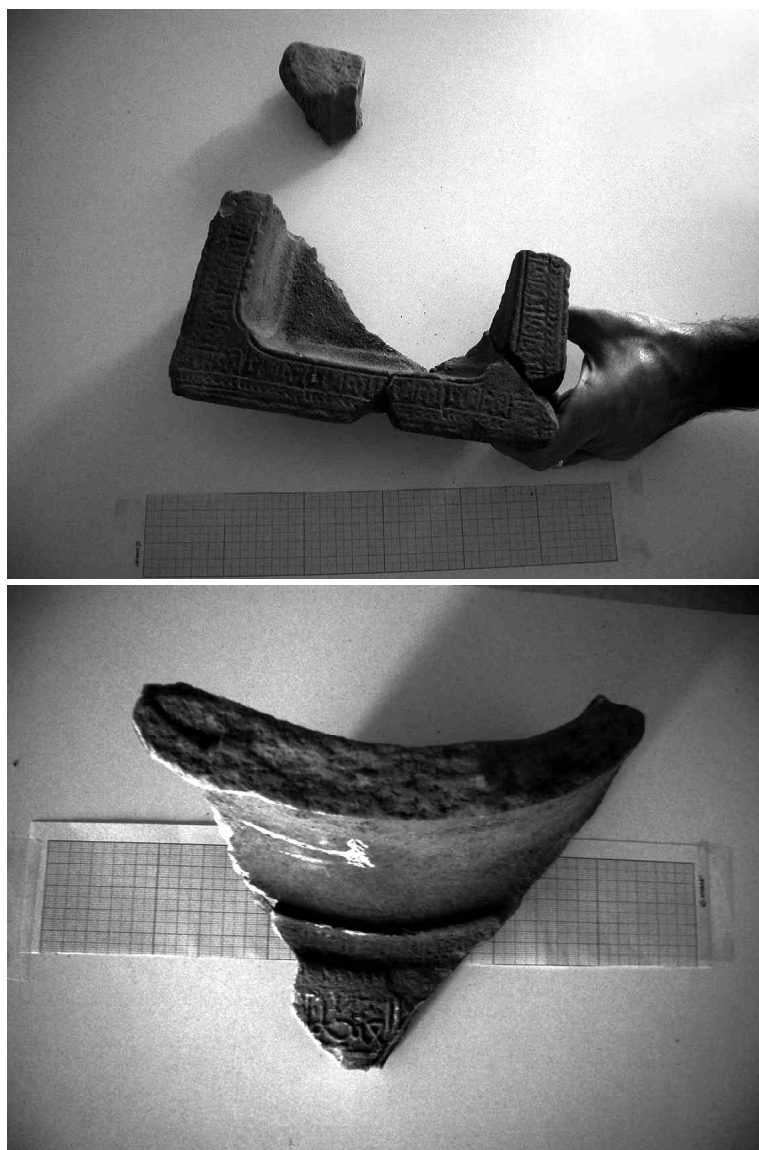


FIGURA 37. Fragmento de pia de abluções em cerâmica comum, decorada. Fragmento de talha decorada do período Almóada (foto inferior).

